

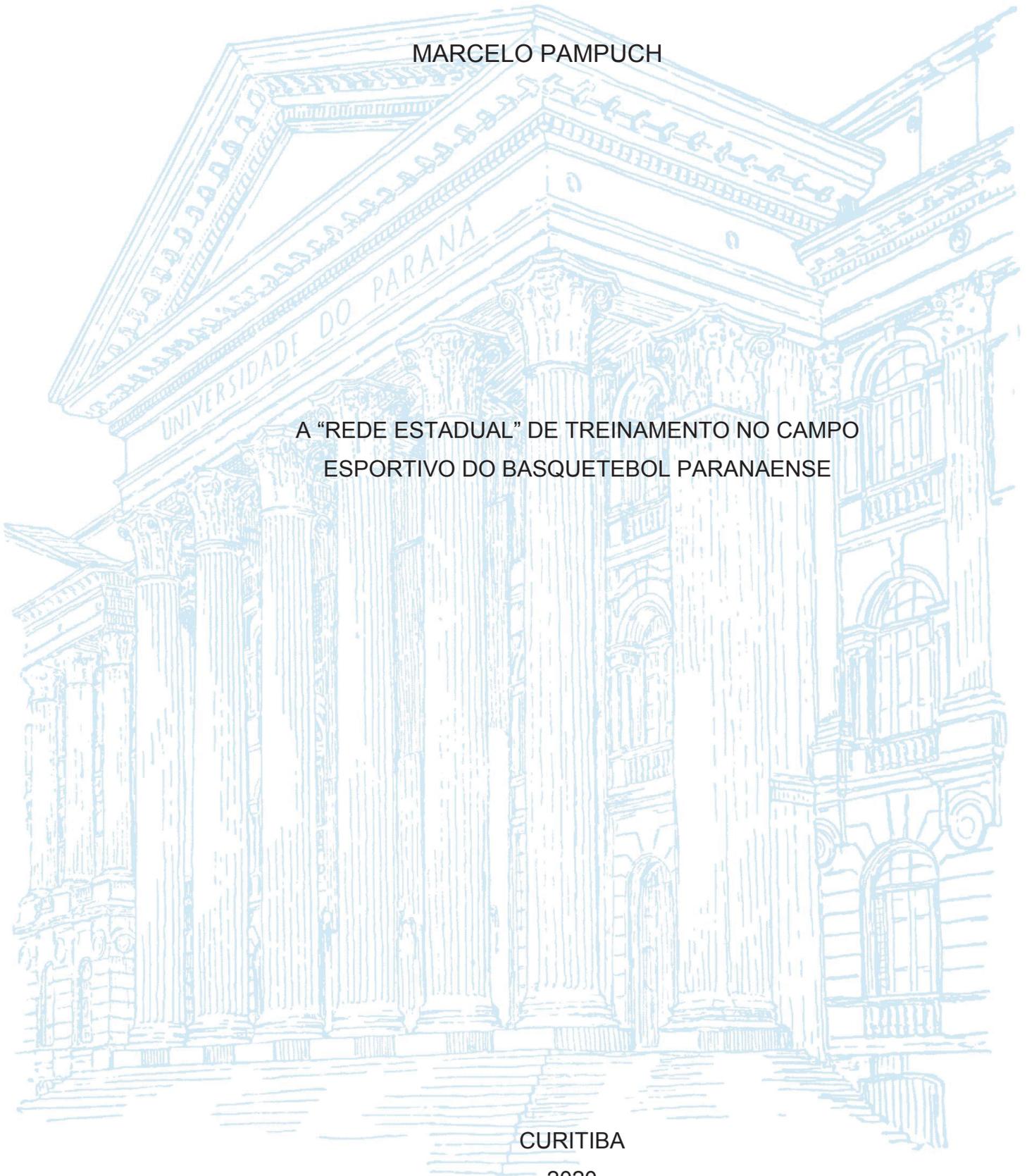
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCELO PAMPUCH

A “REDE ESTADUAL” DE TREINAMENTO NO CAMPO  
ESPORTIVO DO BASQUETEBOL PARANAENSE

CURITIBA

2020



MARCELO PAMPUCH

A “REDE ESTADUAL” DE TREINAMENTO NO CAMPO  
ESPORTIVO DO BASQUETEBOL PARANAENSE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli.

CURITIBA

2020

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Rosilei Vilas Boas – CRB/9-939).

Pampuch, Marcelo.

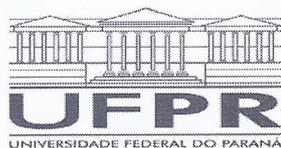
A "Rede Estadual" de treinamento no campo esportivo do Basquetebol paranaense. / Marcelo Pampuch. – Curitiba, 2020.  
126 f. : il.

Orientador: Fernando Renato Cavichioli.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Treinamento. 2. Basquetebol. 3. Carreiras - Formação. 4. Esportes - Legislação. 5. Esportes – Aspectos sociológicos. 6. Política pública. 7. Esportes – Paraná – Aspectos políticos. I. Título. II. Cavichioli, Fernando Renato. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20.ed.) 796.323



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -  
40001016047P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARCELO PAMPUCH** intitulada: **A "Rede Estadual" de treinamento no campo esportivo do Basquetebol paranaense**, sob orientação do Prof. Dr. FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 12 de Fevereiro de 2020.

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RIQUELDI STRAUB LISE

Avaliador Interno Pós-Doc (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

GILMAR FRANCISCO AFONSO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me trouxeram até aqui e a caminhada foi longa, difícil, mas ao mesmo tempo prazerosa. Curtir o caminho é o conselho que todos falam, mas nem sempre é possível notar as belezas do percurso em meio a tantos esforços, sacrifícios e a correria do dia a dia. Ainda bem que eu tenho vocês!

Inicio agradecendo a Deus e a minha família. Aos meus pais Adão e Denise, que sempre foram suporte em toda a minha vida, sempre me apoiaram e me ensinaram que não posso me contentar com pouco, vocês sempre foram essenciais e sem vocês nada disso teria acontecido. Ao meu irmão Vinícius, porque sem você minha vida não teria a mesma graça.

Agradeço também a Camila Ramos Polonio, que nesse mestrado foi quem mais me incentivou, desde o processo seletivo até a reta final, me cobrando e me fazendo uma pessoa melhor dia após dia, você é inspiração pura! Aproveito para demonstrar gratidão à minha segunda família: Suzi, Fê, Rob... sem jamais esquecer a Luna, Zoe e Oliver – a convivência com vocês me engrandece e faz parte do que sou hoje.

Ao meu orientador Fernando Cavichioli, o Cavicca, por acreditar em mim em um momento que todos desconfiavam. O calendário nem sempre foi cumprido à risca, porém terminamos! Obrigado pelas contribuições, orientações, pelo tempo disponibilizado. Estendo meu agradecimento acadêmico ao meu coorientador André Felipe Caregnato, aos membros da banca professor Gilmar Francisco Afonso e professor Riqueldi Straub Lise que tanto contribuíram e ao grupo do professor Cavicca, todos fundamentais para que o trabalho se desenvolvesse da melhor maneira possível.

Não poderia esquecer também do professor Wanderley Marchi Jr. e seu grupo entre os anos 2013 a 2015. Esse trabalho se deve a vocês também. Meus agradecimentos e um pedido de desculpas. Demorou mais tempo que o esperado, mas valeu a pena.

Ao pessoal da Uniandrade, em especial ao professor Ricardo Battisti Archer, Letícia Cardoso Marto e Leonardo Farah que tanto me apoiaram, das mais diversas maneiras, para que esse sonho se concretizasse. Aos demais professores e alunos que contribuíram e contribuem academicamente para que eu possa ter chegado até aqui.

Ao pessoal do Colégio Medianeira, em especial ao professor Francisco Faigle, o Chicão, Sensei Sueli Takemori e Vinícius Soares Pinto que permitem minha caminhada de mais de 7 anos na instituição. Além deles, todos os colegas e ex-colegas de trabalho que lá passaram e ensinaram, conviveram e deixaram marcas em minha vida.

Ao basquetebol como um todo. Que me deu um rumo, que me fez sentir um frio na barriga antes de todas as partidas e que hoje é minha fonte de sustento. Aos professores Eduardo, Adilson, Durão, Emerson e Jefferson pela paciência com o atleta. Aos professores Adilson, Doalcei, Emerson, Hamilton e José pelas ideias, ensinamentos e risadas. A todos os meus atletas e alunos, dos 5 aos 40 anos, que passam por mim e me lembram da satisfação que é ser professor/treinador. E claro, aos amigos que esse esporte me proporcionou e que estão comigo até hoje.

Aos entrevistados. Grandes profissionais que engrandeceram esse trabalho por meio dos seus relatos. Minha total admiração por tudo o que vocês fazem pelo esporte da bola laranja.

À Ana Luiza Bonamigo, que no estouro do cronômetro garantiu minha vitória. Muito obrigado pela ajuda.

À CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À querida Universidade Federal do Paraná, juntamente aos que fizeram parte do trajeto até aqui. Companheiros de graduação e mestrado, professores e funcionários em geral, experiências únicas dessa instituição que resiste e merece ser gratuita e para todos. Orgulho de ser Federal!

A todos e a tudo que, de alguma maneira, contribuíram para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

*I've missed more than 9,000 shots in my career. I've lost almost 300 games. 26 times I've been trusted to take the game winning shot and missed. I've failed over and over and over again in my life. **And that is why I succeed.***

*(Michael Jordan)*

## RESUMO

A Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011, em seu artigo 16, traz a criação da Rede Nacional de Treinamento (RNT), sendo vinculada ao Ministério do Esporte e composta por centros de treinamento de alto rendimento, tanto nacionais como regionais ou locais, articulada para o treinamento de modalidades dos programas olímpico e paraolímpico, desde a base até a elite esportiva. A presente dissertação tem questão norteadora como se constitui a Rede de Treinamento de Basquetebol no estado do Paraná, no entendimento dos principais técnicos do Estado. Para isso, apresentamos na primeira parte do estudo os movimentos e nuances que resultaram na criação e posteriormente modificação da Lei que trata da Rede Nacional de Treinamento, com um breve relato de como se realiza esses movimentos fora do país. Na sequência, apresentamos nossa ferramenta sociológica através dos conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, como o *campo*, o *habitus*, os *agentes* e a relação de *poder*. A terceira parte do estudo foi desenvolvida sobretudo através dos depoimentos de 5 entrevistados das principais equipes do Paraná e seus entendimentos sobre como é constituída a Rede de Treinamento no Estado, apontando a formação e qualificação dos profissionais que trabalham com basquetebol, o atual sistema de formação de atletas, a estrutura física do local de trabalho dos entrevistados, o papel das instituições no processo de desenvolvimento dos indivíduos e o conhecimento sobre a RNT. Para fazer análise dos dados obtidos das entrevistas, foram utilizados os preceitos da técnica Análise do Conteúdo. Os resultados apontaram que existem muitas diferenças de realidade entre os entrevistados, tanto em estrutura, como em número de atletas e aporte financeiro. Foi diagnosticado a ausência de cursos e apoio para atualizar os treinadores paranaenses assim como um treinamento padrão para os jovens atletas que se destacam na modalidade. Além disso, notamos que não existe nenhum processo de identificação, seleção ou detecção de jovens talentos de maneira oficial e através de instituições responsáveis pela organização do basquetebol no Estado, apenas dos clubes, prefeituras e associações que dele participam. Por fim, foi constatada que a Rede Nacional de Treinamento está presente no papel, mas não se efetiva na prática. Contudo há uma rede informal no estado do Paraná que pôde ser identificada nas entrevistas onde os treinadores citam um caminho possível para o atleta talentoso trilhar para chegar ao profissionalismo.

Palavras-chave: Rede Nacional de Treinamento; Basquetebol; Formação Esportiva; Políticas Públicas; Sociologia do Esporte.

## **ABSTRACT**

The law nº 12.395, of March 16, 2011, article 16, brings the creation of the National Training network, which is bounded to the sports ministry and composed by high-performance training centers, being them national or regional ones, articulated for the training of modalities of Olympic and paralympic programs, since its base to the sports elite. The present dissertation aims to diagnose the basketball training network of Parana's state from the coaches' perspective.

For such, it is presented the first part of the study of movements and nuances which resulted in the creation and afterward, modification of the law regarding the National Training Network, with a brief report of how these movements are developed abroad. Right after, it is presented a sociological tool through which the concepts of the French sociologist Pierre Bordieu, as the field, the habitus, the agents, and the relations of power can be seen. The third part of this study was developed overall through the statements of five people interviewed of the main teams of Parana State and their understanding of how it is constituted the training Network in the state, pointing the formation and qualification of the professionals who work with basketball, the current athletes formation system, the physical structure of their working place, the role of institutions on the individuals development process and the knowledge about National Training Network (RNT). For analyzing the data obtained during the interviews, the precepts of the content analysis technique were used. The results have pointed out that there are many differences regarding realities among the interviewed, both related to training structure, number of athletes and financial support. It was diagnosed that the absence of courses and support for updating Parana Coaches and the lack of standard training for young athletes who excel in the modality. Besides that, it was noticed that there is no process of identification, selection, of detection of young talents, officially speaking, or through the institutions responsible for holding basketball organization into the State. Only into clubs, city hall programs and associations of which athletes participate. Finally, it was noticed that the National Training Network is present on paper, but not effectively on practice. However, there is an informal network in Parana State which could be identified on interviews on which coaches cite a possible path for the talented athlete to pursue to reaching professionalism.

**Key Words:** National Training Network; Basketball; Sport Formation; Public Policies; Sociology of Sport.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PROMESSAS LOCAIS QUE PODERIAM SER INSTALADOS OS CENTROS DE INICIAÇÃO AO ESPORTE .....	19
FIGURA 2 - ESTRUTURAS ESPORTIVAS PARA DIFERENTES NÍVEIS DO ESPORTE .....	22
FIGURA 3 - NÍVEIS DE FATORES QUE INFLUENCIAM O SUCESSO ESPORTIVO INTERNACIONAL (TRADUZIDO DE DE BOSSCHER ET AL., 2006).....	55
FIGURA 4 - MODELO SPLISS – PILARES QUE LEVAM AO SUCESSO ESPORTIVO INTERNACIONAL .....	56
FIGURA 5 - NUVEM DE PALAVRAS SUBCATEGORIA TRAJETORIA .....	72
FIGURA 6 - NUVEM DE PALAVRAS SUBCATEGORIA CONQUISTAS.....	74
FIGURA 7 - RUBÉN MAGNANO MINISTRANDO PALESTRA PELA ENTB. ..	76
FIGURA 8 - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DA ENTB PELO MINISTÉRIO DO ESPORTE .....	77
FIGURA 9 - ENCONTRO DO SECRETÁRIO-GERAL DA CBB, CARLOS FONTENELLE, COM CARLOS ALBERTO RODRIGUES, PRESIDENTE DA ATBB, E O TESOUREIRO MARCO AURÉLIO PEGOLO DOS SANTOS, ALÉM DE LETÍCIA LARANJEIRA, DO DEPTº DE MARKETING DA CBB. ....	79
FIGURA 10 - NUVEM DE PALAVRAS CATEGORIA FORMAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DOS TREINADORES .....	82
FIGURA 11 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUB-CATEGORIA MODELO DE DESENVOLVIMENTO .....	86
FIGURA 12 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUB-CATEGORIA FORMAÇÃO DE ATLETAS .....	90
FIGURA 13 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUB-CATEGORIA FORMAÇÃO DE ATLETAS .....	92
FIGURA 14 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA ESTRUTURA FÍSICA E HUMANA.....	98
FIGURA 15 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA CONHECIMENTO DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO .....	99
FIGURA 16 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA TRABALHO EM CONJUNTO .....	101

FIGURA 17 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA TRAJETÓRIA DO ATLETA TALENTOSO .....	105
FIGURA 18 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA CENTROS VOLTADOS AO DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS .....	107
FIGURA 19 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA CENTROS VOLTADOS AO DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS .....	112

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS TREINADORES PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	67
QUADRO 2 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DOS DISCURSOS DOS TREINADORES .....	68
QUADRO 3 - ASPECTOS POSITIVOS QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DO ATLETA.....	86
QUADRO 4 - FONTE DOS RECURSOS PARA MELHORA NA INFRAESTRUTURA FÍSICA NOS LOCAIS DE TRABALHO .....	93
QUADRO 5 - NÚMERO DE ATLETAS NOS LOCAIS DE TRABALHO DOS ENTREVISTADOS .....	98

## LISTA DE SIGLAS

AAPB – Associação dos Atletas Profissionais de Basquetebol do Brasil  
ACM – Associação Cristã de Moços  
ARBBRA – Associação Brasileira de Árbitros e Oficiais de Mesa do Basquetebol  
ATBB – Associação dos Técnicos de Basquete do Brasil  
CBB – Confederação Brasileira de Basquete  
CBC – Comitê Brasileiro de Clubes  
CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
CBD – Confederação Brasileira de Desportos  
CIE – Centro de Iniciação aos Esportes  
CND – conselho Nacional de Desportos  
COB – Comitê Olímpico Brasileiro  
COI – Comitê Olímpico Internacional  
CONFEF – Conselho Federal de Educação Física  
CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro  
ECE – Estação Cidadania – Esporte  
ENTB – Escola Nacional de Treinadores de Basquete  
FIBA – Federação Internacional de Basquetebol  
FIFA – Federação Internacional de Futebol  
FPrB – Federação Paranaense de Basketball  
LNB – Liga Nacional de Basquete  
ME – Ministério do Esporte  
NBA – *National Basketball Association*  
NBB – Novo Basquete Brasil  
RNT – Rede Nacional de Treinamento  
SPLISS – *Sports Policy Leading to International Sporting Success*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	26
1.2 OBJETIVOS .....	27
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	27
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	28
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>29</b>
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
2.2 DOCUMENTOS .....	29
2.3 ENTREVISTAS .....	29
2.4 AMOSTRA E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO .....	30
2.5 COLETA, INTERPRETAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS .....	31
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>33</b>
<b>4 O BASQUETEBOL E A REDE NACIONAL DE TREINAMENTO</b> .....	<b>50</b>
4.1 A TRAJETÓRIA DO BASQUETEBOL.....	50
4.2 OS SISTEMAS ESPORTIVOS.....	53
4.3 A REDE NACIONAL DE TREINAMENTO.....	58
<b>5 A RNT NA PERSPECTIVA DOS PRINCIPAIS TÉCNICOS PARANAENSES</b> .....	<b>66</b>
5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	69
5.1.1 TRAJETÓRIA ESPORTIVA.....	69
5.1.2 FORMAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DOS TREINADORES.....	75
5.1.3 SISTEMA DE FORMAÇÃO DE ATLETAS .....	83
5.1.4 ESTRUTURA FÍSICA E HUMANA .....	93
5.1.5 REDE NACIONAL DE TREINAMENTO .....	99
5.1.6 PAPEL DAS ENTIDADES .....	106
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>118</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>127</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O dever de fomentar as práticas esportivas segundo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é de responsabilidade do Estado, tornando-se um direito de cada indivíduo, observando a autonomia das entidades desportivas. Também cabe ao Estado a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto, incluindo o alto rendimento em casos específicos (BRASIL, 1988). Em 6 de julho de 1993, começou a vigorar a Lei nº 8.672 (Lei Zico), instituindo as normas gerais sobre o desporto no país, posteriormente sendo revogada pela Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé), estabelecendo tais normas até os dias atuais (ALMADA; NETO; FURTADO, 2017).

Na lei vigente, consta no artigo 13º da Lei Pelé o Sistema Nacional do Desporto, que tem como destaque a promoção e o aprimoramento das práticas desportivas de rendimento. Esse sistema que congrega pessoas físicas e jurídicas de direito privado, para coordenar, administrar, normatizar, além de apoio e prática do desporto – podendo ser entidades com ou sem fins lucrativos. Podemos destacar o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), entidades nacionais e regionais de administração do esporte (confederações e federações, respectivamente), ligas nacionais e regionais, entidades de prática desportivas (associações, clubes) e mais recentemente também a Confederação Brasileira de Clubes (BRASIL, 1998), hoje conhecida como Comitê Brasileiro de Clubes (CBC).

Entre 2003 e 2018 o esporte brasileiro teve status de Ministério<sup>1</sup>, com ampla possibilidade de articulação com o esporte de alto rendimento, inclusive com uma secretaria destinada (SNEAR – Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento) somente para tratar deste fim. A partir de sua criação, ficou sob responsabilidade do Ministério do Esporte tratar da política nacional de desenvolvimento da prática dos esportes, o intercâmbio com organismos

---

<sup>1</sup> Com a eleição de Jair Messias Bolsonaro seu discurso de “enxugar a máquina pública”, ou seja, cortar cargos, secretarias e Ministérios que na visão do presidente eram desnecessários para a continuidade do governo foi colocada em prática. Com isso, logo no começo de 2019 foi extinto o Ministério dos Esportes, o qual foi realocado como Secretaria Especial do Esporte, anexado ao Ministério da Cidadania. Para mais informações: <https://sportv.globo.com/site/blogs/blog-do-coach/post/2018/10/31/o-fim-do-ministerio-do-esporte.ghtml>.

voltados à promoção do mesmo, o incentivo às atividades esportivas e o planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo aos esportes e de ações de democratização da prática esportiva e inclusão social por meio do esporte (ALMADA, 2016).

Dentre as ações propostas pelo, na época, recém-criado Ministério do Esporte, destacaram-se as Conferências Nacionais do Esporte. Sua primeira etapa, ocorrida em 2004 teve o tema “Esporte, lazer e desenvolvimento humano” com enfoque na inclusão social, democratização e universalização dos direitos sociais ao esporte e lazer. O evento foi dividido em três etapas, sendo a primeira no âmbito municipal/regional, na sequência no nível estadual, ambas abertas para o público em geral, e por fim a etapa nacional, que buscou garantir uma ampla participação da sociedade, além de trazer questões relevantes das etapas anteriores. Participaram da primeira Conferência cerca de 83 mil pessoas em todas as suas etapas (FLAUSINO, 2013).

Dois anos depois, a segunda etapa trouxe o tema “Construindo o Sistema Nacional de Esporte e Lazer”, trazendo avanços na discussão do próprio sistema e na consolidação da Política Nacional do Esporte. Participaram mais de 44 mil pessoas em todas as etapas (FLAUSINO, 2013). Sua etapa nacional teve membros relacionados às principais entidades esportivas do país na comissão organizadora, sendo eles: Ministro do Esporte, Secretaria Nacional de Esporte Educacional, Secretaria de Esporte de Alto Rendimento, Confederação Brasileira de Clubes (CBC), Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), entre outros (BRASIL, 2007).

O discurso oficial do Ministério do Esporte trazia, nas duas primeiras conferências, a importância da democratização do acesso e da participação, e pautava-se no esporte e lazer como direitos sociais. Porém, na terceira Conferência Nacional, realizada em junho de 2010, o teor do debate modificou-se, devido à realização dos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, assim como outros acontecimentos no âmbito esportivo. Tais como: definição do Brasil em 2007 como país sede da Copa do Mundo FIFA de 2014, a destinação do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Militares em 2009 como também a confirmação do Rio como cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A tônica que até então era sobre a descentralização da gestão/participação e a universalização do acesso, modifica-se abruptamente

para um discurso voltado para uma projeção do país na área esportiva de grandes eventos (CASTELAN, 2011).

Aqui cabe salientar que determinados termos devem ser analisados com cuidado. O discurso de “descentralização”, “universalização” entre outros são temas recorrentes nos debates sobre o esporte (BRASIL 2010a; 2010b), mas que ainda não apresentaram na literatura resultados consolidados. Ademais, podemos destacar a mudança de discurso com a vinda de megaeventos que fizeram com que esse planejamento anterior fosse esquecido, forçando uma mudança de pensamento com a intenção de se buscar resultados expressivos em um curto período de tempo. E a partir desse novo objetivo que começaram a se traçar objetivos para os anos que viriam.

Com a discussão “Plano Decenal de Esporte e Lazer” patrocinado pelo já extinto Ministério do Esporte no ano de 2010, foram elaboradas metas e ações a partir da ideia de “10 pontos em 10 anos para projetar o Brasil entre os 10 mais” (BRASIL, 2010a). Apesar desses planos já constarem na agenda política do então governo, nota-se a forte influência dos megaeventos que chegariam ao país legitimando tais políticas em curso, e tornando-se o princípio organizador da agenda esportiva e também da terceira edição da conferência.

Os 10 pontos para projetar o Brasil entre os 10 mais foram:

[1] Promover a inclusão social e o desenvolvimento humano por meio de programas socioesportivos; [2] Institucionalizar o esporte educacional; [3] Atingir resultados inéditos nas competições e assim projetar o Brasil no ranking do alto rendimento; [4] Incrementar nossa infraestrutura esportiva; [5] Modernizar e valorizar o futebol como identidade cultural do Brasil; [6] Ampliar o leque de modalidades para diversificar a prática esportiva no país; [7] Qualificar a gestão do esporte e do lazer; [8] Aproveitar o potencial econômico-social dos grandes eventos, porque contribuem com o desenvolvimento nacional gerando milhões de empregos, aumentando a renda e propiciando o renascimento de áreas urbanas, a melhoria da qualidade de vida, a oferta de perspectivas à juventude e o fortalecimento do respeito do mundo por nossa pátria; [9] Valorizar o trabalhador da área, especialmente o profissional de educação física, garantindo postos de trabalho; [10] Estabelecer a criação de políticas de formação continuada e permanente, de desenvolvimento científico e tecnológico e de acompanhamento e avaliação dos programas, resultando na profissionalização cada vez maior da política esportiva no país (BRASIL, 2010b, p. 2).

Após o término das conferências e a conclusão do documento final, foi inferida a necessidade de se criar uma Rede Nacional de Treinamento (RNT)

focada no desenvolvimento do esporte de alto rendimento nacional. Na própria conferência foram estipuladas duas metas relacionadas à rede, que foram;

1. a implantação e o gerenciamento da Rede Nacional de Treinamento, estimulando o aproveitamento das instalações esportivas existentes em território nacional, realizando concursos públicos municipais, estaduais e federais para técnicos e especialistas esportivos e a implantação da rede nas cinco regiões brasileiras até o ano de 2014, envolvendo todos os Estados e o Distrito Federal e abrangendo todas as estruturas (federais, estaduais, municipais e privadas);
2. a criação de novos centros de treinamento, unidos a centros de pesquisa, avaliação e tecnologia esportiva para suporte multidisciplinar aos atletas (ALMADA; NETO; FURTADO, 2017).

Com isso, a Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011, em seu artigo 16, traz a criação da Rede Nacional de Treinamento, sendo vinculada ao Ministério do Esporte e composta por centros de treinamento de alto rendimento, tanto nacionais como regionais ou locais, articulada para o treinamento de modalidades dos programas olímpico e paraolímpico, desde a base até a elite esportiva (REDE NACIONAL DE TREINAMENTO, 2017), ou seja, também abrangendo o tema desse texto, o basquetebol no âmbito estadual.

O artigo seguinte da mesma lei, reitera o fomento do desenvolvimento regional e local de talentos e jovens atletas, em coordenação com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), além de centros regionais e locais autorizados (REDE NACIONAL DE TREINAMENTO, 2017).

Segundo o Diário Oficial da União, o Ministério do Esporte, através da Portaria nº 01, de 1º de Agosto de 2016, define a Rede Nacional de Treinamento como:

Uma rede capaz de unir, reunir, articular e fazer a integração das políticas públicas, a ciência esportiva, os conceitos esportivos, os recursos materiais, as instalações físicas, as entidades de administração e de prática do desporto e a sua grande riqueza, a pessoa, o praticante, o atleta. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Ano CLIII, Nº 147, 2016).

A RNT objetivava interligar estruturas a centros de treinamento de todo o país, como os Centros de Iniciação ao Esporte (CIE) ou instalações voltadas ao alto rendimento, incluindo as já existentes (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014). Concebido para beneficiar diversas localidades (figura 1) o basquetebol, através da Rede, já recebeu 29 quadras em ginásios e clubes em todo o Brasil, demonstrando a intenção da lei em reforçar a estrutura física dessas modalidades e conseqüentemente contribuir para a sua evolução (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017). Cabe aqui salientar que a maioria dos objetivos da RNT ainda não saíram do papel, e durante o desenrolar do texto veremos o que está sendo desenvolvido, ainda que de maneira informal, sob a perspectiva dos técnicos, uma rede do basquetebol estadual do Paraná.

FIGURA 1 - PROMESSAS LOCAIS QUE PODERIAM SER INSTALADOS OS CENTROS DE

## INICIAÇÃO AO ESPORTE



FONTE: MINISTÉRIO DO ESPORTE<sup>2</sup>

De acordo com o Diário Oficial da União, Portaria n° 876 do dia 15 de maio de 2019, os Centros de Iniciação ao Esporte passaram a ser reconhecidos como “Estação Cidadania – Esporte” (ECE) (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Ano CLVI, N° 94, 2019). Com 128 contratos ativos e 127 municípios contemplados, os números de 2019 mostram 24 unidades inauguradas e mais 10 com inaugurações agendadas.

Com a confirmação da Olimpíada para a cidade do Rio de Janeiro, intensificou-se a atenção do campo das políticas governamentais para o esporte (ainda que essa atenção tivesse foco no esporte de alto rendimento em relação ao de base), a ponto de o governo brasileiro considerar, antes mesmo da realização do megaevento, a Rede Nacional de Treinamento como um dos seus maiores legados (CAREGNATO, 2018), constituída através da lei federal n° 12.395 de março de 2011, presente nos artigos 16 e 17:

<sup>2</sup> Muito daquilo que foi planejado sobre a RTN, não sai do campo das intenções, ou extrapolaram em muito o tempo planejado, como exemplo, podemos citar o caso dos CIE's, o qual o primeiro foi inaugurada em Franco da Rocha em 2017, e os demais previstos, alguns estão em construção e outros não entraram ainda em licitação.

Art. 16. Fica criada a Rede Nacional de Treinamento, vinculada ao Ministério do Esporte, composta por centros de treinamento de alto rendimento, nacionais, regionais ou locais, articulada para o treinamento de modalidades dos programas olímpico e paraolímpico, desde a base até a elite esportiva.

Art. 17. A Rede Nacional de Treinamento fomentará o desenvolvimento regional e local de talentos e jovens atletas, em coordenação com o Comitê Olímpico Brasileiro - COB e o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, além de centros regionais e locais, na forma e condições definidas em ato do Ministro de Estado do Esporte (BRASIL, 2011).<sup>3</sup>

A base para essa rede, segundo o Ministério do Esporte, seriam os programas de incentivo ao esporte presentes nas prefeituras, outros incentivados pelo próprio governo federal e por fim o esporte nas escolas. Na FIGURA 2 como a RNT pensa o desenvolvimento do esporte brasileiro, tendo a parte estrutural também como base, porém um degrau acima, como projeto do ministério na construção de Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs), com um aporte de R\$ 836 milhões, sendo 233 CIEs em 223 municípios do país, tendo o objetivo de beneficiar crianças e jovens e incentivá-los a prática esportiva, na formação de atletas e identificação de talentos em até 13 modalidades olímpicas (incluindo o basquetebol), além de 6 paralímpicas e uma não-olímpica (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016).

---

<sup>3</sup> Em reuniões oficiais no Ministério dos Esportes no ano de 2015, as entidades como Comitê Olímpico Brasileiro - COB e o Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB e Confederações esportivas, indagaram fortemente os dirigentes do ME do “por que somente tantos anos depois foram chamados para participar”. Isso demonstra uma desarticulação entre o ME e as demais instituições que poderiam ter organizado a RTN. (Depoimento do Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri, o qual participou de algumas reuniões, que foram interrompidas após o *impeachment* do governo Dilma)

FIGURA 2 - ESTRUTURAS ESPORTIVAS PARA DIFERENTES NÍVEIS DO ESPORTE



FONTE: MINISTÉRIO DO ESPORTE (2017). PROGRAMA: REDE NACIONAL DE TREINAMENTO.

Com base na FIGURA 2, podemos compreender que houve uma tentativa de interligar diferentes instalações esportivas com as fases da carreira de um atleta. No decorrer do estudo, iremos diagnosticar se o basquetebol paranaense participa dessas estruturas e quais são as instalações das principais equipes no estado do Paraná no entendimento dos seus respectivos treinadores.

O objetivo da Rede Nacional de Treinamento, ainda segundo a Portaria nº 01, de 1º de Agosto de 2016 do Diário Oficial da União, era garantir o desenvolvimento do esporte brasileiro, assegurando uma rede racional otimizada em esforços e recursos, para possibilitar qualidade ao esporte nacional e consolidar o país como potência esportiva mundial (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Ano CLIII, Nº 147, 2016).

Apesar do texto trazer a palavra “consolidar”, o resultado não foi o planejado, com as metas, que apareceram logo após a confirmação do Brasil como sede em 2016 e buscavam resultados como ficar entre os 10 primeiros nas Olimpíadas e entre os 5 primeiros nas Paralimpíadas (PLANO BRASIL MEDALHAS, 2017) não sendo cumpridas, com um 13º e 8º lugares respectivamente.

A lei consta que a RNT:

[...] coordenará decisões, ações, agentes, parceiros e unidades operacionais, incorporadas aos planos e projetos esportivos orientados pela política de desenvolvimento do esporte, nas suas diversas manifestações, integrando pessoas, infraestruturas esportivas, práticas e programas vinculados ao esporte, bem como estimular seu desenvolvimento nos âmbitos nacional, regional e local, fomentando a prática de modalidades dos programas olímpico e paralímpico. (REDE NACIONAL DE TREINAMENTO, 2017)

Dentre as diretrizes estratégicas da Rede Nacional de Treinamento, observávamos o Ministério do Esporte como seu principal articulador; o oferecimento e apoio de projetos que visavam desde a iniciação esportiva ao alto rendimento; buscavam melhorar a infraestrutura esportiva do país; tinham como objetivo criar uma cultura da prática esportiva no Brasil; um cenário propício para a aparição de novos talentos e destinar da melhor maneira possível os investimentos para o esporte no Brasil, entre outros.

Através do Diário Oficial da União, na Portaria nº 248, do dia 20 de julho de 2016, observamos como objetivos específicos a disseminação de métodos de treinamento; a capacitação de profissionais e do conhecimento esportivo; manter e modernizar instalações esportivas; viabilizar materiais esportivos; e a qualificação da gestão do esporte (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Ano CLIII Nº-139, 2016).

Nessas primeiras páginas buscamos destacar a idealização do que foi a RNT. Após quase 10 anos de ser formalizada, é possível inferir – mesmo que empiricamente – que a articulação não foi estabelecida na sua essência. Mas, não é exatamente essa a continuidade do trabalho, isto é, verificar o jogo de poder que se estabeleceu e o porquê as entidades não desenvolveram o plano, que consideraríamos o ideal. Nosso objetivo é outro e vamos iniciar a explicação na sequência.

Buscando uma reflexão do campo esportivo, entendemos a figura do técnico como um agente estruturante no subcampo do basquetebol, sendo muitas vezes a única figura responsável por uma equipe de base. De Bosscher e demais autores (2009) colocam em sua análise de políticas públicas norteadas para as modalidades esportivas, em variados países, sendo a figura do técnico como um dos pilares de uma estrutura ideal voltada ao esporte, dando atenção à importância ao desenvolvimento de sua carreira com apoio financeiro e incentivando sua qualificação.

Salientando a importância do técnico no campo esportivo, e através do seu dia-a-dia dentro das principais equipes paranaenses da modalidade, entendemos que a contribuição dos mesmos nos trará uma realidade mais palpável e concreta da situação atual do basquetebol no referido Estado, nos auxiliando a desvendar a sequência da modalidade após a criação da Lei da Rede Nacional de Treinamento e se houve uma conexão entre as entidades no estado Paranaense.

Apesar do momento parecer ideal para o crescimento das modalidades olímpicas dentro do país, com a criação de leis que beneficiariam os mais diversos esportes, no transcorrer desse período, o basquetebol enfrenta uma crise que só se agrava ano após ano (CASTRO, 2018). Com desempenho considerado fraco nas olimpíadas do Rio (feminino não passou da primeira fase e masculino parou nas quartas-de-final) e uma crise política e financeira profunda na Confederação Brasileira de Basquetebol, por vezes, com a própria FIBA (Federação Internacional de Basquetebol) que resultou na suspensão da CBB das competições internacionais entre novembro de 2016 a junho de 2017. Todo esse cenário também teve reflexo nas categorias de base que, já enfraquecidas, foram impedidas de participar de competições representando o país, não apenas pela suspensão, mas devido à falta de recursos (CONDE, 2016).

Além da crise interna, o próprio crescimento de outras modalidades nos últimos anos com resultados expressivos (comparados ao basquete), como o voleibol, o handebol, entre outros, e a ausência do basquetebol em eventos esportivos televisionados que implica em menos investidores – somando as fracas campanhas em grandes campeonatos internacionais, baixa média de público, diminuição do mercado e conseqüentemente menor interesse de profissionais em adentrar ao esporte; podem ser alguns entre tantos fatores da constante baixa procura de crianças com a modalidade, fazendo com que muitos clubes, prefeituras e escolas deixem de ter equipes de basquetebol (MARQUES, 2013). Obviamente que esse cenário se estendeu ao estado do Paraná, nosso foco de estudo.

Apesar da RNT ter em seu nome a palavra “Nacional”, buscamos delimitar nossa pesquisa apenas para o estado Paraná, ou seja, como a lei nacional está interferindo no desenvolvimento da modalidade dentro do Estado. Então, por mais que tratemos de uma rede nacional, nosso objetivo foi diagnosticar a

participação dela apenas dentro de um estado da federação.

Para Pellanda (2010), a Federação Paranaense de Basketball (FPrB), instituição fundada em 1951 e responsável pela modalidade no Estado está presente nas mais diversas frentes, como a organização de campeonatos de diversas categorias, tanto nas fases iniciais como nas finais; a formação das seleções do Estado para a disputa dos campeonatos nacionais; a formação, controle e atualização dos árbitros da modalidade; além de clínicas de aperfeiçoamento voltadas para técnicos.

Atualmente com 18 instituições filiadas, à FPrB conta em seu quadro de associados com prefeituras (6), universidade (1), associações (7) e clubes (4). Cabe salientar que a Federação Paranaense de Basketball organiza competições exclusivas para filiados e outras que podem incluir não-filiados, como equipes amadoras e escolares (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE BASKETBALL, 2019).

Ainda segundo Pellanda (2010) é a partir da década de 1990 que acontece um declínio do basquetebol paranaense no que se refere ao número de clubes filiados a FPrB. O autor traz que somente na cidade de Curitiba a baixa de equipes filiadas foi notável:

A saída dessas equipes da FPrB faz com que atualmente o basquetebol tenha uma quantidade menor de equipes de Curitiba filiadas as suas respectivas federações em relação a outras modalidades, são um entrave para um maior desenvolvimento do basquetebol em Curitiba, com os espaços formadores reduzidos, o esporte se elitiza, não no sentido de que este se direciona a um público com melhores condições financeira, mas sim no sentido da procura ser reduzida tendo em vista o pouco conhecimento de interessados dos locais onde o basquetebol é oferecido (PELLANDA, 2010 p.46).

Só na cidade de Curitiba, entre 1990 a 2010, vários clubes e colégios como o Clube Curitibano, AABB, Santa Mônica Clube de Campo, Sociedade União Juventus, o extinto CEFET, Colégio Estadual do Paraná, Colégio Marista Paranaense, Colégio Padre João Bagozzi e Colégio Madalena Sofia deixaram de fazer parte do quadro associativo da FPrB (PELLANDA, 2010). Com a desfiliação, o número de participações dessas equipes em campeonatos diminuiu e conseqüentemente o nível técnico das competições, que contam com menos equipes, também baixou.

Notamos que informações trazidas por Pastre (2006) e Pellanda (2010)

sobre o declínio da modalidade dentro do Estado seguem ainda atualizadas, deixando de promover oportunidades da prática para os jovens e da ausência de campeonatos para os atletas, prejudicando tanto a renovação quanto a continuidade de uma carreira para quem se destaca.

Analisando esses sintomas que são presentes no cenário nacional e estadual, buscamos respostas para o seguinte problema: como se constitui a Rede de Treinamento de Basquetebol no estado do Paraná, no entendimento dos seus técnicos?

Pensando na resolução desse problema, construímos nosso trabalho da seguinte maneira. No primeiro capítulo teremos a introdução, a qual é composta pela apresentação da temática, problema, objetivos gerais e específicos, justificativa e metodologia.

No segundo capítulo apresentaremos nosso referencial teórico proposto por Pierre Bourdieu, utilizando somente alguns dos seus conceitos sociológicos: campo, *habitus*, agentes e capitais; afim de nos ajudar a interpretar as informações levantadas.

No terceiro capítulo iremos destacar um breve histórico sobre o basquetebol e a lei da Rede Nacional de Treinamento, além de debater sobre uma Rede de Treinamento no Estado, as leis propostas para o alto rendimento em outros países e a produção acadêmica sobre a RNT.

No quarto capítulo será feita a análise das entrevistas com os técnicos, buscando através de categorias posteriormente selecionadas através dos temas e situações presentes nas falas dos participantes sobre o entendimento de como é formada uma Rede de Treinamento no Paraná.

E por fim, no quinto capítulo, as conclusões são apresentadas, as descobertas principais a partir das análises das entrevistas e possíveis propostas para a melhoria no desenvolvimento do basquetebol paranaense.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Vivencio a modalidade há muitos anos, primeiramente como participante, depois como atleta e atualmente como técnico, e observo esse processo de enfraquecimento da prática desde o começo da minha carreira. Clubes, escolas e prefeituras, antes tradicionais na modalidade, deixaram de ter equipes, e

acredito ser importante analisar como se constitui a Rede de Treinamento no basquetebol paranaense para entender quão efetivo podem ser suas ações a fim de melhorar seu status no país.

Amparado nos aspectos sociais, sabemos que nossa nação é conhecida pela alta carga tributária. Compreender leis que envolvam o dinheiro da sociedade através de impostos é necessário para fiscalizar e entender quais retornos são possíveis. Pretendemos também entender qual a melhor maneira de otimizar projetos que ainda aparentam não estar adaptados na prática é uma contribuição útil, visando um melhor aproveitamento dos investimentos voltados ao esporte. Além disso, entender o real conhecimento sobre a RNT e suas nuances dos agentes envolvidos com a modalidade no campo e consequentemente contribuir para que essas informações sejam compartilhadas também podem auxiliar esses treinadores a agirem de maneira mais eficiente para o desenvolvimento de seus projetos e equipes.

E por fim, o meio acadêmico apresenta muitos artigos e trabalhos voltados ao basquetebol (ROSE JUNIOR; DESCHAMPS; KORSAKAS, 1999; MORALES; GRECO, 2007; OKAZAKI; RODACKI; SARRAF; DEZAN; OKAZAKI, 2004, GANTUS; ASSUMPÇÃO, 2002; ROSE JUNIOR; LAMAS, 2006; RAMOS; GRAÇA; NASCIMENTO, 2006; entre outros), mas não necessariamente focados às políticas públicas deste esporte. Analisar como as políticas interferem na modalidade, o que está sendo feito, como e quando será um importante meio de fiscalizar as ações realizadas e aprimorá-las com o tempo, além de mapeá-las para acompanhar sua evolução e auxiliar na comparação das mesmas com outros esportes ou em outros países.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 OBJETIVO GERAL

Diagnosticar a Rede de Treinamento de Basquetebol do estado do Paraná a partir da perspectiva dos técnicos.

### 1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar as principais instituições de basquetebol do Paraná, analisando seu número de atletas e pessoal de apoio especializado, com base nos resultados esportivos dos últimos 8 anos<sup>4</sup>.

- Identificar o entendimento dos técnicos a respeito de sua formação continuada para a instituição/treinador/atleta.

- Analisar a perspectiva dos treinadores sobre o desenvolvimento de talentos do basquetebol nas categorias de base do Estado.

- Procurar refletir e minimamente demonstrar como essa Rede de Treinamento se efetiva na prática na modalidade de basquetebol no estado do Paraná e seu papel na construção do caminho do atleta, da formação ao alto rendimento.

---

<sup>4</sup> Foi feito um levantamento, baseado nos livros-ano da FPrB, de todas as competições de base até o sub-21 organizados pela federação e as cinco principais equipes foram selecionadas para ter um representante para a entrevista (de preferência o treinador da equipe com melhores resultados). Dos 5 treinadores, apenas 1 obteve dificuldades e não conseguiu participar das entrevistas, sendo prontamente substituído pelo sexto colocado desse levantamento. Foi escolhido os últimos 8 anos porque alguns livros de anos seguintes estavam perdidos, e não havia arquivo digital disponível.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 TIPO DE PESQUISA

Nossa pesquisa é de uma natureza qualitativa, dando ênfase ao processo descritivo e interpretativo das informações, utilizando-se de fontes bibliográficas, documentais e entrevistas.

### 2.2 DOCUMENTOS

A coleta de dados ocorreu com documentos obtidos através de sites de órgãos governamentais (Ministério do Esporte), de entidades esportivas (Comitê Olímpico Brasileiro, Confederação Brasileira de Clubes, Federação Paranaense de Basketball e demais clubes e/ou associações pesquisadas) e fontes da Internet de livre acesso que se adequam ao objetivo do estudo. Para buscar entender os documentos obtidos por essa coleta de dados, utilizamos a pesquisa documental, que se mostra válida em materiais que não receberam um tratamento analítico, como documentos preservados em arquivos de órgãos públicos e também de instituições privadas, além de regulamentos, ofícios, boletins, entre outros (GIL, 2008).

O próprio autor observa que as fontes de papel que não receberam uma interpretação podem ser um acervo valioso para a pesquisa, por serem uma fonte rica e estável de dados (GIL, 2008). Tratando-se de políticas públicas, entender as modificações que certas leis obtiveram durante o tempo pode ser uma importante informação para atingir os objetivos de nosso estudo.

### 2.3 ENTREVISTAS

Utilizamos das entrevistas semi-estruturadas, com perguntas abertas e fechadas, para que o entrevistado pudesse discorrer significativamente sobre o assunto proposto, obtendo um direcionamento maior para tema e conseqüentemente contribuindo para o estudo. Concordamos com Triviños (1987) que esse tipo de entrevista contribui para a pesquisa qualitativa e

demonstra o interesse do autor na opinião e ação do entrevistado no assunto.

Sobre a entrevista *semi-estruturada*, Trivinos explica:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa (p.146, 1987).

As entrevistas seguiram um roteiro elaborado com base na revisão de literatura desse estudo, e foi composta por 6 categorias: 1) Trajetória do Entrevistado; 2) Formação/Qualificação dos treinadores; 3) Sistemas de formação de atletas; 4) Papel das entidades; 5) Estrutura física; e 6) RNT. Para atender essas categorias, foram construídas 15 perguntas sendo que algumas se enquadram em mais de uma categoria e cada categoria tem pelo menos 2 perguntas relacionadas.

Construímos essas categorias através da pesquisa de outros trabalhos voltados à RNT e por nossa experiência empírica. Todavia, ficamos atentos a outros itens que poderiam ser válidos para a análise nos depoimentos os mesmos foram adicionados posteriormente.

O conteúdo das entrevistas foi analisado através do método “Análise de Conteúdo” de Bardin (2011). Foram utilizada as três etapas desse método, as quais: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e codificação e; 3) Tratamento dos resultados obtidos. Posteriormente, utilizamos da Teoria dos Campos de Bourdieu para entendermos melhor as nuances presentes nos discursos e para interpretarmos essa Rede de Treinamento dentro do Estado.

#### 2.4 AMOSTRA E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Realizamos entrevistas com os 5 principais técnicos do estado do Paraná, em uma amostra intencional devido o nosso conhecimento empírico e devido a pesquisa realizada nos cadernos de memória da FPrB sobre os principais nomes da modalidade dentro do Estado em número de títulos nos últimos 8 anos.

Escolhemos esses entrevistados com base no mapeamento dos melhores resultados e na quantidade de aparições das instituições nas competições das categorias de base do estado do Paraná, e buscamos saber como essa Rede, na perspectiva desses técnicos, se constitui para essas localidades, afim de identificar as interrelações entre os investimentos, a procura pelo esporte dentro da cidade, e os resultados obtidos pelas mesmas em competições, tanto no âmbito estadual quanto nacional.

Os entrevistados diretamente envolvidos com o desenvolvimento do basquetebol paranaense nas principais equipes do Estado, serão: o técnico das equipes da cidade de São José dos Pinhais; o técnico da Sociedade Thalia e do Coritiba Monsters; o atual auxiliar técnico do Pato Basquete, ex-técnico do Joinville Basquete e dos últimos anos das equipes do Círculo Militar do Paraná; o técnico das equipes da cidade de Toledo e o técnico da Associação de Basquete de Foz do Iguaçu (ABASFI).

Nosso roteiro de entrevistas apresentou perguntas pontuais, porém com possibilidades de respostas amplas para o entrevistado, afim de entender se a lei da RNT trouxe alguma mudança para a instituição a qual ele trabalha ou para a equipe a qual ele dirige, a estrutura do local, além das possibilidades que os atletas por eles comandados possuem para a continuidade da carreira. Todas as entrevistas foram registradas por um gravador profissional e posteriormente transcritas. Todos os participantes que aceitaram participar das entrevistas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisas da Universidade Federal do Paraná, CAAE nº 88770618.4.0000.0102, parecer nº 2.748.001.

Buscamos saber, através da fala dos entrevistados, como está a estrutura desses clubes, buscando analisar a qualidade das quadras, materiais esportivos, possíveis locais de apoio aos atletas, como vestiários, salas de fisioterapia, dentre outros. Foi também averiguado se houve a contratação de mais profissionais e a participação em mais competições a partir da promulgação da lei que instituiu a RNT.

## 2.5 COLETA, INTERPRETAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS

Foram realizados quatro procedimentos básicos para a coleta de

informações das entrevistas: 1ª etapa: Houve um diálogo com o entrevistado para o entendimento e aceitação do estudo; 2ª etapa: Foi enviada a carta aos entrevistados com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 3ª etapa: Foi definido uma data pelo entrevistado e esclarecido os aspectos éticos de confidencialidade e anonimato; e 4ª etapa: Após a gravação das entrevistas, as mesmas foram transcritas e confirmadas.

Os dados das entrevistas foram agrupados através da técnica de “Análise de Conteúdo” (AC) criada por Laurence Bardin. Os discursos foram transcritos e posteriormente organizados através de categorias e subcategorias (BARDIN, 1994) pois na sequência foram analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin e através da teoria de Bourdieu. Fontes documentais foram utilizadas para a coleta de informações desse estudo, e relacionadas com as entrevistas e posteriormente com a discussão dos resultados.

Com o intuito de compreender os resultados encontrados na pesquisa, nossa análise sociológica será baseada na Teoria dos Campos, sistematizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, com vistas à “romper com as primeiras aparências que os universos empíricos nos apresentam e propor uma proposta dialética e rigorosa para se avaliar e se conduzir as relações entre o pesquisador e os objetos de pesquisa” (SOUZA, 2011, p.36).

Bourdieu, que também discutiu o esporte, nos ajudou com essa ferramenta de análise através dos seus conceitos sociológicos a entender o investimento no basquetebol paranaense, qual foi seu real impacto, se a estrutura, os atletas, profissionais ou competições foram priorizados com essa verba e quais os critérios utilizados para que esses locais tenham sido escolhidos.

Procurando sistematizar e analisar esses embates no campo esportivo e, sempre que necessário, relacionando com o campo político, a Teoria dos Campos nos ajudou a refletir sobre as manifestações e particularidades presentes em cada campo, suas disputas por legitimação, e como esse espaço de jogo se constitui, com práticas sociais exclusivamente particulares, com lógica própria e que na sua própria história acabam sendo alteradas pelas ofertas e procuras presentes no próprio campo (BOURDIEU, 1983).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Dos mais diversos assuntos estudados pelas ciências humanas, a relação entre o indivíduo e a sociedade sempre despertou a curiosidade e os esforços da área, sendo o objeto de reflexões das mais diversas vertentes sociológicas e, conseqüentemente, formulando outras diversas respostas. A Educação Física – com uma contribuição ainda recente – tem uma consolidação através da sociologia do esporte a partir da década de 70 com clássicos como Guttman (1978), Huizinga (1980), Bourdieu (1983) e Elias e Dunning (1992).

Pierre Bourdieu, com obras que dialogam com Marx, Weber e Durkheim, apresenta-se como uma das alternativas teórico-metodológicas para a compreensão da relação sujeito-sociedade. Meditando entre as correntes tradicionais da sociologia, o autor contribui ao reconhecer o papel das estruturas na explicação sociológica, sem esquecer do fundamental papel de seus agentes (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009).

Os escritos de Bourdieu têm como problemática teórica a mediação entre o agente social e a sociedade, considerando o problema dos métodos epistemológicos na oscilação entre objetivismo, que constrói relações objetivas que estruturam as práticas individuais, e a fenomenologia, que parte da experiência primeira do indivíduo (ORTIZ, 1983).

Em seus escritos, que se inspiram e dialogam com autores como Émile Durkheim e Max Weber, existe na perspectiva sociológica uma controvérsia entre objetivismo e fenomenologia. Enquanto Weber tem como discurso uma sociologia da compreensão, tendo como ponto de partida o sujeito, Durkheim retifica a sociedade, trazendo a noção de “consciência coletiva” e admitindo uma essência transcendental, uma força exterior aos indivíduos que acaba os reprimindo na dimensão da norma. Dessa forma, toda ação social é deduzida de um sistema objetivo de representações fora do alcance do indivíduo inserido na sociedade (ORTIZ, 1983). Para Durkheim (1978) o indivíduo é concebido de forma dual, um ser individual e um ser social, sendo o ser individual distinto e antagônico ao homem social, reprimido pela coerção exercida pela consciência coletiva. O autor expõe uma reificação dos processos sociais, com o individual sendo apreendido pelo coletivo, sendo apresentado como mero executante de algo que se encontra programado e que lhe é exterior.

Para Vlastuin (2008), as semelhanças com Karl Marx partem da necessidade de compreensão do espaço social, observando os antagonismos das classes e compreendendo o espaço social através dessas disputas, sendo a realidade social o produto das relações de força de classes historicamente na luta entre elas. A ruptura com o pensamento marxista acontece com a noção de grupos sociais, diferente das classes sociais de Marx, além de considerar o universo simbólico e a violência da dominação dos agentes que o permeia, quando ocorre relações destes grupos, superando o objetivismo marxista e seus mecanismos de dominação, que pregava a posse dos meios de produção em detrimento das relações.

Já a sociologia compreensiva de Weber (1988) define os fenômenos sociais a partir das condutas individuais, sendo considerado o sentido da ação como subjetivo. Segundo o mesmo, a objetividade do social só pode ser apreendida através de ações individuais, ou seja, através da construção de uma tipologia de ação (de um cientista, por exemplo) se pode compreender as objetivações (nesse caso, da ciência). Schutz (1973), através da sociologia weberiana, demonstra como a ação subjetiva e se apresenta sobre uma perspectiva fenomenológica. O mundo objetivo se apresenta como uma rede de intersubjetividade por resultado de ações para o “outro” e que vão adquirindo significado quando o “outro” compartilha o mesmo mundo social o qual tais ações se desenrolam. Aqui, Weber desenvolve uma compreensão subjetiva na sociologia.

Com essa reflexão, o autor busca em sua análise ser ao mesmo tempo sujeito e objeto, recuperando a relação prática com o mundo, criando assim uma argumentação sociológica a partir de questões práticas nascidas de suas pesquisas de campo, e não a partir de um modelo abstrato prévio. Segundo Marchi Júnior (2004, p. 47), essa relação “emerge nas reflexões de Bourdieu o conhecimento que pretende articular dialeticamente objetivismo e subjetivismo, ator e estrutura social, o qual é chamado de praxiológico”.

Segundo Wacquant (2012b), a personalidade de Bourdieu somada a sua formação filosófica, além dos estudos em Antropologia, Sociologia e Estatística o levou aos estudos de campo e explicam sua característica preocupação pela reflexividade, tanto para transformar continuamente ferramentas sociológicas em prática científica, quanto para refletir criticamente sobre condições sociais e

operações concretas da construção do objeto.

Considerada por muitas vezes polêmica, sua obra reforça o papel crítico da sociologia, afim de revelar fatos e relações nem sempre explícitas e questões onde se aparenta a naturalidade. O próprio autor provoca, ao reconhecer a sociologia como uma ciência crítica, propriamente pelo fato de a mesma ocupar uma posição crítica (Bourdieu, 1998), posição essa adquirida pelos seus objetos de estudo, que expõem lutas, relações de poder, seus privilégios, opressões e hierarquias obtendo um status naturalmente conflitual.

Compreendemos o desafio de produção de um discurso verídico em um contexto o qual estamos inseridos. Nesse sentido, concordamos com Bourdieu (1988) que apesar do objeto poder fazer parte do próprio campo de lutas do pesquisador, ao que tange suas paixões, interesses ou engajamentos, o interesse em produzir o discurso verdadeiro e desvendar o censurado no mundo social, apesar de polêmico, é válido:

A teoria do conhecimento e a teoria política são inseparáveis: toda teoria contém, de forma implícita ao menos, uma teoria da percepção do mundo social e estas teorias da percepção do mundo social se organizam segundo as oposições muito análogas aquelas existentes no mundo natural (Bourdieu, 1988, p.86).

Procurando sistematizar e analisar esses embates que ocorrem nesse meio esportivo, mais especificamente no basquetebol do estado do Paraná, utilizaremos a Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu para analisar cada manifestação em suas particularidades e complexidades internas, composto por estruturas, agentes e relações. É utilizado o conceito de campo para se referir a diferentes espaços da vida ou prática social que possuem estrutura própria e relativamente autônoma com relação a outros espaços ou campos sociais. Esses campos organizam-se em torno de objetos e práticas específicas, apresentando uma lógica própria de funcionamento, estruturando as relações entre os agentes no interior de cada um deles (BOURDIEU, 1983).

Apesar de diferentes, existem leis gerais que possibilitam a utilização de um aprendizado em um determinado campo para interrogar e interpretar outro. São descobertas, nesse processo, propriedades específicas de um campo em particular que pode contribuir para o conhecimento dos mecanismos de funcionamento universais dos campos (MARCHI JÚNIOR, 2004). Sendo assim,

se tomarmos um campo para estudo, notaremos dentro dele propriedades específicas, próprias do mesmo, e ao mesmo tempo poderemos notar variáveis secundárias, progredindo no conhecimento dos mecanismos universais dos campos, como por exemplo a luta entre dominantes e dominados, que ocorrem em todos os campos, mas de maneiras diferentes (BOURDIEU, 1983).

O autor nos orienta que o campo enquanto espaço social estruturado, possui sempre relações de desigualdades, que são constantemente causas de lutas entre as forças do interior desse campo:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, emprenha sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, p. 57, 1997).

Rodrigues (2000) contribui para a definição desse campo social como uma instituição de legitimidade indiscutível, respeitada e reconhecida publicamente pelo conjunto da sociedade para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, aliando ainda um conjunto de regras pertinentes ao respeito desses valores, em seu domínio específico.

Para estudar um campo, é necessário compreender a sua história, observando os acontecimentos que contribuíram para sua formação, seus agentes e suas leis de funcionamento. A partir disso, é importante analisar como esse campo se constituiu como lugar de competição, se tornando organizado para ser considerado relativamente autônomo. A partir desse ponto, são determinados interesses que surgem como alvos de disputas, podendo conservar ou transformar a estrutura, de acordo com a estratégia de cada agente e sua tomada de posição.

Bourdieu elucida sobre o conceito de campo considerando-os espaços estruturados de posições podendo ser analisados independente da característica dos seus ocupantes, e onde suas propriedades dependem da posição que os mesmos ocupam. Apesar dos campos serem os mais diversos (campo político, campo esportivo, campo religioso, campo filosófico, por exemplo), o autor afirma que existem leis gerais para todos, e são essas leis invariantes que nos possibilitam analisar os ensinamentos aprendidos sobre o

funcionamento de um campo para a interpretação e o questionamento de outros campos, apesar de suas propriedades específicas. A luta entre dominantes e dominados é comum entre os campos, onde os dominantes procuram defender seu monopólio e os dominados ocupar o lugar privilegiado que detêm seus adversários, mas os objetos de poder e os interesses dos agentes envolvidos no campo diferenciam-se entre si (BOURDIEU, 1983).

Essa disputa, ainda que de maneira micro e de um exemplo que não pode ser considerado um campo, pode ser observada em equipes de basquetebol de nível escolar ou universitária. Os novos alunos ao entrar no time buscam a titularidade, conquistada anos antes pelos jogadores que há mais tempo participam da equipe. O técnico, que é um agente ativo nesse subcampo, pois tem um *habitus* adquirido e uma posição de prestígio perante os atletas deve ditar as regras desse jogo, e mesmo que um novo atleta se destaque, este conquistará sua titularidade de maneira mais saudável perante o grupo se a adquirir pouco a pouco, tendo mais minutos em quadra a cada jogo. Caso o novo atleta chegue à titularidade logo na primeira partida e não tenha nenhum status reconhecido pela sua equipe, é possível que os veteranos acabem sabotando sua atuação, evitando que a bola chegue ao indivíduo por não reconhecer nele o esforço que seus pares dispuseram em anos anteriores.

O que está em jogo e os interesses de determinado campo são irredutíveis às mesmas características próprias de outros campos, ou seja, os interesses de um jogador profissional de basquetebol serão diferentes das de um profissional da área de direito.

Esses interesses não são percebidos por pessoas alheias a esse campo, pois elas preocupam-se com as características que seu próprio campo oferece, fazendo com que as peculiaridades do campo alheio soem como algo absurdo ou desinteressante. Um campo é considerado ativo quando existe a busca por objetos de poder e indivíduos interessados em obter ou manter esse status, reconhecendo suas regras e objetivos dentro do jogo (BOURDIEU, 1983).

As posições presentes no campo têm uma definição histórica, fazendo com que ele possua condições de possibilitar sua própria práxis. Ou seja, o campo prescreve as posições sociais de todos que nele estão e também cria as regras de funcionamento próprio. Com isso, rupturas no campo só podem ocorrer dentro das possibilidades do mesmo, como ruptura possível. O sujeito que

integra o campo acaba determinado por este (BOURDIEU, 1983).

Entendendo o conceito elaborado por Bourdieu, propomos a ideia de campo, com sua relativa autonomia que permite o crescimento de diversos setores (BOURDIEU 2004) para pensar o desenvolvimento do basquetebol, entendendo a modalidade como um campo esportivo, presente na sociedade atual, autônomo e com suas próprias leis, participantes, objetos de poder e que se relaciona com outros campos, como o midiático, o econômico e o político.

Cabe ressaltar que Bourdieu (1987) propõem que essa autonomia não aparece como necessariamente algo intrínseco dos campos, mas sim como um resultado das relações de força por interesses específicos de agentes e instituições, e esse microcosmo é estabelecido através dessas lutas, tornando-se um campo social relativamente autônomo em relação aos outros. A autonomia desse campo, o capital e as regras de disputa por sua posse são próprios e irreduzíveis a outros campos e assim sendo, diferentes entre si.

Todavia, o autor é claro que o microcosmo em questão, isto é, o campo, apesar de sempre relativamente autônomo, não consegue escapar das imposições do macrocosmo (constituído de outros campos) que com pressões externas agem no seu interior, dispondo apenas uma autonomia parcial que pode ser mais ou menos acentuada. A forma com que essas pressões externas agem no interior do campo e como o campo resiste a essas pressões depende da própria determinação do mesmo, sendo que não são os demais campos que agem diretamente no interior de um, mas sim a pressão, independente de sua natureza, é de certa forma traduzida para a lógica do próprio campo, respeitando suas leis fundamentais e reproduzida conforme sua lógica (BOURDIEU, 2004).

Essas pressões externas e seus resultados podem ser visivelmente notados no campo esportivo e mais precisamente no nosso objeto de estudo: o basquetebol. A modalidade, influenciada pelos campos midiático e econômico, ano após ano vêm tendo alterações para tornar-se mais atrativo ao público, e com mais público (mídia), tornar-se mais sustentável do ponto de vista econômico. Como exemplos mais clássicos, temos a criação da linha dos 3 pontos, uma nova opção de pontuação à época, e a criação do semicírculo embaixo da cesta, dificultando a ação da falta de ataque e facilitando a “enterrada”, o grande momento da modalidade. Como exemplos mais recentes, temos as alterações das regras relacionadas aos 24 segundos, como a ação do

rebote ofensivo onde o relógio antes era alterado para 24 segundos e agora muda para apenas 14, e a volta do tempo técnico com posse de bola nos últimos 2 minutos, que caso aconteça no ataque também terá a posse por apenas 14 segundos.

Essas modificações são contempladas por Bourdieu (1990) que cita o exemplo de uma obra filosófica que com o passar dos tempos pode inverter seu sentido social conforme seus usos, acarretando uma mudança no seu sentido. O basquetebol e os esportes como um todo também convivem com essas modificações em sua história, com uma disponibilidade de usos totalmente diferentes e até opostos, mudando também o seu sentido.

Elucidando o tema, Bourdieu esclarece:

O universo do esporte não é um espaço fechado em si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar às práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. (Bourdieu, 1990, p. 210)

Bourdieu enfatiza em suas obras que as estruturas não são outra coisa senão o produto substancializado das lutas históricas tal como pode-se assimilá-las em um determinado tempo (SANFELICE, 2010). O autor escreveu sobre o esporte enquanto prática física, edificando conhecimento para posteriormente trabalhos da área transcenderem esse aspecto relacionando o esporte a outros temas, como política e mídia.

Entendemos aqui o campo esportivo e, dentro dele, um subcampo do basquetebol. Nosso foco será os técnicos, agentes desse subcampo que possuem seus *habitus* científicos que são exteriorizados nesse campo através das práticas científicas já consolidadas e que acabam definindo as polarizações desse subcampo em questão.

Sendo assim, os campos não são estruturas fixas. São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam (BOURDIEU, 2001). O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são seus interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas. O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e

dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é pago consoante a economia particular de cada campo (BOURDIEU, 1990).

A estratégia, no sentido que é atribuído por Bourdieu (1990), é estreitamente ligada aos conceitos do campo. Elas são entendidas como “sequências de práticas estruturadas” ou “série de ações ordenadas e orientadas” que agentes desenvolvem em função de um *habitus* adquirido somado as possibilidades que um determinado campo oferece, para obter e maximizar os lucros específicos em jogo no campo em questão (GARCIA, 1996).

Se um indivíduo busca sua inserção em determinado grupo, será necessário possuir um *habitus* que seja pertinente ao campo, caso não o tenha, sua entrada estará vinculada a posse de algum tipo de capital específico, que a possibilite de forma arbitrária. Para Marchi Júnior (2004), *habitus* é algo adquirido e assimilado de forma durável e com contorno de disposições permanentes, sendo uma espécie de senso prático presente no indivíduo sobre o que se fazer em determinada situação, que no esporte, no senso do jogo, é a arte de antecipar o futuro do jogo. Pierre Bourdieu nos diz que:

O *habitus* como sentido do jogo é jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola. O *habitus* como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos do jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas (BOURDIEU, 1990. P. 82).

O autor nos traz também o conceito do *habitus* científico, que acaba gerando o *modus operandi* do pesquisador:

O *habitus* científico é uma regra feita pelo homem, ou melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter essas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer (BOURDIEU, 2000, p. 23).

*Habitus* para Bourdieu é compreendido como a forma de agir do indivíduo de acordo com suas experiências passadas, seu capital acumulado e seu posicionamento no interior do campo. Como existem diversos campos,

subentende-se que existam diversos *habitus* dos agentes que fazem parte das mais diversificadas estruturas.

Ao desenvolver uma abordagem sobre o campo, Bourdieu sugere alguns passos metodológicos a serem seguidos, dentre eles a análise dos *habitus* dos agentes, ou seja, os diferentes sistemas de disposições que os mesmos têm em relação ao campo (BOURDIEU; WACQUANT, 2008). Um dos exemplos que podemos citar é o *habitus* pugilístico, apontado pela obra de Wacquant, onde foi feita uma descrição etnográfica, sociológica e literária sobre o pugilismo, passando, com a prática do esporte, por uma incorporação do *habitus* pugilista e do reconhecimento das leis daquele subcampo específico.

A relação entre o indivíduo e a sociedade é considerado um dos mais polêmicos temas das ciências sociais, com diversos autores enfatizando a importância do agente, e outros destacando a importância da sociedade. Segundo alguns estudiosos, os agentes, sua consciência e personificações acerca do mundo são reflexos do fenômeno da estrutura social. Entretanto, os fenomenologistas deslocam o centro da questão para o sujeito, fazendo oposição à visão centrada no papel das estruturas sociais. Nessa perspectiva, tanto sujeito quanto suas interações têm importante papel na construção de estruturas mentais e na concepção do mundo social (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009).

Nos trabalhos de Pierre Bourdieu, inspirados nos debates filosóficos do autor na época, que notamos a renovação sociológica do conceito, trazendo o *habitus* como uma noção mediadora que auxilia a romper com a dualidade do senso comum entre o indivíduo e a sociedade captando a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, em outras palavras, o modo como a sociedade está presente nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, capacidades e propensões já constituídas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que as inspiram nas suas respostas criativas às situações do seu meio social existente (WACQUANT, 2004).

Entendemos que, para Bourdieu, os indivíduos agem conforme os “sistemas de disposições duráveis”, assimilados das estruturas sociais e também como respostas pessoais dos próprios sujeitos a situações ocorridas ao longo da vida. Assim, o *habitus* é:

[...] estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994, p. 61).

Bourdieu compreende que a sociedade não pode ter seu entendimento separado do indivíduo, e que a compreensão do mesmo não se faz sem o entendimento do seu *habitus*. O *habitus* não é somente histórico, como também individual e social e, a partir dessa observação, emerge que, com estas duas características, o *habitus* se torna também um sistema de classificação (DOMINGUES, 2006).

Na sequência dessa análise, entendemos que um campo relativamente autônomo das práticas esportivas é constituído na medida em que se considera a incidência dos *habitus* esportivos nesse espaço, pois segundo Bourdieu o campo estrutura o *habitus* em tão presente medida que o *habitus* constitui o campo (BOURDIEU, 1987). Compreendemos, portanto, que o *habitus* se trata, antes, de um corpo socializado, estruturado, que incorporou “as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo quanto a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 2007, p. 144).

Avançando na exposição dos argumentos, notamos que o *habitus* funciona como um programa de percepção, classificação e organização da ação, como uma força que sustenta e mantém determinada ordem social. Em vista disso, o *habitus* se apresenta e distingue como um princípio unificador e gerador de todas as práticas – como sistemas de disposições duráveis incorporados pelos agentes, o *habitus* acaba por reproduzir a estrutura objetiva de que são produtos (BOURDIEU, 2003).

Esse conceito desenvolvido por Bourdieu recupera a dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais, do agente interagindo com a realidade social e não apenas sendo resultado de suas determinações e nem determinando-as. Há uma dimensão social talhada em nós e nossas estruturas mentais sofrem um condicionamento social. Compartilhamos essa dimensão com outros agentes, categorias, concepções que orientam nossa conduta e as tornam significativa. O

princípio gerador de nossas práticas, ações no mundo e que regulariza nossas condutas é chamado de “*habitus*” (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009).

Wacquant (2004) contribui ao salientar que o *habitus* fornece ao mesmo tempo um princípio de sociabilização e de individualização: a primeira pelas nossas categorias de juízo e ação que são advindas da sociedade, compartilhadas por todos que foram submetidos a condições e condicionamentos similares (como o *habitus* masculino ou nacionalista, por exemplo), e a segunda por cada agente ter sua localização e trajetória únicas no mundo, internalizando uma conjunção diferente e incomparável de esquemas. Sendo ao mesmo tempo estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (com ações e representações presentes), o *habitus* atua como um “princípio não escolhido de todas as escolhas” direcionando ações com caráter sistemático de estratégias mesmo que não haja essa intencionalidade, e que acabam sendo “orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro” (Bourdieu, 2009, p. 256).

Bourdieu em suas obras procura enfatizar as estratégias do agente. As disposições adquiridas, o senso prático que orienta nossas condutas e formas de ação que o autor denomina “*habitus*” não tem origem em uma regra explícita. Ele serve de base para a previsão da conduta do agente porque, segundo o autor, podemos agir de determinadas formas em determinadas circunstâncias. Apesar de ser uma tendência, não significa que o agente sempre aja da maneira que se espera ou faça sempre a mesma coisa para uma mesma situação. A improvisação, a criação de novas estratégias são sempre possíveis e atribuem às estruturas simbólicas um papel ainda mais relevante.

O *habitus* de classe é apresentado com características específicas das experiências de cada classe. Segundo Bourdieu (2006), a classe trabalhadora e a pequena burguesia acabam tendendo à humildade, trazendo consigo um sentimento de incompetência e uma aceitação veladamente incontestável decorridas de um conformismo lógico que acabam gerando um *habitus* próprio às condições que lhe são apresentadas. O próprio autor traz a expressão de “inconsciência de classe” ao analisar o sentido do *habitus* para as classes menos favorecidas, que atua no sentido da inanição e reprodução das suas condições de vida. Isso explicaria o conformismo e submissão às classes que detêm o poder e a autoridade das classes dominantes.

O conceito de *habitus* vai além da análise de estrutura psicológica ou valorativa. As formas de apreciação são um importante quesito para a análise desse princípio gerador de práticas, identificando onde o agente se posiciona dentro do campo em análise. Essa “disposição estética” (BOURDIEU, p. 59, 2006) nada mais é que uma manifestação do sistema de disposições que condiciona o agente a determinada classe, que o classifica.

Esse padrão estético é característico de cada classe social e no momento em que determinado membro expõe esses valores, automaticamente ele é classificado dentro de seu próprio grupo. Na análise de Bourdieu (2006), o autor aponta a classe trabalhadora com uma atitude negativa com relação aos valores estéticos, vivendo em função de satisfazer necessidades prementes, um *habitus* dominado pelo pragmatismo. Já a alta burguesia se desprende dessas necessidades imediatas e se propõe a experiências não rentáveis, como o interesse pelas artes. Independente das escolhas estéticas, elas estarão presentes em todas as classes sociais, sendo divididas entre o gosto das classes populares, da classe média e da classe dominante. Cada uma com seu padrão estético que a diferencia das outras (SILVA, 1995).

No basquetebol é muito clara a influência de um *habitus* relacionado ao valor estético, de maneira que o atleta da modalidade se diferencie de pessoas que não o praticam ou que optem por outros esportes. Munhequeiras, tênis, faixas e outros acessórios são constantemente encontrados pelos praticantes e não necessariamente em situações da prática, ou seja, apenas para serem identificados e não para obter alguma vantagem dentro do jogo (vantagem essa invariavelmente questionada por se tratar de um item mais estético do que necessariamente útil na modalidade).

Quando citamos apenas o subcampo do basquetebol, principalmente com jogadores iniciantes das mais variáveis idades, é comum os atletas que são agentes desse campo, sentirem certo tipo de receio quando enfrentam equipes com todos os jogadores devidamente equipados com tênis da modalidade. Os agentes que adentraram há pouco no subcampo reconhecem no adversário através do tênis que está usando determinado potencial de conhecimento que o próprio não detêm, sendo muitas vezes apenas um conformismo do agente e reflexo do lugar que o mesmo ocupa nesse local de disputas, não refletindo na partida a relação entre um bom tênis da modalidade e um bom desempenho

durante a partida.

Todavia, Bourdieu relatou também sobre as mais diferentes classes sociais praticando uma mesma modalidade e que, devido seu *habitus*, conferem um sentido diferente à prática:

Pelo fato de que os agentes apreendem os objetos através dos esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*, seria ingênuo supor que todos os praticantes do mesmo esporte - ou de qualquer outra prática - conferem o mesmo sentido à sua prática ou, até mesmo, praticam, propriamente falando, a mesma prática. Seria fácil mostrar que as diferentes classes não estão de acordo em relação aos ganhos esperados da prática do esporte, tratando-se dos ganhos específicos - propriamente corporais que não são, de modo algum, objeto de discussão relativamente ao fato de serem reais ou imaginários já que são realmente visados, tais como os efeitos sobre o corpo externo (por exemplo, a magreza, a elegância ou uma musculatura visível) ou os efeitos sobre o corpo interno (por exemplo, a saúde e o equilíbrio psíquico) - sem falar dos ganhos extrínsecos, tais como as relações sociais que podem ser estabelecidas mediante a prática do esporte ou as vantagens econômicas e sociais que, em determinados casos, tal prática pode garantir (BOURDIEU, p. 198, 2006).

Podemos notar, através da experiência empírica própria, uma diferença entre a busca do basquetebol em colégios públicos e particulares. Apesar de alguns pontos serem comuns, como por exemplo a opção pela modalidade por possuir amigos que já a praticam, outros fatores são diferentes, como por exemplo o gosto pelo esporte por acompanhá-lo na televisão (mais comum em colégios particulares - onde há mais acesso à TV por assinatura), indicação dos pais para emagrecimento e/ou cuidados com a saúde e socialização. Fatores esses que em colégios públicos não são expostos pelos atletas como motivadores da prática.

Especificamente no basquetebol, podemos dizer que o esporte foi democratizado a ponto de fazer “coincidir - frequentemente, em espaços ou tempos separados - públicos socialmente diferentes que correspondem a idades diferentes do esporte considerado” (BOURDIEU, p. 200, 2006). E essa democratização chegou ao ponto de se diferenciar o basquete de quadra, geralmente praticado com técnicos, árbitros e os equipamentos adequados para o basquete de rua, denominado “*streetball*” e que resultou em uma nova modalidade olímpica, o “basquetebol 3x3” que se inspira na versão de rua do esporte, ocupando menos da metade da quadra original, em um piso que não é de madeira (o que sugere que os tênis envolvidos necessitam ser mais fortes),

com apenas um árbitro e sem a presença do técnico em quadra. Podendo ser jogado em praças públicas, sem o envolvimento de pessoal profissionalizado e com indivíduos portando equipamentos mais acessíveis financeiramente, a atividade tornou-se uma opção mais democrática aos praticantes.

Importante ressaltar nessa análise sobre o basquetebol que a prática, na teoria, é acessível para os estudantes de todas as classes sociais em território nacional, pelo desporto fazer parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), e que a modalidade é uma das quatro mais comuns no currículo, juntamente com o handebol, o voleibol e o futsal. Porém, para avançar na modalidade a ponto de competir e se aprofundar, fica a cargo de clubes e nem sempre os mesmos são acolhedores para praticantes de baixa renda que não demonstrem habilidade suficiente para dar um retorno técnico para a instituição.

Ao analisar um campo e a maneira como é constituído, a relevância das suas estruturas e agentes e a maneira como eles podem agir, entre dominantes e dominados se faz necessário a presença de outro conceito de Bourdieu intitulado “capital”, como o autor faz referência na maioria de suas obras. Ferramenta importante para compreender a dimensão simbólica da luta entre diferentes grupos sociais, esse conceito nos auxilia a desvendar as nuances sobre as disputas de poder presentes em todos os campos.

Podemos afirmar que todos os campos possuem disputa pelo autor nos revelar que o “espaço social” (campo) é um espaço de lutas, associando o conceito de capital com efeitos de dominação. Assim sendo, estruturas simbólicas (como a cultura, por exemplo), mostram-se efetivamente importantes para legitimar um grupo (que as possui) sobre os outros (CUNHA, 2007). Cabe aqui salientar que existem outras formas básicas de capital além do cultural, as quais: o capital econômico, o capital social (a rede de contatos de um agente ou grupo) e o capital simbólico (o prestígio) que somados formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder.

O mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico

que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos (...) os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecido como legítimos (BOURDIEU, P. 1987. p.4).

Para Silva (2005), os conceitos de capital social e capital cultural reforçam-se de maneira mútua: a cultura torna-se exclusiva através de uma base bem demarcada de contatos sociais, que são formados e perpetuados a partir de uma base cultural. Todas as relações dos agentes, sejam de amizade, matrimônio, profissionais, suas posições ocupacionais tendem a ser culturalmente homogêneas e são essas relações que formam redes de comunicações que lhe implicam vantagens, recursos ou auxiliam para a obtenção de novos contatos e perpetuam seus benefícios.

Para Bourdieu, não há nenhum elemento que comprove que uma cultura é superior à outra, a mesma se torna legítima pelos valores tácitos atribuídos a ela por certos grupos de posição dominante numa dada configuração social. Em outras palavras, a cultura torna-se dominante porque é de posse de grupos dominantes e não por possuir alguma característica superior. Apesar disso, a cultura dominante não pode ser considerada um simples reflexo dos grupos que a dominam, mas sim o resultado das lutas que são travadas por esses grupos no campo (ALMEIDA, 2007).

Bourdieu (2006) admite a existência de grupos populares na disputa pela cultura legítima, revelando assim a concorrência desses diferentes grupos sociais para adquirir o capital social almejado (privilegio de poucos) que, após ser obtido acaba legitimando através da sua nova distinção social posições mais privilegiadas dentro do campo. Esse recurso escasso e mal distribuído estimula o conflito de sua posse, denunciando a dominação de um grupo sobre outro afim de manter seu status e poder ser aceito pelos demais.

Para auxiliar a compreensão dessas disputas presentes em todas as configurações sociais, o autor traz luz às concepções de trajetórias, as quais são consideradas individuais ou social de grupos, pois notamos os esforços de grupos específicos de um campo que lutam para obter ou recuperar um espaço desejado ou o esforço de um agente em escapar de um declínio de sua classe.

Na obra “A Distinção” há exemplos de manutenção de capital cultural que são claros: grupos que dependem do capital cultural para manter sua posição social encaram o investimento na educação dos filhos como algo essencial (BOURDIEU, 2006). Esse exemplo é atual, mas não único. Tendo em vista os esforços de políticos brasileiros em perpetuar o nome de suas famílias nos cargos públicos elegíveis, é comum o político que conseguiu sua eleição financiar a própria e a candidatura de seus pares, ações essas que requerem um grande investimento, pouco provável para o restante da população.

Outro artifício citado por Bourdieu (2006) e extremamente atual são as “estratégias de reconversão” (p.122) que atuam de maneira que os agentes presentes em setores da nova burguesia que são ricos em capital cultural porém pobres em capital econômico e social possam fazer essa conversão de um capital para o outro, e enxergam a possibilidade de fazê-lo através de comercialização de estilos de vida, como estabelecimentos que oferecem serviços de ginástica, propaganda, e outros que correspondam ao capital cultural adquirido pelo indivíduo. São essas estratégias individuais que possibilitam o deslocamento de pessoas no espaço social, promovendo sua mobilidade social, sejam eles dentro de uma mesma área profissional, como um chef de cozinha que começa em um restaurante desconhecido e com o tempo ascende posteriormente para um renomado (ou transforma o seu restaurante em um) ou seja com mudanças no ramo profissional, como o crescimento de um indivíduo dentro de uma empresa (de operário para dono da indústria). Nesses exemplos, os ganhos de capitais, principalmente o cultural, são essenciais para tornar possíveis as ascensões dos agentes no espaço social.

Os esportes são uma interessante ferramenta para analisar os mais diferentes conceitos de Bourdieu dentro da sociedade. O campo esportivo é movimentado por diversas disputas de poder dos agentes e grupos nele incluídos, o *habitus* esportivo é claro dentre os praticantes e diversificado entre as modalidades e a própria prática de determinadas atividades têm um viés de benefícios de distinção de uma classe para outra.

Cabe aqui dizer que apesar do trabalho estar focado nos técnicos - agentes do subcampo do basquetebol - há mais agentes envolvidos e que podem aparecer no decorrer da nossa pesquisa, como por exemplo a figura de dirigentes, jogadores, árbitros e até torcedores entusiastas que podem gerar

ações que impactem no campo estudado.

Para Bourdieu (2006, p. 25) através dos esportes é possível considerar os sistemas de percepção e apreciação que lhes são próprios, caracterizando determinadas modalidades através dos seus gastos “de ordem econômica, cultural e física” e os benefícios ligados a essas práticas como ganhos estéticos, econômicos e sociais e simbólicos, relacionados com o valor que o esporte detêm perante a sociedade (o fato de sua maior ou menor raridade de prática, ou por estar mais ou menos relacionado à uma classe, como o golfe para as classes mais distintas e o futebol para as classes mais populares).

Optamos, nessa breve revisão de literatura, em abordar as mais diversas modalidades por entender nos preceitos de Bourdieu (1990) que nos orienta que para compreender um esporte é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço das modalidades esportivas. Pois não há possibilidade de analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas, pensando assim o espaço dessas práticas como um sistema em que cada elemento recebe seu valor distintivo.

O objetivo desse capítulo foi esclarecer e demonstrar, com exemplos relacionados aos esportes, os diferentes conceitos de Bourdieu que nos auxiliaram para a construção desse trabalho. O basquetebol é um subcampo incluso no campo esportivo, e se comporta com as mesmas características do campo em que se encontra. Definições de grupos dominantes, agentes e a luta pelo capital simbólico são essenciais para a compreensão do nosso estudo, que fez com que a Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu fosse escolhida como modelo de análise deste trabalho.

Assim sendo, esses conceitos sociológicos nos ajudaram a dar luz ao espaço social estruturado que é o basquetebol do Paraná, bem como fazer uma análise reflexiva dos agentes inseridos nele (suas relações de poder e disputas). Propomos investigar estes elementos no Estado referido, visto que o desenvolvimento da modalidade depende dessas variáveis mencionadas. Isto posto, no decorrer dos capítulos, será possível constatar respostas sobre como os agentes e/ou as instituições do subcampo esportivo do basquetebol no estado do Paraná agem e se relacionam entre si sobre determinados fatores.

## 4 O BASQUETEBOL E A REDE NACIONAL DE TREINAMENTO

### 4.1 A TRAJETÓRIA DO BASQUETEBOL

O basquetebol é uma modalidade esportiva que surgiu nos Estados Unidos através do professor canadense James Naismith, no ano de 1891, como solução para uma nova modalidade possível de ser realizada dentro de lugares fechados, algo necessário para o rigoroso inverno que impossibilitava demais práticas no colégio da Associação Cristã de Moços (ACM), onde Naismith lecionava (NAISMITH, 1996).

Nos Jogos Olímpicos, a primeira aparição do basquetebol aconteceu em 1904 na cidade de St. Louis, nos Estados Unidos, como um esporte de exibição. A modalidade estreou oficialmente nos Jogos Olímpicos Modernos no ano de 1936 em Berlim, no sexo masculino, e em 1976 em Montreal, para as mulheres, tendo os norte-americanos como os maiores campeões da modalidade em ambos os naipes, sendo inclusive os atuais medalhistas de ouro (BASKETBALL – OLYMPICS WEBSITE, 2018).

Através dos anos, o basquete aumentou sua popularidade, e hoje está dentre um dos esportes mais praticados no planeta, tendo uma liga extremamente lucrativa, a *National Basketball Association* (NBA), que possui 29 equipes estadunidenses e 1 canadense. No ano de 2017, a média do valor de cada uma dessas equipes foi de US\$ 1,65 bilhão, com a liga fechando contrato de 9 anos de direitos de transmissão no valor de US\$ 24 bilhões (BADENHAUSEN, 2018). Além da NBA, outros campeonatos pelo mundo possuem um forte apelo financeiro e de público dentro de seus países, como as ligas da Espanha, Lituânia e das Filipinas.

O esporte se fortaleceu e acabou chegando ao Brasil três anos após sua criação, através do professor Augusto Shaw, um norte-americano que foi convidado a lecionar no Mackenzie College, que se localizava na cidade de São Paulo. Apesar de um início difícil, com pouca aceitação da modalidade pelos meninos dentro do colégio, e tendo ainda o futebol também como novidade em terras brasileiras, o basquetebol gradativamente ganha espaço, até chegar na ACM do Rio de Janeiro e de lá se populariza por todo o país, tendo suas primeiras competições sendo realizadas em 1912 na capital carioca (CBB, 2017).

A estrutura organizacional do basquetebol nacional responde à FIBA (Federação Internacional de Basquete) que foi fundada em 1932, dois anos após o esporte ser oficialmente reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) (FIBA, 2018). A CBB (Confederação Brasileira de Basketball) surge em 1933 sob a denominação de Federação Brasileira de Basketball, que posteriormente, em 1941, mudaria para o nome que conhecemos atualmente (CBB, 2018). Nos dias de hoje, todos os Estados brasileiros e o Distrito Federal possuem federações de basquete, além de existir a Associação dos Técnicos de Basquete do Brasil (ATBB), a Associação Brasileira de Árbitros e Oficiais de Mesa do Basquetebol (ARBBRA) e a Associação dos Atletas Profissionais de Basquetebol do Brasil (AAPB).

O Brasil possui história na modalidade, com a equipe feminina sendo a última a conseguir resultados notáveis, como o campeonato mundial de seleções de 1994 (um feito histórico, pois antes o título ficava apenas entre Estados Unidos e União Soviética), além de duas medalhas olímpicas em Atlanta 1996 e Atenas 2000, conquistando prata e bronze, respectivamente (GALLATI; PAES; MACHADO; GONÇALVES; SEOANE, 2015).

No masculino, as duas medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960 e Tóquio em 1964 e o bicampeonato mundial, em 1959 e 1963 são conquistas já cinquentenárias (RUBIO, 2004a; 2004b). Após essa data, apenas a conquista do Pan de Indianápolis em 1987 pode ser considerado o último título de grande expressão (MENESES; GOIS JUNIOR; ALMEIDA, 2016), o que demonstra um enfraquecimento do país na modalidade nos últimos 20 anos.

Após a equipe masculina ficar ausente em 3 edições olímpicas (2000, 2004 e 2008), a Liga Nacional de Basquete (LNB), criada em dezembro de 2003, apresenta sua nova competição, o Novo Basquete Brasil (NBB), o campeonato nacional masculino adulto de basquetebol, que em 2017 chegou à sua décima edição, gerando uma mudança na administração e na política do esporte dentro do país (LNB, 2017). Assim sendo, concordamos com Menezes, Gois Junior e Almeida, sobre o impacto dessa mudança no cenário do basquetebol brasileiro:

Para enfatizar o início de um novo período, o Campeonato Brasileiro ganhou um novo nome: Novo Basquete Brasil, ou simplesmente NBB. Além dos atributos técnicos, as equipes precisam mostrar

capacidade de gerenciamento para evitar a saída precoce dos participantes. Todo o esforço foi feito para que o basquetebol brasileiro pudesse crescer e se assemelhar dentro e fora da quadra ao esporte europeu e americano, no qual se encontram as principais ligas profissionais de basquetebol no mundo. Com base nesse panorama, é importante identificar em que medida o NBB alterou o basquetebol brasileiro (p.95, 2016).

Além dessas mudanças, outros eventos impactaram não só o basquetebol, mas o esporte como um todo no Brasil, como os jogos Pan Americanos de 2007, os Jogos Mundiais Militares de 2011 e principalmente a vinda dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016. Considerado como um legado dos jogos, esse momento de novas políticas públicas voltadas para o Esporte poderia ser um novo panorama para mudanças em como se pensa e se investe nas modalidades dentro do nosso país e, foi exatamente nesse período de confirmação de eventos, que começaram a surgir mudanças significativas das políticas públicas voltadas para o esporte (MIRANDA; AMARAL, 2016).

A história do basquetebol no Paraná perpassa pela cidade de Curitiba, onde Machado (2004) relata que jornais da época traziam a criação do primeiro clube voltado ao basquete no dia 26 de julho de 1919. Segundo o historiador, o Internacional Foot-Ball Club fundou nessa data o Internacional Basket-Ball Club, integrado apenas por mulheres. Nesse mesmo ano, foi inaugurada a primeira quadra de basquetebol de Curitiba.

Com o passar dos anos o esporte ganhou mais adeptos dentro do Estado, e campeonatos foram criados pela demanda da modalidade, o que gerou a necessidade da institucionalização do basquetebol e da criação de uma instituição que regulasse suas regras e organizasse os torneios, que ficou sob a responsabilidade da Federação Paranaense de Desportos (MACHADO, 2004).

Em sua obra, Heriberto Machado (2004) descreve o basquetebol como um departamento da já extinta Federação Paranaense de Desportos, que posteriormente seria chamada de Federação Desportiva Paranaense e que era responsável por outras modalidades, como o handebol, o voleibol e o atletismo.

Em 1930 é realizado pela primeira vez por essa instituição um campeonato de basquetebol, porém apenas em 1947 um campeonato para as categorias de base foi desenvolvido: o Campeonato Metropolitano Juvenil de Basquetebol. Em 1950, com o aumento de praticantes e campeonatos dentro do Paraná, e por questões políticas e administrativas, foi proposta a criação de uma

instituição voltada exclusivamente à modalidade, que se concretizou no dia 08 de Janeiro de 1951 com a fundação da Federação Paranaense de Basketball (FPrB), que desde essa data representa o basquetebol do Estado nacionalmente, comandando assim as mais diversas ações voltadas ao basquete dentro do Paraná (MACHADO, 2004).

## 4.2 OS SISTEMAS ESPORTIVOS

Políticas públicas voltadas para o esporte não são exclusividade do Brasil. Diversas nações possuem leis voltadas ao incentivo da população para a prática de atividades físicas e apoio aos atletas de ponta, que possuem chance de conquista de medalhas para o país. Alguns autores focam suas pesquisas nos sistemas nacionais de vários países afim de identificar fatores preponderantes de suas respectivas organizações esportivas comparando-os e realizando análises sobre suas semelhanças e diferenças (GREEN; OAKLEY, 2001; DIGEL, 2002; FERREIRA, 2007; HOULIHAN; GREEN, 2008; DE BOSSCHER *et al.*, 2009; VAEYENS *et al.*, 2008). Green e Oakley (2001) comprovaram fatores similares entre os seis países pesquisados (Austrália, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França e Ucrânia), em que um sistema análogo acaba reproduzindo um modelo uniforme de desenvolvimento para o esporte de alto rendimento nessas nações. Durante o trabalho, os autores indicam que há equilíbrio de investimento para esses programas nos países pesquisados pelo fato de que todas elas entendem o esporte como fator de competição global.

Dentre as semelhanças, os autores (GREEN; OAKLEY, 2001) observaram uma comunicação eficiente entre programas e órgãos envolvidos no sistema, identificação e acompanhamento dos atletas talentosos e de rendimento e suas respectivas trajetórias, programas de apoio para os principais atletas e treinadores e efetividade na comunicação dos membros de uma equipe esportiva, estrutura específica e de qualidade voltada ao alto rendimento, planejamento e foco dos recursos do programa para esportes com chance de medalhas nas principais competições e preocupação com a transição das carreiras dos atletas. Das divergências apontadas no estudo, foram apontadas a fonte de investimento para o esporte, vindo do Governo na França e com mínima participação do Governo nos Estados Unidos.

Concordando com Green e Oakley (2001), Digel (2002) ao pesquisar oito países (Alemanha, Austrália, China, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Rússia) identificou pontos similares de organização e desenvolvimento de esportes de alto rendimento e avançou em outros fatores que segundo ele também podem ser relevantes ao pensar no sucesso de um programa esportivo como pré-condições ideológicas, tradição olímpica, participação em competições de alto nível, ambiente de treinamento, sistemas de recompensa, função da ciência no sucesso do esporte, papel das forças armadas e audiência como base para o desempenho esportivo a nível mundial. Os autores que possuem esse foco de estudo por fim notam que questões como globalização, fatores econômicos, a maneira de governar e explorar comercialmente o esporte também influenciam na convergência entre os modelos de gestão esportiva pesquisados.

O modelo *Sports Policy Leading to International Sporting Success*<sup>5</sup> (SPLISS) proposto por De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg e Shibli (2006), consiste em um sistema de avaliação de políticas de esporte fundamentado em características que podem influenciar no sucesso esportivo internacional e vem sendo utilizado como método para análise de desenvolvimento de programas esportivos e gestão de entidades responsáveis pela organização do esporte (Böhme; Bastos, 2016; De Bosscher et al., 2016; Mazzei, 2015). Apesar de ser um modelo que foi construído em nível nacional, ele possui eficiência para aplicação e avaliação em níveis estaduais, como por exemplo as federações (De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, & Shibli 2006).

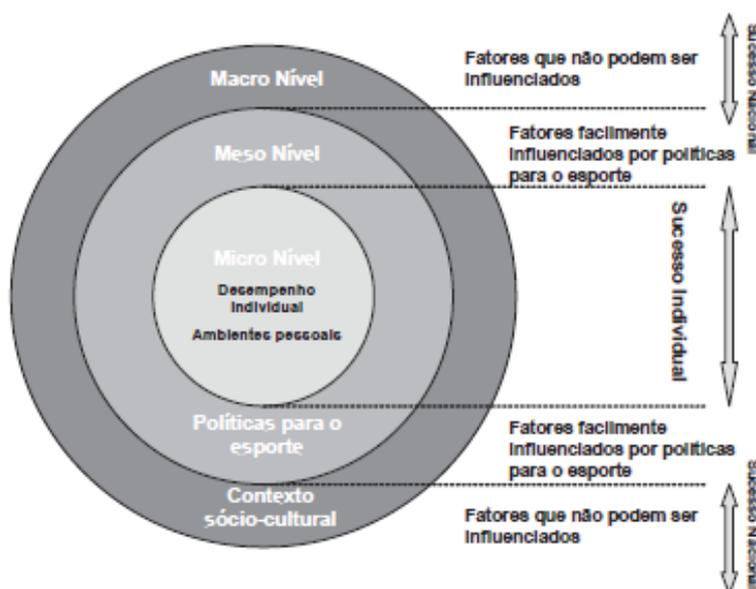
De acordo com De Bosscher et. Al. (2006) com base em seu modelo proposto, vários fatores podem influenciar no desempenho de um programa e em seus resultados, e esses fatores são divididos em: macronível, mesonível e micronível (figura 4). O macronível é responsável por aproximadamente 50% do sucesso internacional esportivo de um programa e possui as mais divergentes variáveis como fatores culturais, sistemas político e de valores, a população, o produto interno bruto, entre outros. O mesonível possui fatores que são determinados essencialmente pela política em geral e políticas voltadas para o esporte de alto rendimento. Já o micronível fatores como genética, pais, amigos

---

<sup>5</sup> Políticas de esporte que levam ao sucesso esportivo internacional (tradução nossa)

e treinadores são considerados pontos que exercem influência no desempenho individual do atleta. O autor reforça a relação entre os três níveis e suas interações, não sendo possível analisá-los de maneira isolada dos contextos social e cultural.

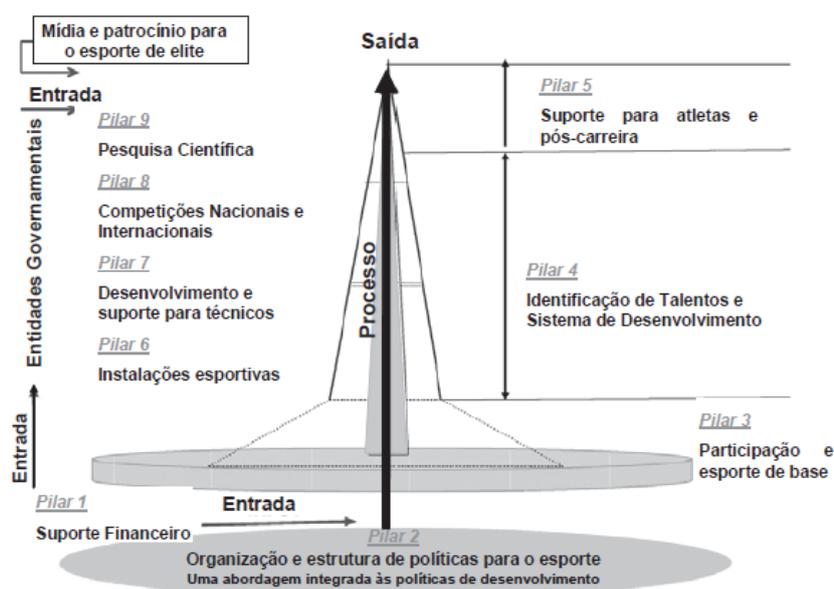
FIGURA 3 - NÍVEIS DE FATORES QUE INFLUENCIAM O SUCESSO ESPORTIVO INTERNACIONAL (TRADUZIDO DE DE BOSSCHER ET AL., 2006).



FONTE: DE BOSSCHER ET AL., 2006

Após sistematizar critérios para análise do sucesso de sistemas esportivos para esportes de rendimento, De Bosscher et. al. (2006, 2008, 2009) procuraram validar um modelo de fatores que podem levar o esporte de alto nível ao sucesso de maneira empírica. Dividido em nove pilares, o modelo SPLISS nos mostra que pode ser útil para uma análise tanto qualitativa quanto quantitativa de um determinado sistema esportivo:

FIGURA 4 - MODELO SPLISS – PILARES QUE LEVAM AO SUCESSO ESPORTIVO INTERNACIONAL



FONTE: MEIRA; BASTOS; BÖHME (2012).

O pilar de número um é considerado a entrada do modelo, com os oito restantes fazendo parte do processo. A saída do modelo seria o sucesso esportivo internacional, sendo considerados os bons resultados em Jogos Olímpicos de Verão, Jogos Olímpicos de Inverno e Campeonatos Mundiais (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012).

De Bosscher et. al. (2006) e De Bosscher et. al. (2009) definem os nove pilares da seguinte maneira:

**Pilar 1** – Suporte financeiro – Entrada do modelo teórico proposto, quantifica o investimento de recursos financeiros públicos voltados ao esporte e de maneira específica ao alto rendimento.

**Pilar 2** – Organização e estrutura de políticas públicas para o esporte – Representando a base do modelo SPLISS, ressaltando a importância do governo em questão assumir uma estrutura política e de governança estratégicas a curto, médio e longo prazo, além de simplificar a gestão.

**Pilar 3** – Participação e esporte de base – Levantar informações sobre a prática esportiva na escola e na prática esportiva formal e informal (ambas fora da escola).

**Pilar 4** – Identificação e desenvolvimento de talentos

– Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos, visando jovens para dar-lhes a oportunidade de chegar ao alto nível e representar seu país.

**Pilar 5** – Suporte para atletas pós-carreira – Análise do apoio que o atleta recebe durante sua carreira de modo que o mesmo possa dedicar-se à modalidade em tempo integral e apoio após a aposentadoria.

**Pilar 6** – Instalações Esportivas – Apoio para as estruturas voltadas ao esporte, mais especificamente aos destinados para o alto rendimento e treinamento de base.

**Pilar 7** – Desenvolvimento e suporte para treinadores – Analisa a quantidade de técnicos capacitados e experientes, desenvolve a formação e dá oportunidades a nível internacional, oportuniza dedicar-se a profissão por tempo integral observando suas condições de vida e busca a valorização do profissional.

**Pilar 8** – Competições nacionais e internacionais – Baseada na relevância das competições para a formação e desenvolvimento dos atletas, oportuniza a participação dos mesmos em competições de nível nacional e internacional.

**Pilar 9** – Pesquisa científica e inovação – Avalia as conexões entre a ciência e o desenvolvimento do esporte de alto rendimento no país.

Esse modelo ainda conta com uma série de indicadores para cada pilar, com questões referentes ao próprio que delimitam o resultado que o país em questão obteve no pilar específico. O estudo também oferece os Fatores Críticos para o Sucesso (FCS) que são fatores essenciais para detectar como o indicador se estabelece em cada país.

O objetivo dessa dissertação não é comparar outras nações com o Brasil no quesito esportivo, mas acreditamos ser válido compreender como países em destaque nas grandes competições internacionais desenvolvem o esporte sob o ponto de vista de suas políticas próprias. Além disso, nos deram algumas ideias na formulação da entrevista semiestruturada e possíveis categorias de análise. Os trabalhos revelam que todos os países pesquisados possuem planos de

ações nacionais, gerenciados pelo governo ou entidades esportivas, além de ligas nacionais ou institutos nacionais de esporte, e esses planos são elaborados e aplicados pelos mesmos por todo o seu território (DE BOSSCHER et al., 2008; HOULIHAN; GREEN, 2006).

Pensando na realidade brasileira, Godoy (2013) e Mezzadri, Moraes e Silva e Cavichioli (2016) atentam sobre a necessidade do Brasil definir de maneira mais clara um Sistema Nacional de Esporte e quais funções cada entidade esportiva e seus agentes deveriam desempenhar dentro dessa lógica sistêmica.

No Brasil, até 2018 existia o Ministério do Esporte e com ele a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, responsável por desenvolver o esporte de alto rendimento em território nacional (MEZZADRI; MORAES E SILVA; CAVICHIOILLI, 2016). No basquetebol, a CBB juntamente com as federações organiza a modalidade no Brasil, mas nota-se que não há ação conjunta preocupada em sistematizar locais para o desenvolvimento do esporte.

Nesse sentido, a Rede Nacional de Treinamento seria uma importante ferramenta para aproximar esses agentes e desenvolver as mais diversas modalidades no Brasil, mas na prática a lei não tem o impacto que foi planejado e esperado pelo governo brasileiro.

Poucos são os estudos que abordam como tema central a Rede Nacional de Treinamento, primeiramente por ser uma lei brasileira, tornando-se objeto de estudo praticamente exclusivo de nosso país e por ser uma lei muito recente, isto é, do ano de 2011, limitando a produção sobre o tema apenas a partir da data em que foi criada.

#### 4.3 A REDE NACIONAL DE TREINAMENTO

Para a compreensão dos conceitos e aplicabilidade da Rede Nacional de Treinamento é necessário contextualizar a trajetória das políticas públicas voltadas ao esporte, tanto a nível nacional quanto estadual.

O esporte no Brasil começa a ter uma organização oficial pelo Estado nas escalas amadora, educacional e profissional, perante a lei, a partir de 1941 com o Decreto-Lei número 3199 onde é instituído o Conselho Nacional de Desportos (CND), sob responsabilidade do Ministério de Educação e Saúde (Brasil, 1941).

A partir dessa lei, o esporte começa a se estruturar pela regulamentação das entidades esportivas, a indicação de administração dessas práticas e a função do Estado Brasileiro perante o esporte (MEZZADRI, 2000).

Um dos reflexos dessa lei foi o poder adquirido por essas confederações, que começaram a ser tratadas como entidades máximas em suas respectivas modalidades (BRASIL, 1941). Foi essa a gênese da relação entre o Estado e as Confederações esportivas, com destaque para a já existente Confederação Brasileira de Desportos (CBD), responsável por diversos esportes (CAMARGO, 2016), dos quais o basquetebol não fazia parte, por possuir uma Confederação própria (CBB, 2018).

Cabe salientar que antes de constar na lei já haviam relações financeiras entre o esporte e o Estado, e as primeiras evidências são o auxílio no valor de 300 contos de réis aprovados por Epitácio Pessoa, presidente da República no ano de 1922, afim de organizar os jogos comemorativos do Centenário da Presidência, que estavam sob responsabilidade da própria CBD (CAMARGO, 2016).

Podemos entender conseqüentemente que a relação perante a Lei de 1941 entre o Estado e a CBD já se inicia forte pois ambas instituições e seus agentes possuíam estratégias posteriores à data, cada um com seus interesses específicos e que se fortificou após o decreto. Enquanto o Estado procurava organizar e fiscalizar melhor as práticas desportivas, a CBD notava sua fragilidade ao organizar e fomentar competições, justamente pela ausência de uma base financeira disponível e suficiente para todas as suas propostas (SARMENTO, 2006), assim sendo, com ambas as partes adquirindo benefícios com a oficialização.

Mezzadri (2000) reforça o intuito do então Estado Novo da época, presidido por Getúlio Vargas, em obter o poder em organizar e delimitar os objetivos para o esporte, através da CND. É a partir dessa instituição que durante o período entre as décadas de 1940 a 1970 o poder do esporte nacional esteve centralizado e todas as mudanças entre federações, confederações nacionais e regionais deveriam passar pelo crivo da Confederação Nacional de Desportos para após ser regulamentado pelo Ministério da Educação e Saúde.

Autores como Godoy (2013) e Tubino (1999) analisam essas movimentações como estratégias do Estado para o aumento do poder, reduzindo

a autonomia das demais entidades esportivas sob o pretexto da resolução dos problemas das mesmas na época e deixando de consolidar benefícios reais para o esporte brasileiro, o tornando mais burocrático.

Passados mais de 30 anos do Decreto-Lei de 1941 novas demandas começaram a aparecer ao setor esportivo, e a partir disso surge o Decreto-Lei nº 6.251 editado pelo então presidente Ernesto Geisel e posteriormente regulamentado através do Decreto nº 80.228 do dia 25 de agosto de 1977 norteando uma reestruturação para o esporte e a Educação Física nacional. Os novos textos dessa lei fortaleceram o controle da política instituída pelo Decreto anterior e criaram dispositivos legais para dar ainda mais autonomia ao Conselho Nacional de Desportos, que a partir desse momento passa a ter como prioridade o esporte de rendimento (GODOY, 2013).

A Lei de 1975, apesar de manter o aspecto impositor da sua antecessora, possibilitou o início de uma reestruturação do esporte em geral trazendo a criação do Sistema Desportivo Nacional, que reconhecia diversas formas de organização esportiva como o desporto comunitário, o desporto estudantil, o desporto militar e o desporto classista, além de trazer termos como *desporto de massa* e *desporto de alto nível*, categorizando os diferentes tipos de manifestações esportivas (CAMARGO, 2016).

A situação esportiva do país se manteve por todo o período militar, porém uma significativa mudança ocorre no fim da segunda metade da década de 1980 com o término dessa era e a criação de uma nova Constituição. Marco Maciel, ministro da educação cria a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro e convida Manoel Turbino para a presidência da mesma. A partir da comissão há a indicação de 80 propostas para a reformulação do esporte nacional além da revisão do conceito de esporte no Brasil, culminando na constitucionalização do esporte pelo artigo 217 da Constituição Federal de 1988 (TUBINO, 1999):

**Art. 217.** É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

I – A autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II – A destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos para

o desporto de alto rendimento;

**III** – O tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;

**IV** – A proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional; § 1º - O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei; § 2º - A Justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. § 3º - O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social (BRASIL, 1988).

Ao analisar as principais mudanças que esse artigo trouxe ao esporte brasileiro, o item I comenta sobre a autonomia das instituições desportivas que, apesar do Estado ter o dever de fomentar o esporte, possuem liberdade interna para pensar estratégias para alavancar sua modalidade e administrar seus capitais, inclusive abrindo a possibilidade da iniciativa privada contribuir financeiramente para a gestão do esporte no Brasil (GODOY, 2013). Contudo, ainda que conste esse texto até os dias atuais em nossa constituição, essa estratégia não parece ter sido bem executada pelos órgãos esportivos que ainda se mostram dependentes do Estado, conseguindo patrocínios através de estatais.

Ainda para Godoy (2013), o item II reforça o compromisso do Estado em promover demanda ao esporte educacional e também para a esfera privada, legitimando seu acesso ao financiamento público e os itens III e IV destacam o desenvolvimento das políticas públicas e o entendimento das mais diversas manifestações do esporte, como um direito de todos.

Outra modificação significativa acontece 5 anos após a criação da constituição através do Decreto nº 981/93 (popularmente conhecido como a Lei Zico) que posteriormente transformou-se na Lei-Federal nº 8.672/93. É nessa lei que pontos como uma reconceitualização do que é entendido por esporte, os papéis dos agentes e do Estado com relação ao esporte, mudanças jurídicas institucionais, cuidados com a estrutura das federações e a contestação do

conhecimento acadêmico produzido sobre esporte são debatidos.

A mudança conceitual perpassa a maneira como o esporte é compreendido, sendo a partir dessa data uma prática corporal que visa qualidade de vida dos seus praticantes, e não mais o rendimento. Além disso, valoriza-se a formação do indivíduo e não do caráter nacional que antes era destacado. Outra mudança é o destaque do termo “lazer”, afim de propor a integração do indivíduo à sociedade através do esporte e por fim a descentralização do poder do Estado, dividindo a responsabilidade de definir e organizar de maneira mais independente o esporte com demais representantes da sociedade (MEZZADRI, 2000).

Também para Mezzadri (2000) essa inclusão de novos potenciais agentes para administrar acarretou em uma mercantilização, tornando o esporte um produto devido ao seu grande potencial comercial. Assim sendo, houve incentivo a gestão e ao potencial lucrativo das modalidades esportivas através da legislação.

Sobre a distinção do conceito de esporte, Pimentel (2007, p. 141) explica:

Embora haja a preocupação da Lei em classificar e estabelecer três conceitos distintos de Esporte: educacional, de participação e de rendimento, a leitura de seus dispositivos revela um direcionamento de maior atenção e preocupação com o Esporte administrado pela iniciativa privada, com destaque ao Esporte de rendimento, já que houve pouca preocupação com o aspecto social na esfera esportiva, incluindo o Esporte em sua vertente educacional e em seu aspecto de participação.

E naturalmente o que ocorreu foi o investimento massivo da iniciativa privada no esporte de rendimento comparado aos outros, pois com a expectativa de exposição na mídia e conseqüente retorno para as marcas, o caminho entre as empresas e os esportes mais espetacularizados desenvolveu-se de maneira mais avançada em relação às categorias menores e esportes com pouco clamor público.

Em 1998 a Lei Zico é revogada e em seu lugar assume o protagonismo a Lei nº 9.615/98, também conhecida como a “Lei Pelé”. Para Godoy (2013) ambas tinham como intuito o fortalecimento das federações, ligas e demais entidades privadas, diferenciando as atribuições do poder público em relação ao privado, concedendo mais liberdade às instituições privadas em se posicionar no campo

esportivo.

O diferencial da Lei Pelé em relação a Lei Zico foi da autonomia das instituições e dos agentes perante o Estado, além de profissionalizar ainda mais o esporte de alto rendimento (STAREPRAVO, 2010). Além disso, Mezzadri (2000) salienta que a Lei Pelé significou uma nova divisão entre esporte formal de esporte não formal (educacional/profissional e de lazer, respectivamente), além de contribuir para a profissionalização dos atletas.

Em 2001 surge a Lei nº 10.264, a “Lei Agnelo/Piva” – uma complementação da Lei Pelé já aprovada anos antes. Essa lei tem como diferencial a inclusão dos Comitês Olímpico Brasileiro (COB) e Paralímpico Brasileiro (CPB) e garante o repasse de 2% do valor bruto arrecadado com todas as Loterias Federais em forma de verba para essas instituições, sendo 85% desse valor destinado ao COB e restante ao CPB. Além disso, foram acrescentados a Lei Pelé:

§ 1º Do total de recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do caput, oitenta e cinco por cento serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro e quinze por cento ao Comitê Paralímpico Brasileiro, devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União.

§ 2º Dos totais de recursos correspondentes aos percentuais referidos no § 1º, dez por cento deverão ser investidos em desporto escolar e cinco por cento, em desporto universitário.

§ 3º Os recursos a que se refere o inciso VI do caput:

I – constituem receitas próprias dos beneficiários, que os receberão diretamente da Caixa Econômica Federal, no prazo de dez dias úteis a contar da data de ocorrência de cada sorteio;

II – serão exclusiva e integralmente aplicados em programas e projetos de fomento, desenvolvimento e manutenção do desporto, de formação de recursos humanos, de preparação técnica, manutenção e locomoção de atletas, bem como sua participação em eventos desportivos.

§ 4º Dos programas e projetos referidos no inciso II do § 3º será dada ciência aos Ministérios da Educação e do Esporte e Turismo.

§ 5º Cabe ao Tribunal de Contas da União fiscalizar a aplicação dos recursos repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro e ao Comitê Paralímpico Brasileiro em decorrência desta Lei” (NR) (BRASIL, 2001).

Em razão da Lei nº 13.146 do ano de 2015, há uma modificação na Agnelo/Piva, com seu texto constando um aumento no valor dos repasses aos comitês, passando a receber 2,7% da arrecadação bruta das loterias federais e

uma divisão de 62,96% direcionados ao Comitê Olímpico Brasileiro e 37,04 destinados ao Comitê Paralímpico Brasileiro (BRASIL, 2015).

A partir da Lei Agnelo/Piva o Estado torna-se o principal investidor do esporte brasileiro, principalmente devido aos repasses aos Comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiro. Essa lei, apesar de nuances nos últimos meses, segue ativa e é para muitas Confederações e Federações esportivas a principal senão a única fonte de recursos financeiros, cumprindo seu papel de tentar alavancar o esporte brasileiro.

Em meio a essas leis, como discuto anteriormente no trabalho, é criado o Ministério dos Esportes no ano de 2011, responsável pelas mais diversas leis voltadas ao desporto, entre elas a Rede Nacional de Treinamento.

São objetivos da Rede Nacional de Treinamento: 1. Interligar e alinhar Centros de Treinamento nacionais, regionais e locais 2. Desenvolver e disseminar métodos de treinamento esportivo 3. Desenvolver e aplicar ciência e medicina do esporte 4. Capacitar profissionais e expandir conhecimento esportivo 5. Detectar, desenvolver e aprimorar talentos esportivos 6. Preparar atletas desde a base até a ponta 7. Proporcionar encadeamento de carreira ao atleta 8. Modernizar instalações esportivas para treinamento e competição 9. Viabilizar materiais e equipamentos adequados a cada fase de preparação do atleta 10. Desenvolver o esporte de alto rendimento, de forma articulada e integrada.

Antonelli (2016) cita que durante sua pesquisa, o Ministério do Esporte afirmou que a Rede está em vigor, porém não é certo de que na prática esteja acontecendo o que está escrito na lei. Outro ponto salientado pela autora é de que:

Inferimos isso também devido às diversas e diferentes definições e novas denominações que se têm com o passar dos anos as instalações esportivas nacionais, apontando uma possível falta de padronização dos nomes e discernimento entre os diferentes espaços; falta de critérios claros do que deve conter nesses locais referentes a recursos físicos e humanos e gestão não profissional de algumas delas (ANTONELLI, 2016, p. 53).

Silva Filho (2014) reforça que apesar de existirem programas e projetos, são poucas as informações divulgadas sobre o real impacto no cenário esportivo brasileiro dessas obras. Ou seja, até o presente momento, não há indícios científicos e nem midiáticos que constatem que foi criada substancialmente uma

rede nacional de treinamento de qualquer modalidade em sua totalidade.

Assim sendo, no próximo capítulo iremos analisar as falas dos agentes escolhidos para a entrevista, afim de dar luz a essa Rede Estadual de Treinamento presente no Paraná, buscando saber quais detalhes, ações e fatores auxiliam o jovem talento da modalidade a se destacar e seguir a carreira profissional.

## 5 A RNT NA PERSPECTIVA DOS PRINCIPAIS TÉCNICOS PARANAENSES

Pesquisas relacionadas ao desenvolvimento do esporte em um país mostram a importância do treinador como figura determinante nesse processo (GRECO; BRENDA, 1998, CARDOSO; GARGANTA, 2013). Quanto maior o nível do atleta mais necessário será a presença de um técnico esportivo com conhecimento e experiência sobre o alto rendimento (DE BOSSCHER et al, 2009, PERES; LOVISOLO, 2006).

Para Côté e Gilbert (2009) a função determinante do treinador passa pela organização e avaliação de todo o processo de treinamento levando em consideração as características específicas de sua modalidade e os fatores de rendimento dos atletas por ele comandados. Já Elias e Dunning (1992) reforçam que o papel do técnico vai além da preparação dos atletas, tendo que levar em consideração as relações estabelecidas no contexto de cada um (como por exemplo a questão social, educacional, financeira, entre outros), relações essas que são sempre dinâmicas.

Na revisão de literatura dessa dissertação foi possível compreender que os estudos relacionados à modalidade de basquetebol são majoritariamente dedicados a investigar lesões relacionadas a modalidade, além de pesquisas sobre especificidades técnicas, análises táticas e a modalidade na escola, principalmente em língua portuguesa, sendo que estudos sobre a opinião de treinadores que participam do rendimento da modalidade são inexistentes.

Assim sendo, como citado anteriormente em nosso trabalho, fizemos um ranking dos últimos 8 anos<sup>6</sup> sobre as principais instituições do estado do Paraná em resultados nas categorias de base. Dos cinco treinadores selecionados, um, apesar de se mostrar solícito, não concedeu entrevista e foi substituído pelo treinador responsável pela sexta instituição presente no ranking desenvolvido pelo autor.

As entrevistas foram realizadas em vídeo-chamadas ou ao vivo, dependendo da localização e disponibilidade dos entrevistados. O quadro 1

---

<sup>6</sup> Os anuários impressos disponíveis da Federação Paranaense de Basketball datavam até 8 anos atrás, com anos anteriores a estes indisponíveis pois sua localidade era desconhecida até a data do pedido. Foram solicitados arquivos digitais mas os mesmos não existem segundo a instituição.

ilustra as principais características dos treinadores selecionados pelo nosso trabalho.

QUADRO 1 - DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS TREINADORES PARTICIPANTES DO ESTUDO

Identificação	Idade de início no Basquetebol	Ex atleta	Entidade de início como técnico	Experiência como técnico de Basquetebol (em anos)	Idade atual	Entidade atual
Técnico 1	12	Sim	Colégio	19	41	Clube
Técnico 2	16	Sim	Colégio	20	42	Clube
Técnico 3	09	Sim	Município	42	65	Associação
Técnico 4	13	Sim	Município	17	39	Associação
Técnico 5	14	Sim	Município	13	34	Município

FONTE: O AUTOR (2019)

A média de idade dos treinadores entrevistados foi de 44,2 anos; a média de idade de início no basquetebol foi de 12,8 anos para os entrevistados; com relação à experiência como técnico da modalidade o valor médio obtido foi de 22,2 anos. Dois dos entrevistados iniciaram suas carreiras em escolas/colégios e posteriormente trabalharam em conjunto também em clubes até terem clubes como local único de trabalho, já outros três começaram em municípios e continuaram nos respectivos municípios, sendo que dois participaram da criação de associações para se vincular à cidade em questão afim de capitalizar recursos de maneira satisfatória para suas equipes. Todos estagiaram na área e tiveram alguma ligação no começo de carreira com as instituições as quais jogaram quando atletas. Todos os treinadores possuem formação em Educação Física plena, alguns com especializações e pós-graduação. Todos os treinadores possuem dedicação exclusiva à modalidade e já trabalharam com as mais diversas idades, desde nove anos ou menos até adulto e alguns o master (atletas com idades superiores aos 40 anos) de ambos os sexos.

Os discursos foram transcritos à organização sistemática dos dados em categorias e analisados descritivamente. Conforme previsto pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), este estudo apresenta a frequência de aparição ( $f$ ) dos códigos das categorias, apresentados em forma de porcentagem e obtido através do programa NVIVO. Em outras palavras, essa medida serve para quantificar e apontar os conteúdos (categorias) que emergiram com maior

veemência do discurso dos gestores (Quadro 2).

QUADRO 2 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DOS DISCURSOS DOS TREINADORES

Categorias	Subcategorias
Trajetória esportiva ( $f=12,06\%$ )	Trajetória pessoal ( $f=7,80\%$ ), Principais conquistas ( $f=4,26\%$ )
Formação/Qualificação dos treinadores ( $f=11,82\%$ )	Programas de capacitação ( $f=7,45\%$ ), Acessibilidade e importância dos cursos ( $f=4,37\%$ )
Sistema de formação de atletas ( $f=22,22\%$ )	Modelo de desenvolvimento ( $f=6,86\%$ ), Formação de atletas ( $f=11,66\%$ ) Acompanhamento do jovem talentoso ( $f=3,70\%$ )
Estrutura Física e Humana ( $f=8,68\%$ )	Melhora de estrutura física ( $f=3,56\%$ ), Auxílio em material esportivo e pessoal especializado ( $f=5,12\%$ )
Rede Nacional de Treinamento ( $f=11,76\%$ )	Trabalho em conjunto ( $f=3,56\%$ ), Conhecimento da Rede Nacional de Treinamento ( $f=1,02\%$ ), Trajetória para o atleta talentoso ( $f=7,18\%$ )
Papel das Entidades ( $f=4,32\%$ )	Centros voltados ao desenvolvimento de atletas ( $f=2,30\%$ ) Histórico de atletas encaminhados para fora do Estado ( $f=5,02\%$ ),

FONTE: O AUTOR (2019)

Aqui, antes das análises das entrevistas e segundo o método de Bardin (2011), propomos 2 hipóteses para o término de nosso estudo: a hipótese A é de que exista uma rede nacional de treinamento proposta no Estado e que por algum motivo a mesma não é seguida, e a hipótese B é que não há nada relacionado a RNT no Estado e por esse motivo os treinadores tomam decisões próprias do subcampo para encaminhar os jovens atletas em seus percursos rumo a profissionalização.

É importante salientar que o programa NVIVO, foi estratégico para quantificar os conteúdos que se apresentam com maior veemência nas entrevistas. O referido programa calcula as entrevistas como um todo e, portanto, destacamos que as porcentagens não fecham em cem por cento. Explicando mais detalhadamente: outros assuntos aleatórios podem surgir no meio das perguntas e estes são desconsiderados para o material em análise.

Nos resultados desse estudo, optamos por apresentar e discutir as categorias do Quadro 2 em tópicos. Os itens das entrevistas foram agrupados nas categorias acima citadas. Em média, foram feitas entre duas a três perguntas por categoria e cada entrevista teve a duração média de 34,8 minutos. No decorrer do texto os relatos referentes aos técnicos são apresentados pelas siglas TC1, TC2, TA3, TA4 e TP5, onde as letras “T” e os números são para diferenciar os treinadores entre si e as letras “C”, “A” e “P” servirão para localizar o leitor sobre o local de fala do entrevistado, onde C é um treinador que trabalha ou tem histórico majoritário em clubes, A são os treinadores que possuem associações e P para o treinador que trabalha em prefeitura.

## 5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 5.1.1 TRAJETÓRIA ESPORTIVA

Todos os entrevistados foram ex-atletas com a maioria ( $f=80\%$ ) participando de competições organizadas pela Federação Paranaense de Basketball e um participando das competições no estado de Santa Catarina, ou seja, participaram das principais competições dos seus respectivos Estados. Somente um dos treinadores não participou ativamente de competições de alto nível enquanto atleta, como afirma TC2: “[...] Tive uma vida como atleta mais na parte escolar, nada na parte de federação, mas o basquete sempre foi meu esporte preferido [...]”. Entre as trajetórias, destaca-se a de TC1 que possui aparições em seleções estaduais, ou seja, teve experiência em competições nacionais: “[...] Eu comecei como atleta, com 12/13 anos. Joguei bastante em Santa Catarina, joguei no Paraná também no âmbito estadual, cheguei a jogar e algumas seleções estaduais [...]”.

Além do TC1, houve mais entrevistados com experiências em representar

mais de uma cidade sendo atleta, como TA3: “[...] eu fui para Cambé, aquela região de Londrina. E aí eu continuei praticando basquete até em escolinhas também novamente e depois passei a ser seleção de Cambé [...]” e “[...] Eu vim para Toledo, no ano seguinte em outra casa e eu joguei muito tempo pela seleção de Toledo, joguei naquela época, eu passei tudo quantos jogos do Paraná [...]” e também TA4:

Então, eu comecei a jogar basquete no Colégio Anglo-Americano de Foz do Iguaçu no início de 1993. Eu joguei em Foz de 93 a 96, dos 13 até os 17 anos. Depois eu me mudei para Londrina, quando passei no vestibular da UEL, onde fiz a minha graduação. Nesse período todo eu joguei pelo município de Cambé, além de ter jogado jogos universitários também pela universidade. (TA4)

Portanto, é válido ressaltar que a maioria dos treinadores entrevistados não possuem uma experiência no basquetebol adulto competitivo de alto rendimento, como exemplo, o NBB ou ligas que dão acesso a principal categoria do basquetebol nacional. Os entrevistados participaram principalmente das categorias de base, todavia após o início da faculdade dedicaram-se a carreira profissional como estagiários da modalidade, como relatam TC1: “[...] Aí como técnico meu início foi como estagiário no Círculo Militar e na Universidade Federal no projeto extensão [...]”, TC2: “[...]Comecei como estagiário no Círculo Militar, fiquei um ano, depois comecei até a abrir outras oportunidades [...]”, TA4: “[...] também fui estagiário na cidade de Cambé, nas escolinhas no antigo Centro de Excelência de Basquete do Paraná [...]” e TP5: A partir dos 19 comecei minha carreira como técnico entre outras porque era estagiário ainda, mas já atuava. Trabalhei por dois anos aí como estagiário [...]”.

O único que não relatou experiência em estágios foi TA3, em compensação o treinador foi o único a participar de competições adultas como atleta: “[...] joguei naquela época, eu passei tudo quanto é jogos do Paraná. Jogos Abertos, tinha jogos da Primavera em Ponta Grossa, também participei muito. Enfim, eu joguei 21 anos mais ou menos [...]”.

Aqui, salientamos algo recorrente e observado empiricamente sobre os esportes coletivos em geral que são os ex-jogadores que escolhem seguir carreira dentro da sua modalidade como técnico esportivo. O fato de ser um

agente do subcampo do basquetebol paranaense<sup>7</sup> e ter o *habitus* do meio incorporado faz com que esse indivíduo consiga mudar de posição nesse subcampo de uma maneira mais natural do que um profissional recém formado que ainda não conhece as regras desse campo. Isso se destaca ainda mais no basquetebol que, conforme o desenrolar do trabalho mostrará, não possui regras que exijam cursos específicos para atuar na modalidade.

Dentre os treinadores entrevistados, apenas TA4 teve experiência com a arbitragem na modalidade: “[...] eu fiz um curso de arbitragem também de basquete e fui árbitro de 1997 até 2006. Apitei vários jogos também do campeonato estadual. Nas ligas de base, apitei em Liga Nacional também como mesário, depois como árbitro [...]”. Outros treinadores não relataram essa experiência em sua trajetória profissional, mas é comum no meio que os técnicos de basquete participem desses cursos como forma de aquisição de capital, inclusive para as relações com outros agentes desse campo que igualmente têm influência para o resultado em quadra, que é a equipe de arbitragem.

Outro ponto em comum entre os entrevistados é o início com categorias mais novas, também conhecidas como “escolinhas” que variam entre 8 a 12 anos e também em escolas, onde o nível de exigência para com os atletas tende a ser menor comparado aos clubes. TA4 relata essa fase em sua carreira: “[...] continuei apitando até 2006, atuei como técnico das escolinhas e em 2006 eu assumi as equipes femininas da cidade, nos jogos da juventude [...]”. TC2 complementa citando a evolução natural do treinador em sua instituição: “[...] aqui dentro do clube já tive oportunidades da escolinha até o adulto e veterano, passando por todas as categorias [...]”.

Um contraponto importante apresenta-se em TA3, o mais experiente dos entrevistados, que apesar de ter início também com categorias menores e chegar até o adulto, prefere nos dias atuais trabalhar com os mais jovens:

A nível adulto não, pois não é sou eu mais o técnico e isso por decisão minha mesmo porque é um trabalho muito desgastante e exigia muito e para mim já soava como pouco recompensador, então eu fiz uma escolha. Eu trabalho sempre nas categorias de base, dos 10, 11 anos até os 17 e também juventude. (TA3)

---

<sup>7</sup> Entendemos aqui que o basquetebol pelo espaço conquistado historicamente e atualmente no Brasil e no mundo já possa ser denominado campo, e entendemos a prática do mesmo em território paranaense como um subcampo do basquete brasileiro.



FIGURA 1, que foi obtida através do programa NVIVO, para cada uma das categorias ou subcategorias apresentadas.

A FPrB convoca técnicos e auxiliares que estejam cedendo um número significativo de atletas para a seleção da idade específica e conseqüentemente que obtiveram ótimos resultados no ano em questão. Pelo critério de nossa amostra, que foi o número de aparições no top3 das mais diversas categorias de base dos campeonatos paranaenses entre sub-12 até sub-19 tanto masculino quanto feminino nos últimos 8 anos, foi natural constatar que todos os nossos entrevistados possuem histórico de trabalho pela seleção paranaense.

Sobre as principais conquistas, os entrevistados citam feitos tanto pelos seus respectivos locais de trabalho (tanto no âmbito estadual quanto nacional) como também pela seleção paranaense: “[...] eu fui campeão dos jogos da Juventude. Campeão dos jogos abertos e vice-Campeonato Brasileiro de Seleções [...]” (TP5). Já TC1 destaca:

Eu fui Campeão Brasileiro de Clubes Sub21, Campeão LDB – Brasileiro Sub22 Série Prata, Vice Campeão Brasileiro de Seleções Sub16, Vice Campeão Brasileiro de Seleções Sub19, Vice Campeão Brasileiro de Universitário, três vezes Campeão Jogos Abertos do Paraná, duas vezes Campeão Paranaense Universitário, duas vezes também Campeão da Taça Paraná Adulto, Campeão Paranaense nas categorias Sub12/13/14/15/16/17/19 (Mais de uma vez em algumas delas) [...] (TC1)

Os outros três agentes apontam suas passagens pelas seleções brasileiras de base: “Fui assistente técnico do técnico Cesar e fui para seleção brasileira e fui vice-campeão no campeonato sul americano.” (TA3) que também destaca suas conquistas:

[...] Com relação a participação em seleção paranaense, 3 vice-campeões, 3 terceiros lugares. Havia um campeonato chamado Campeonato de Clubes Campeões Brasileiro que a gente sediava em Toledo. Foram cinco edições. Das cinco edições, uma vez campeão [...] (TA3).

Já TC2 relembra: “[...] Pela seleção (paranaense) a gente foi campeão sul-brasileiro sub-17, foi vice-campeão sul-brasileiro sub-15. Agora no projeto aqui que a gente está fazendo fui campeão sub-19 também, cinco vezes campeão metropolitano adulto e várias competições escolares:



Aqui, concordamos com Bourdieu (1983) que compreende o campo como um espaço que detêm suas próprias lutas, regras, e que engendra e investe uma cultura ou competência específica. No subcampo do basquetebol paranaense, que se localiza dentro do campo do basquetebol nacional, muitos fatores podem influenciar na convocação de um técnico para uma seleção nacional ou para a contratação por uma equipe do NBB. Competência e bons resultados são essenciais, que mostram a excelência da compreensão do *habitus* do campo por esses agentes. Mas além disso, há disputas de poder, contatos e relações entre os mais diversos outros agentes do campo como dirigentes, patrocinadores, coordenadores que também são essenciais para que essas situações possam ocorrer de maneira positiva para os indivíduos situados nesse campo.

### 5.1.2 FORMAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DOS TREINADORES

A respeito dos programas de capacitação de treinadores, TP5 relatou que:

No Paraná não existe nenhum programa de capacitação para os técnicos. Existiu há um tempo atrás a Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB) que era feita pela Confederação Brasileira de Basquete, até nessa época teve vários níveis né, nível 1, nível 2 e nível 3. (TP5)

E TC1 complementa sobre o projeto que acabou abandonado pela CBB:

[...] a escola acabou que se perdeu pelo tempo. Já está desativada, então esses níveis aí não são mais respeitados vou falar assim 'nível 1 é pra trabalhar com tal categoria, nível 2 com tal categoria'. (TC1)

Ainda sobre a descontinuidade da ENTB, TP5 complementa: “Inclusive cheguei a fazer o nível 1 e 2, mas não tive oportunidade de fazer o nível 3 porque a escola acabou, ficou abandonada, ficou meio de lado [...]”. Ou seja, essa iniciativa que possuía um custo de tempo e dinheiro para os técnicos interessados foi interrompida sem nenhum aviso prévio:

Anos atrás a CBB lançou os treinamentos de técnicos, então houve assim a fase 1 e a fase 2, inclusive com provas e tudo né. Então era mais ou menos assim, você tinha como se fosse uma faculdade para técnicos que já vinham trabalhando com a modalidade. Então eu fiz os dois, inclusive a CBB emitiu carteiras para quem foi aprovado. Depois disso não apareceu mais, eles não fizeram o terceiro. (TA3)

O blog “Lance Livre”<sup>8</sup> do canal SPORTV assinado por Byra Bello, funcionário da emissora até 2018, possuía uma página exclusiva para informações e divulgação do curso da ENTB. O próprio Byra acompanhado de outros agentes do campo detentores de um capital reconhecido por feitos na modalidade também ministravam esses cursos como Lula Ferreira, trabalhando por anos com técnico da seleção brasileira, o espanhol Paco Garcia que treinou equipes do NBB, Jorge Guerra, o Guerrinha, por anos treinador do Bauru Basquete, entre outros.

A primeira postagem da página sobre a ENTB é datada de 24 de julho de 2010, e a última publicação, ainda em tom de divulgação do curso foi no dia 10 de junho de 2014. Após essa postagem, não houve mais matérias nesse espaço do site exclusivo para o tema.

FIGURA 7 - RUBÉN MAGNANO MINISTRANDO PALESTRA PELA ENTB.



FONTE: BELLO, 2011.

---

<sup>8</sup> Para mais informações, acessar: <http://sportv.globo.com/platb/lancelivre/category/escola-nacional-de-treinadores/> - Acesso em 15 nov. 2019.

O discurso sobre a funcionalidade e os agentes idealizadores do curso está presente na fala dos treinadores entrevistados:

Na verdade a Liga Nacional, a CBB, eles se juntaram e criaram um grupo de professores técnicos que criou teoricamente esse modelo da Escola Nacional, então esses técnicos eles que elaboraram as apostilas, os cursos e tal, então tinha um braço assim da CBB e da Liga que foi chamado Escola Nacional de Treinadores que era comandado por alguns técnicos. (TP5)

Informação essa confirmada por Lula Ferreira, nome comum nos cursos ofertados como um dos instrutores e presidente da ATBB no biênio 2015/2017, em mensagem no *site* oficial da associação:

[...]nós conseguimos durante um período de aproximadamente dois anos, um grupo de 25 (vinte e cinco) Técnicos, dos mais conceituados do Basquete Brasileiro, fazer reuniões com uma certa frequência, onde se estruturou os NIVEIS I, II e III, com material, com programação, e isso deu à Escola, o seu esqueleto Pedagógico (ATBB, 2019).

O próprio Ministério do Esporte, existente na época, prometia a capacitação dos participantes do curso que seria baseado no mais moderno sistema de treinamento internacional, e que possuía a expectativa de beneficiar mais de 100 mil jovens através desses treinadores:

A Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB) é desenvolvida pela CBB por meio de recursos repassados pelo convênio firmado entre a entidade e o Ministério do Esporte. A parceria contemplou oito cursos de formação e certificação da escola. Para proporcionar a treinadores da modalidade um crescimento didático e metodológico, os cursos irão capacitar 1,2 mil técnicos de basquete com padronização nacional, baseados nos sistemas mais modernos de treinamento internacional. A expectativa é que 120 mil jovens sejam diretamente beneficiados pelo convênio e que cada treinador participe na formação esportiva de até 100 jovens (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014b).

FIGURA 8 - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DA ENTB PELO MINISTÉRIO DO ESPORTE



FONTE: MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014b.

Fica claro pelos depoimentos dos entrevistados, que provavelmente as metas não foram atingidas (e não há informações consistentes sobre) tornando-se um discurso que buscava promover o curso e que não se concretizou da maneira que era esperado. Na página citada acima, o curso, nível 1 dos 3 possíveis, estava sendo ofertado por R\$ 320,00, com inscrições em um *link* que encaminha para uma página que atualmente não existe mais.

TC1 ao citar a ENTB e a descontinuidade do projeto comenta:

[...] a ideia da criação dos níveis 1, 2 e 3 era justamente essa. Fazer uma capacitação para esses treinadores atuarem a partir do seu nível em determinadas categorias ou determinados métodos de treinamento, mas isso não tem se concretizado. Isso não acontece no Brasil.

Lula Ferreira na continuação da sua mensagem no site oficial da ATBB citada acima, diagnostica um dos principais problemas da oferta dos cursos da ENTB, que é o vasto território nacional, além da crise da CBB na época:

É claro que da teoria para a prática, algumas coisas não funcionaram e os objetivos não foram alcançados, principalmente em razão da distância geográfica. Tentamos também a plataforma digital, houve uma conversa sobre esse tema entre ATBB e CBB, mas também não avançou. Houve uma certa turbulência na antiga administração da CBB também nos afastou um pouco daquela ideia inicial (ATBB, 2019).

A CBB (2018b) noticiou em meados do ano de 2018 o encontro do seu Secretário-Geral, Carlos Fontenelle com o presidente da ATBB Carlos Alberto

Rodrigues e o tesoureiro da associação Marcos Aurélio Pegolo dos Santos que tinha como objetivo unir as duas entidades afim de viabilizar o relançamento das atividades da ENTB. Na notícia, Carlos Alberto Rodrigues afirma que:

Foi um encontro muito saudável para discutirmos todas as ideias que temos para trazer a ENTB de volta. Estamos trabalhando sem prazos definidos, porém felizes por ter um tempo para estudarmos as possibilidades da retomada. A ATBB está feliz em participar desse projeto e disposta a cumprir a função com a ajuda dos técnicos e de todos os envolvidos (CBB, 2018b).

FIGURA 9 - ENCONTRO DO SECRETÁRIO-GERAL DA CBB, CARLOS FONTENELLE, COM CARLOS ALBERTO RODRIGUES, PRESIDENTE DA ATBB, E O TESOUREIRO MARCO AURÉLIO PEGOLO DOS SANTOS, ALÉM DE LETÍCIA LARANGEIRA, DO DEPTº DE MARKETING DA CBB.



FONTE: CBB, 2018b

O discurso confiante do dirigente reflete outros posteriores que datam do

lançamento do programa. Porém, após prometerem uma revolução e deixar treinadores e futuros profissionais com um curso que visava a melhoria do basquetebol brasileiro através de “um conteúdo baseado nos sistemas modernos do treinamento internacional” (CBB, 2018b) mas que acabou tornando-se apenas um alto investimento sem o retorno prometido, muito deve-se contestar sobre até que ponto o custo-benefício é válido.

Ainda em 2010, Paulo Murilo (2010) questionava sobre demais interesses dos agentes ao ofertarem a ENTB e seus cursos:

O reconhecimento de que “a partir da sua criação, com certeza, muita coisa terá de ser corrigida, mas isso se tornará mais fácil”, incorre num erro fatal de previsão, o fato de que a partir de agora nada será corrigido, principalmente se tais correções forem de encontro a interesses solidamente estabelecidos, por se tratar de um mercado restrito e altamente rentável, pelo menos à luz de nossa realidade econômico desportiva.

A conclusão possível a se chegar atualmente é de que não houveram mudanças significativas nas ideias e objetivos dos cursos e que apesar do retorno do diálogo entre CBB e ATBB que data de mais de um ano atrás, nenhum curso foi ofertado no período e nem se verificaram outros movimentos ou notícias sobre o assunto.

Com a descontinuidade do curso mais presente no discurso dos treinadores, os mesmos relataram as outras possíveis maneiras de um treinador se atualizar após estar no mercado de trabalho:

Sobre forma de capacitação, técnico hoje no Brasil que quer se capacitar não existe um processo contínuo, tem que buscar alguma coisa fora. Buscar alguma coisa fora do Estado ou fora do país ou cursos regulares que aí sim tem no Brasil né, cursos com outros técnicos, clínicas com outros técnicos, mas a grande maioria busca principalmente algumas coisas online que isso tem muito, e fora do país também acontece muita capacitação. Argentina, Estados Unidos, Europa e as grandes confederações, a Eurobasket, a própria FIBA fazem cursos online que boa parte dos técnicos fazem, os técnicos mais interessados acabam fazendo esses cursos (TC1).

TC2 corrobora:

[...] quando foi criada a escola nacional sei lá 15 anos atrás alguma coisa assim, a ideia da criação dos níveis 1, 2 e 3 era justamente essa. Fazer uma capacitação contínua com níveis de treinadores, com níveis de estudo e também para esses treinadores atuarem a partir do seu

nível em determinadas categorias ou determinados métodos de treinamento, mas isso não tem se concretizado. Isso não acontece no Brasil. (TC2).

Não obstante, TP5 relembra que a rotina de treinos dificulta o acesso aos cursos, mesmo que sejam ofertados a distância:

A internet ajuda bastante a buscar coisas que o pessoal está usando fora do país e a gente busca fazer cursos também por aqui que aparecem, que a gente consegue fazer. Não são todos que a gente consegue fazer porque a rotina diária nossa aqui de competições, de treino, é difícil a gente ficar se ausentando por 3, 4 dias, mas é dessa forma que a gente procura se atualizar. (TP5)

Ao ser questionado sobre os cursos, TA4 revela a iniciativa de um curso no estado do Paraná:

Aqui no Paraná a gente vai iniciar agora, todo ano a gente vai fazer no último final de semana de janeiro. Nós vamos fazer uma clínica. [...] (fizemos um) projeto piloto e nós vamos tornar isso oficial da Federação. Uma clínica todo início de ano com algum técnico ou brasileiro ou estrangeiro. (TA4)

Porém, TA3 aborda, mesmo participando do curso projeto piloto da federação no início do ano, a responsabilidade e ausência da FPrB na iniciativa dos cursos: “Agora não sei te dizer a nível de capacitação que ocorra. Quem deveria promover esses cursos é a Federação Paranaense de Basquete”.

TA3 enfatiza que:

Agora aqui dentro do Paraná como repetindo a você, quem deveria fazer essa parte de procurar mostrar e fazer a publicação e fazer todo apanhado desses cursos no Brasil e passar para os técnicos do Paraná, seria a Federação Paranaense de Basquete e pelo jeito não está fazendo esse trabalho. (TA3)

Importante aqui salientarmos o local de fala de cada agente, em especial TA4 e TA3. Enquanto um deles está diretamente envolvido com as instituições que organizam o basquetebol paranaense, outro carrega um discurso de descontentamento com essas instituições. Destacado esses fatos, conseguimos enxergar nuances de suas posições no campo em seus discursos, sendo que um busca afirmar um trabalho em que há participação direta e o outro procura destacar a ausência nesse caso.

TA3 ainda revela outras opções de cursos pelo território nacional:

[...] quando nós técnicos queremos nos atualizar, uma melhoria, sempre vai para fora. Procura cursos fora, em cidades que realmente, São Paulo e mesmo a nível de Santa Catarina que realmente estão sempre fazendo alguma coisa de Rio de Janeiro, que vai fazer. O custo é muito caro né, então a gente sempre espera às vezes que se promova alguma coisa dentro do Paraná. (TA3)

Ao serem questionados sobre a exigência de algum curso obrigatório para exercer a função de treinador de basquetebol, os entrevistados negaram a existência do mesmo:

Hoje somente tendo o CREF que é a única obrigatoriedade que está sendo cobrada, conseqüentemente, a pergunta anterior lá que diz respeito a ter alguma pré-qualificação para fazer parte desses cursos, ela não existe [...]. (TA3)

E por fim TA4 ao refutar a indagação de obrigatoriedade dos cursos revela o critério da Federação Paranaense de Basketball para a escolha dos técnicos das suas seleções:

Não tem essa divisão por qualificação. O que a gente faz nas seleções do estado, geralmente a gente escolhe os técnicos que se atualizam, que participam mais de clínicas, que viajam atrás de informação. Até onde eu sei algum clube ou uma ou outra prefeitura que consegue ajudar os técnicos, geralmente **quem paga por essas atualizações é o próprio técnico**. (TA4, Grifo nosso)

FIGURA 10 - NUVEM DE PALAVRAS CATEGORIA FORMAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DOS TREINADORES



de organização – para aprimorar o talento dos jovens atletas do Estado.

Em todos os discursos foi citado o Programa de Desenvolvimento, criado pelo professor Elias, então técnico da cidade de Medianeira em 2012, afim de disseminar um trabalho em que todas as equipes tivessem uma evolução nos fundamentos dos atletas parecido, fundamentos mais táticos como trabalho de pés, trabalho de ocupação de espaço e o jogo por conceito (TA4). TC2 comenta a função do programa:

Então esse programa se iniciava na categoria sub-13 com a convocação de 30, 40 atletas onde não visava a formação da equipe e sim a formação dos conceitos que seriam trabalhados nas seleções mais velhas. Então começaria com sub-13 aprendendo alguns conceitos que na seleção sub-17 estariam sendo utilizados [...] (TC2)

Apesar de existir um apoio da Federação Paranaense de Basketball, TC1 destaca a importância da iniciativa dos próprios técnicos e, justamente pela iniciativa dos treinadores de equipes femininas serem mais efusivas, os programas impactam mais no desenvolvimento das meninas:

Em relação a federação, na verdade isso é muito mais uma iniciativa dos próprios técnicos do que da própria federação, mas a federação acaba auxiliando bastante nessa situação aí e principalmente no feminino, no basquete feminino e Isso prova por ser mais no feminino do que no masculino, isso prova que é iniciativa dos próprios técnicos e aí existem seleções de desenvolvimento que a federação denomina assim, que os atletas se reúnem ali uma vez por ano, duas vezes por ano, um número grande de atletas se reúnem para treinamento com diversos técnicos do Estado em determinada cidade (TC1).

Mesmo sendo uma iniciativa dos treinadores e que o programa tem sequência graças aos esforços dos mesmos, foi relatado nas entrevistas que essa ação esteve muito mais ativa enquanto a CBB realizava os campeonatos de base (TC2). Após a crise na instituição, já lembrada nesse trabalho, as competições diminuíram – hoje organiza-se campeonatos sul-brasileiros em uma parceria entre as federações dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná – e pelo tamanho da competição os jogos são escassos. TC1 complementa:

[...]mesmo não tendo um campeonato brasileiro de clubes, as seleções da região sul Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul criaram um campeonato sul-brasileiro em diversas categorias e isso faz com que

as seleções estaduais se reúnam para treinamentos. E no Paraná muitas vezes até a seleção se reúne mesmo sem competição [...] (TC1)

Apesar das dificuldades, TA4 destaca a capacitação dos técnicos em um primeiro momento e a evolução dos atletas paranaenses após o início do programa de desenvolvimento, principalmente para o naipe feminino:

[...] a gente teve bons resultados nas competições nacionais das seleções, atletas convocados para a Seleção Brasileira. Do ano passado para cá mesmo a gente teve três meninas convocados para seleção sub-14/15. Esse ano a gente teve mais uma convocada para seleção sub-16, duas meninas da Seleção sul-Brasileira sub-14, mais duas agora para a Seleção Brasileira sub-17 (TA4).

Ao complementar sua fala, TA4 atenta às mudanças que um programa de desenvolvimento apresenta com o passar dos anos:

Então a gente meio que colocou todo mundo no mesmo patamar, então técnicos que passaram pelos treinamentos estão replicando nos seus clubes[...] Sempre que a gente se reúne, as seleções, a gente vê que elas já chegam sabendo fazer bastante coisa. (TA4)

Todos os entrevistados em algum momento de sua carreira participaram ativamente desse programa, seja na categoria masculina ou feminina. Por isso consideramos seus depoimentos extremamente relevantes para uma análise do desenvolvimento do jovem talento no Estado.

Apesar de também participar desses programas, TP5 respondeu de uma maneira diferente a questão de quais são as dificuldades de desenvolver o jovem atleta. Provavelmente por trabalhar em uma região mais movimentada em termos do basquetebol e ao promover nos últimos anos escolinhas em bairros mais periféricos, o técnico atentou sobre outras dificuldades em se desenvolver talentos:

Tem muitos outros fatores externos que acabam fazendo com que o menino às vezes não consiga atingir o potencial dele desportivo por não conseguir estar presente nos treinos, então a primeira coisa é ele ter a condição, o clube onde ele está dar a condição para que ele possa realmente focar no treinamento desportivo para desenvolver esse talento. (TP5)

Nesse sentido, TP5 ainda inclui: “Às vezes o atleta tem uma condição social muito baixa, não consegue estar presente nos treinos. Precisa largar o



empírica nos permite afirmar que há um consenso entre técnicos para que todo atleta comece e aprenda bem o fundamento da marcação individual primeiramente, para depois avance para a “marcação por zona” – que nada mais é que a marcação onde cada atleta cuida de um espaço da quadra, e não necessariamente de um jogador. Sem o bom fundamento de marcação individual, a marcação por zona tende a não evoluir bem, justamente porque o jogador não terá aprendido a marcar de maneira correta.

Aqui enxergamos a importância dos agentes para a manutenção e se necessária a mudança de um *habitus* dentro do campo. Ao se reunirem e conquistarem essa mudança de regras – já que foi sugerida pelos próprios técnicos – os treinadores mudam a maneira de atletas, árbitros e dirigentes se portarem. Sabemos que todo o movimento do campo impacta a todos que nele estão, e que todos os agentes independentes de posição podem influenciar em outros, mas aqui destacamos o poder que os treinadores possuem para movimentar e modificar as regras do jogo, tanto em quadra quanto fora.

Ao exaltar o trabalho de base, TA3 observa a importância de materiais adaptados para proporcionar à criança uma experiência completa com a modalidade: “Um trabalho de base você começa lá com a criança, 7, 8 anos, bola adaptada, tabela adaptada, enfim, todo basquete adaptado. Em decorrência à idade, maturidade da criança”. Pontuando o valor de uma metodologia e de um processo pedagógico, TA3 também critica as competições precoces:

Eu vejo que no Paraná se faz tudo para ontem, porque em uma categoria sub-12 disputando uma taça Paraná, de um ano para o outro você tem que ter esses atletas para ir. Não se tem uma sequência, às vezes você acaba dando direto o jogo, o fundamento não está bem, mas o jogo excita essa criança até que ela jogue né (...). Então nós de repente estamos cometendo alguns erros de queima de fases no trabalho para as crianças. (TA3)

Já TA4 ao salientar o ensinamento fragmentado, conforme exposto no QUADRO 3, exemplifica com a técnica do arremesso:

Têm os pés e tem que trabalhar flexão, trabalhar a extensão do braço, flexão de punho, então a gente quebra em partes, treina esses movimentos parte a parte até chegar em um todo [...]

E adiciona:

então nunca partir do movimento global, sempre quebrar estes movimentos e entrar de forma analítica. (TA4)

TC1, com uma experiência um pouco diferente pois trabalhou com uma equipe de treinadores a qual fazia parte, e revelou uma metodologia própria dessa equipe, a qual ele denomina “metodologia da evolução”:

A gente criou uma metodologia de evolução, então por exemplo categoria sub-11 as crianças tem que devolver tais tipos de fundamentos. Sub-12 aqueles desenvolvidos nos 11 mais determinados fundamentos do 12. E quando eu falo fundamento, eu falo de fundamento técnico, fundamento físico, fundamento tático e assim sucessivamente. Obviamente a criança vai ficando mais velha, vai se desenvolvendo e a gente vai aumentando a carga de exigência em cima dessa criança, dentro de tudo isso passam as competições que também tem que fazer parte deste planejamento, é parte fundamental da evolução, tanto dentro quanto fora de quadra. (TC1)

Entendemos essa metodologia como uma progressão pedagógica aplicada em grupo. Apesar de não necessariamente revolucionária, quando aplicada de maneira controlada e correta – como foi o caso – possui um índice de sucesso alto. TC2 observa a importância da capacidade do atleta de entender o jogo. Para ele, a questão cognitiva é tão importante quanto a física, a técnica e a tática, e nota que é papel do treinador trabalhar isso com seu atleta:

[...] hoje no jogo de basquete a gente costuma falar assim que o atleta tem que pensar para jogar, que tem que ter qualidade física, mas tem que dominar os fundamentos mas o que hoje o atleta realmente precisa é o atleta ter uma capacidade de entendimento do jogo, ter uma capacidade cognitiva para reagir ao que o jogo pede, então eu consigo ver isso aí desde os sub-12 até o sub-19, sub-20 guardadas as devidas proporções da idade. Capacidade de enfrentamento do jogo, capacidade da competição, de entender o que está acontecendo ao seu meio, então a gente tem que dar subsídios para ele entender o que que é né, porque a gente faz muito treinamento de: “ah vamos fazer um coletivo até 10 pontos... mas com qual objetivo?”. Então hoje a gente tem que criar situações para fazer esse atleta desenvolver essa questão cognitiva. (TC2)

Com um número grande de cursos disponíveis e feitos fora do Brasil, sejam eles online ou presenciais, é natural que a filosofia de “outras escolas” acabe impactando a maneira com que os treinadores enxergam a modalidade em seu dia a dia. Nesse sentido, TA4 observa que:

[...]a escola europeia faz atualmente é diferente né, a própria escola argentina que trabalha [...] ele é totalmente analítico né, os movimentos são quebrados e treinados até exaustão, para chegar até o jogo de cinco contra cinco. Tem a progressão pedagógica, tem que existir a progressão pedagógica e ela é longa. Muitas vezes você não vai ter resultados no sub-12, no 13, os resultados serão mais tardios e acredito também que o atleta brasileiro começa a treinar muito tarde. (TA4)

E também faz uma autoanálise e também do treinador brasileiro em si, mostrando a importância de influências estrangeiras:

E com relação ao técnico brasileiro, eu acho assim que é muito empírico né, nós somos muito empíricos. Eu também no começo da minha carreira, reproduzia aquilo que os meus técnicos faziam comigo, então era um mais um trabalho de arremesso, trabalho de passe e coletivo. (TA4)

Ao ser perguntado sobre o principal problema para o treinador do jovem atleta, TC1 mostrou-se bem abrangente:

Acredito que se a gente tomar um modelo ideal aí são vários problemas né passando por estrutura nas escolas estruturas em clubes que a gente já comentou aqui por falta de capacitação por falta de estudo do próprio professor, de falta de interesse de capacitação. Posso falar também tranquilamente aqui de falta incentivo e quando eu digo incentivo estou falando de salários baixos, muito trabalho para você conseguir ter um resultado satisfatório, você tem que trabalhar muito, tem que abrir mão de diversas coisas ou outros empregos ou outras situações para conseguir fazer com que determinada geração, determinada categoria ou determinado trabalho ou determinado atleta tenha um resultado satisfatório. (TC1)

Além disso, TC1 também destaca a necessidade de um resultado a curto prazo para validar o trabalho do profissional: “[...] outro que é importante que é a necessidade do resultado imediato [...] todos acabam tendo uma necessidade de um resultado e quando estou falando resultado nessa situação, é resultado dentro de quadra, placar, não resultado de evolução”.

Para TC2, outro fator importante é identificar o atleta a ser trabalhado no longo prazo: “[...] conseguir identificar o motivo que o atleta está aqui com você, independente se é escola, clube. Se você pensar no processo mais longo, você tem que procurar identificar o atleta que está disposto a passar pelos perrengues que a vida do atleta tem, que não é só as mil maravilhas”.

Avaliando as falas dos entrevistados, suas preferências, estilos e condições, acreditamos que a figura de uma RNT presente, de um diálogo entre



se existe o monitoramento desse atleta para acompanhar seu desenvolvimento.

TC1 alerta sobre o número de atletas da modalidade e é fatídico ao afirmar:

Não existe. [...] (o meu clube) participava das seleções, a gente tentava ter uma maneira, mas era longe do ideal, uma maneira de captação de atletas. Na verdade, no nosso meio **não existe nenhuma detecção de talentos porque são pouquíssimos atletas**. Falando em Curitiba falando em Paraná, falando da realidade que então é muito mais uma captação de atleta do que uma detecção de talento. Por exemplo eu fiz aí mais de 20 peneiras 30 peneiras e nas categorias sub 11, 12 e 13 posso dar certeza absoluta que a gente sempre aprovou todos os atletas, todas as crianças que foram participar. (TC1, grifo nosso)

Todos os treinadores reforçaram o já comentado programa de desenvolvimento da FPrB: “A Federação Paranaense faz várias seletivas para formar seleção de base né que a seleção que vai jogar o campeonato brasileiro de base, sul-brasileiro de base” (TP5), “tem o programa de desenvolvimento, onde a gente seleciona atletas mesmo que não sejam federados, que algum técnico [...] tenha visto jogando os jogos escolares ou uma liga independente, a gente convida a participar dos treinos [...]” (TA4), “O que nós temos é aquele treinamento, as competições detectam os talentos [...]” (TA3) e “Tem o programa de desenvolvimento, que esse ano está tendo uma queda por causa do foco<sup>9</sup> da confederação” (TC2).

Ao falar do enfraquecimento do programa, TC2 relata que o “foco da confederação” influenciou para esse quadro. Ao abrir mão do campeonato nacional de seleções, medida tomada após a crise de corrupção no órgão, a CBB apostou em outra vertente: “Hoje não é tanto competição de seleções, é competição de clubes” (TC2). Mas essas competições pouco tem de participação da entidade, já que TC2 complementa: “Já da CBB não tem nada, hoje está uma penumbra, a gente não sabe o que vai acontecer”.

Com foco nos clubes, TC1 analisa:

Então acho que é meio que Brasil (a ausência de atletas), tirando algumas situações de clubes grandes que tem uma estrutura um

---

<sup>9</sup> Esse “foco” citado por TC2 está agora nas competições entre clubes de base de todo o Brasil, desde a categoria sub-12 até o sub-21. Com isso, as competições entre seleções dos Estados perderam força e conseqüentemente o programa de desenvolvimento também foi deixado em segundo plano em 2019.

pouquinho maior como Pinheiros, Franca, Flamengo e Minas Tênis, acho que muda até a nomenclatura não é detecção de talento, é captação de atleta. A partir daí o talento vai ser desenvolvido mais para frente. (TC1)

Temos algumas hipóteses e situações comentadas nesse trabalho sobre a baixa procura das crianças pela modalidade (indivíduos “dispostos a enfrentar treinamentos diários” (TC2) ou “condição (financeira) para que ele possa realmente focar no treinamento” (TP5), por exemplo), fato que todos os profissionais de basquetebol no estado do Paraná encaram ano após ano. Por não ser tema de nossa pesquisa não comentaremos sobre, mas entendemos ser um assunto essencial para a retomada da modalidade.

TA4 assinala uma esperança de projeto com o novo treinador da seleção feminina, José Neto:

A nível de CBB não tem nada. O que faz a nível da confederação é apenas convocações para as seleções de base quando tem competição. Deve estar saindo do forno algum projeto com o Neto que assumiu coordenação das femininas, geralmente no feminino deve ter alguma coisa aí para sair. (TA4)

Já TP5 lamenta a postura da CBB e considera que as seleções de base nacionais, justamente pela falta de verba, acabam focando nos grandes centros Rio de Janeiro e São Paulo deixando de lado talentos de outros Estados:

Por parte da confederação não existe nenhum programa que faça com que eles visualizem. Inclusive nas últimas convocações e seleções brasileiras eles têm convocado um número mínimo ali para ir para seleção, então **os técnicos da categorias acabam nem conhecendo alguns atletas que tem potencial** que teria em lugar do Brasil e a gente acaba nem conhecendo porque eles acabam se resumindo ao que eles enxergam ali e o Brasil é muito grande, principalmente São Paulo, Rio que é aonde é montada a seleção e acaba esquecendo um pouco dos outros Estados até por não conhecer, não ver os meninos, os técnicos não estar ali no meio, então seria interessante que tivesse um programa maior da confederação que conseguisse ver mais meninos, mais meninas ao redor do país pra depois poder montar seleção, mas infelizmente isso não existe. (TP5, grifo nosso)

FIGURA 13 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUB-CATEGORIA FORMAÇÃO DE ATLETAS



FONTE: O autor (2019)

#### 5.1.4 ESTRUTURA FÍSICA E HUMANA

Na subcategoria “Melhora de Estrutura Física” os treinadores nos relataram o conhecimento das modificações e também a fonte – mesmo que de maneira não aprofundada – dos recursos para tais melhorias. Não só conhecimento, mas os agentes entrevistados também participam dessas modificações do campo, onde concordamos com Almeida (2005, p. 143) que utilizando dos conceitos de Bourdieu nos diz que “entretanto, o agente, pela luta no jogo, pode influenciar no campo, mantendo ou provocando mudanças” como são os casos de TA3, que buscou a parcerias com colégios e TA4 que articula juntamente com a associação estratégias para a captação de recursos.

QUADRO 4 - FONTE DOS RECURSOS PARA MELHORA NA INFRAESTRUTURA FÍSICA NOS LOCAIS DE TRABALHO

Subcategoria	Depoimentos dos Treinadores
Melhora de estrutura física	<p>TP5 [...]até onde eu sei o recurso é próprio, recurso da própria prefeitura mesmo que vem do orçamento da prefeitura.</p> <p>TA4 Esse dinheiro foi captado um projeto nosso da associação junto a Justiça Federal, que tem algumas verbas que o pessoal recorre, paga algumas fianças e ficam destinado para associações beneficentes.</p> <p>TC1 [...]o recurso veio através do Comitê Brasileiro de Clubes que é <b>um órgão que acho que é ligado ao COB</b><sup>10</sup>, que recebe verba de loteria.</p> <p>TC2: O dinheiro proveniente da CBC vem das loterias, então hoje houve uma aquisição de equipamento [...]</p>

<sup>10</sup> Salientamos aqui a falta de esclarecimento dos treinadores com relação aos investimentos advindos da CBC, que não possui relação de financiamento com o COB. Reforçamos que essa não seria uma obrigação dos mesmos, porém ao capacitar e esclarecer essas informações a um agente tão importante no processo de desenvolvimento de um atleta, acreditamos que as

	TA3: [...]o colégio mantém a estrutura excelente, material que você tem é excelente [...]
--	---

FONTE: o autor, grifo nosso (2019)

TA3 detalha a diferença entre os núcleos de seu projeto na cidade de Toledo, intitulado “Amor e Compromisso”:

Um dos núcleos do projeto Amor e Compromisso aqui em Toledo é desenvolvido no Colégio La Salle, que é um colégio particular. Então eu tenho esse projeto desde 2003, que acontece dentro do colégio e logicamente o rendimento é lá dentro. Nós catamos todas as crianças, as meninas, adolescentes enfim que se sobressaem nos núcleos para ir lá e o colégio mantém a estrutura excelente, material que você tem é excelente, então eu tenho não tenho do que me queixar. E com relação ao município nessa parte, eu não tenho. Daí eu tenho outros dois núcleos do projeto que são em colégios estaduais. Colégio Dr João Cândido Ferreira que é próximo da minha casa e um colégio no outro extremo da cidade, Colégio Estadual Jardim Europa. As quadras são bem sofríveis, material que a gente tem são bolas, também é sofrível e é o que a gente consegue fazer dentro das escolas, dentro dos colégios estaduais. (TA3)

Já TA4 vai mais afundo detalhando as melhorias adquiridas: “Reforma estrutural teve sim. Teve aquisição de um piso com uma manta amortecedora e é feito de placas de PVC que deu bem mais conforto para os treinos”. Na sequência, o entrevistado cita a origem da verba, além de outra aquisição obtida pela associação:

Esse dinheiro foi captado um projeto nosso da associação junto a Justiça Federal, que tem algumas verbas que o pessoal recorre, paga algumas fianças e ficam destinado para associações beneficentes. A gente entrou nesse projeto e conseguiu. Além do piso, tem uma van nesse mesmo projeto da Justiça Federal, então essas reformas estruturais foram feitas através do projeto da Justiça. Os outros materiais de treinamento, isso tudo a prefeitura do nosso município que fornece. (TA4)

---

contribuições possam ser maiores desse agente em todo o processo. É uma ausência que as instituições responsáveis poderiam suprir com cursos ou informativos.

No término do relato de TA4, notamos a presença da prefeitura de Foz do Iguaçu como também um dos apoiadores do esporte na cidade, mesma situação que acontece com TP5 na prefeitura de São José dos Pinhais:

Aqui o ginásio foi reformado a quadra, os vestiários foram reformados, foram colocadas cadeiras nas arquibancadas e até onde eu sei o recurso é próprio, recurso da própria prefeitura mesmo que vem do orçamento da prefeitura. (TP5)

Para os treinadores de clubes, TC1 e TC2, notamos o forte discurso da presença da Confederação Brasileira de Clubes que em 2015 disponibilizou R\$ 874.331,00 para a Sociedade Thalia e R\$ 701.058,90 para o Círculo Militar do Paraná através de recursos públicos oriundos das loterias federais. Além de regras<sup>11</sup> que, segundo o site da Secretaria Especial do Esporte, são “severamente fiscalizadas pela CBC” como a formação de atletas olímpicos e paralímpicos, compra de equipamentos e o não investimento em categorias adultas com essa verba, o agora extinto Ministério do Esporte, atual Secretaria Especial do Esporte orientou o segmento para focar em poucas modalidades, fortalecendo esportes já tradicionais no Brasil (OLIVEIRA, 2018), repassando assim parte desses investimentos para o basquetebol.

Com esses significativos valores, houveram mudanças consideráveis nas estruturas dos respectivos clubes, como “[...]construir uma academia só para os atletas, reformar quadra. A gente conseguiu comprar bola e colete à vontade, uniforme para os atletas [...]” (TC1) e “houve uma aquisição de equipamento, troca de tabela, piso, você jogou aqui e sabe como é que era né. Placar, uniformes, melhora na academia [...]” (TC2).

Podemos observar aqui que os investimentos que entram nas respectivas instituições acabam sendo utilizados para coisas básicas da modalidade, como quadra, uniformes e bolas. Empiricamente entendemos que os dois últimos itens necessitam ser renovados quase todos os anos porém notamos que caso o investimento anterior principalmente nos casos de clubes fossem o suficiente, a verba “extra” poderia ser investida em competições fora do Estado/País, adquirir materiais mais incomuns visando a preparação física e coisas diferentes das

---

<sup>11</sup> Para mais informações, acessar: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/50261-em-curitiba-quatro-clubes-do-parana-recebem-recursos-da-cbc>

observadas nas respostas. Ou seja, a verba cedida a essas instituições ainda é o “básico” (ou nem isso, como no caso da cidade de Toledo) para se trabalhar com a modalidade, sem nenhum ponto em diferencial como por exemplo o investimento no conhecimento do profissional, assunto já discutido nesse trabalho.

No outro subcapítulo sobre estrutura, o “Auxílio em material esportivo e pessoal especializado” as respostas seguiram o mesmo padrão de origem de investimento (quando houve), com algumas exceções em eventos especiais, como TP5 indica:

Com relação ao auxílio extra, não tenho essa informação, se tem algum auxílio extra. Pode ser que tenha algum recurso que tenha vindo do governo estado alguma coisa, mas não tem acesso à essa informação. Como comentei anteriormente contigo, esse ano teve a Copa Brasil e a gente conseguiu ganhar algumas bolas da Spalding. A gente disputou o brasileiro (sub-21), também teve uma contrapartida da Spalding que veio algumas bolas também né, da Spalding, mas acho que seria isso mesmo. (TP5)

TA4 observa ao comentar sobre outros auxílios a importância da prefeitura de sua cidade:

A prefeitura paga o salário dos técnicos. Hoje entre os que recebem bolsa técnica e concursado somos em nove, além das viagens, pagamento da arbitragem né, então em torno de 80% do que a gente gasta em viagens em competições, a prefeitura que paga. (TA4)

Outras fontes de renda da associação são de patrocínios privados e ações como a parceria com a Entidade Binacional Itaipu o “projeto sem fronteiras”, que arca com a contratação de mais um professor e com uniformes e materiais para os nove núcleos das escolinhas pela cidade.

TC1 reforça a parceria da CBC com o Círculo Militar de Curitiba, possibilitando a contratação de profissionais de apoio para o clube, que refletem no basquetebol:

[...] houve sim auxílio através do Comitê Brasileiro de Clubes inclusive contratando profissionais, inclusive com edital de RH que eles chamam, contratando profissionais e pagando técnico, pagando fisioterapeuta, pagando o preparador físico, então era um condições que eu acredito que se não fosse a verba da CBC o Círculo não teria condição de arcar com esses profissionais. Inclusive o profissional na área administrativa também acabou tendo contratações lá. Então teve

sim melhor estrutura física e pessoal. (TC1)

Já TC2, apesar de participar de uma instituição beneficiada pela CBC, observa que o investimento foi direcionado apenas para a contratação de treinadores:

A questão pessoal de estrutura organizacional, o que existe hoje é maior parte dos contratados no clube são de técnicos. Hoje temos seis técnicos, mas ainda a gente não abriu essa questão de psicólogo, de fisioterapia, que por sinal faz muita falta. Na parte técnica tá tranquilo, mas na parte das questões que permeiam, que ajudam, a gente ainda está pecando um pouco. (TC2)

Verificando os relatos, podemos concluir que apesar da “orientação” da CBC, os clubes possuem autonomia para direcionar a verba recebida. Nos casos acima, a Sociedade Thalia direcionou parte da verba para professores de educação física que exercem o papel de técnico enquanto o Círculo Militar, por entender ter um número suficiente desses profissionais, contratou pessoas de outras áreas que também contribuem, cada um de sua maneira, como achar mais eficiente para o desenvolvimento do esporte dentro do clube.

Por fim, TA3 descreve a situação do dia a dia de seu trabalho:

Nós somos assim, eu trabalho nos três locais, trabalho nas categorias e a única assistente técnica que me ajuda é minha filha que está fazendo o curso de bacharel em educação física. Fez outras faculdades e agora está fazendo essa. Então essa é a ajuda que a gente tem. Eu não tenho pela prefeitura ninguém para me auxiliar, eu não tenho os recursos da associação. São através de alguns donativos que nós recebemos, as promoções que a gente faz durante o ano que existe um cronograma de promoções para arrecadação, e dentro do departamento de esporte e lazer do município de Toledo, cada modalidade tem um valor anual. O valor anual nosso é de R\$ 14.000,00 para o basquete feminino até os 17 tem (os mesmos) 14 mil para fazer todas as competições. A gente não consegue, por isso que a gente tem que ir à caça captar recursos de todas as maneiras. Nós não temos isso. Com relação ao fator humano, a ajuda, nós não temos. Falando para você sinceramente, eu faço um trabalho desde 2003 sem receber, como um trabalho voluntário dentro do basquete no município de Toledo. (TA3)

Pela declaração de TA3 ser ímpar, decidimos coloca-la integralmente em nosso trabalho. Não só no meio do basquetebol, mas em tantos outros esportes notamos matérias jornalísticas que recorrem ao sensacionalismo, isto é, trabalham com o emocional da população ao destacar a origem humilde e a sua



por escolas, prefeituras, pela CBC, sempre necessitando de auxílios, seja financeiro, de materiais ou de espaço, para que transcorra de maneira minimamente satisfatória.

### 5.1.5 REDE NACIONAL DE TREINAMENTO

Ao perguntarmos diretamente aos entrevistados sobre a Rede Nacional de Treinamento, quatro deles não souberam responder e apenas um comentou sobre alguns encontros, que não eram relacionados sobre o tema. A nuvem de palavras resume bem o conteúdo das respostas:

FIGURA 15 - NUVEM DE PALAVRAS DA SUBCATEGORIA CONHECIMENTO DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO



FONTE: O AUTOR (2019)

Primeiramente é necessário dizer que os entrevistados não possuíam nenhuma obrigação em conhecer a lei. Todavia, constatamos parecer sintomático esses agentes que perpassam o campo esportivo e político – como vimos em categorias anteriores – não conhecerem a RNT. Ao nosso olhar, essa situação mostra que o artigo da Lei 12.395/11 (Lei Pelé) não tem participação fundamental no papel profissional desses indivíduos, tampouco traz resultados notáveis em seus atletas.

Comparamos, inclusive, com outro artigo da mesma Lei Pelé, que constantemente foi citada nesse trabalho, que é o repasse das loterias federais à CBC, ponto citado nas entrevistas e não apenas nos treinadores de clubes. Esse artigo da Lei foi lembrado pois suas ações impactaram a realidade dos entrevistados, situação essa que não converge com a RNT.

Mesmo não conhecendo o conteúdo sobre a Rede Nacional de Treinamento, encontramos conceitos dela presentes no basquetebol

paranaense, mesmo que de uma maneira informal. Na página da Secretaria Especial do Esporte, que faz parte do site oficial do Ministério da Cidadania (2019), observamos que uma das ações da RNT é propiciar aprimoramento e intercâmbio para os técnicos, que nos leva a nossa segunda subcategoria, intitulada “trabalho em conjunto”.

TA4 afirma que existe esse trabalho, que acontece tanto virtualmente quanto presencialmente, quando existe possibilidade: “Temos sim. A gente tem um grupo no Whats com todos os técnicos, sempre trocando informação e quando estamos em competição também sempre marca uma reunião para falar sobre o basquete [...]”. TC1 reforça “existem algumas situações mais online, grupo do WhatsApp que professores trocam umas ideias, trocam material isso acontece bastante” e prossegue citando também os encontros da FPrB: “Aí existem as reuniões técnicas da federação. Acontecem duas vezes por ano, a federação organiza as reuniões técnicas mais para avaliar o trabalho anual da federação que é o principal órgão, onde se jogam as principais competições.” (TC1). TC2 corrobora: “Existem reuniões que são feitas duas por ano. Uma no início do ano e outra no final do ano, que são reuniões técnicas da federação, *mas que não são tratadas só de questões de treinamento, questão de filosofia de jogo, são questões gerais*”. (destaque nosso)

TA3 além de citar as duas reuniões da Federação, onde comenta que “[...]a reunião final é colocar o que houve de positivo, negativo e no início do ano é aquela reunião que também se elabora diversas obrigações para quem vai sediar a taça Paraná ou campeonato estadual e também já se programa[...]” lembra também que o trabalho em conjunto acaba acontecendo através dos treinamento modelos já citados em nosso trabalho: “onde são colocados três técnicos e esses técnicos buscam através das competições na categoria, chamar 20, 24 meninas para este treinamento modelo” (TA3) e reforça sobre a escolha dos treinadores: “Com relação aos técnicos, olha, existe um coordenador de seleções do Paraná, ele designa os técnicos para os trabalhos. Não estou muito a par disso **e não gostaria de estar**.” (TA3, grifo nosso). TP5 salienta que hoje em dia, essas reuniões são exclusivas dos técnicos das seleções: “Essas reuniões só acontecem entre os técnicos de seleções, então os técnicos que vão para as seleções acabam se reunindo”.

Pelos depoimentos acima, notamos que a organização do basquetebol



(MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019), buscamos perguntar para os treinadores, qual seria – na visão deles – a trajetória ideal para um atleta talentoso.

TA3 inicia destacando a necessidade do atleta em sair do Estado: “Então o meu perfil e a minha ideia e meu pensamento é: destacou, ficou, jogou, aparece a oportunidade, vai” e complementa: “Se há a possibilidade para a minha jogadora, para esse talento meu, então ela é encaminhada. O berço do basquetebol brasileiro é São Paulo. Não tem nada que se discutir. É São Paulo o maior nível, o melhor nível e são as melhores escolas” (TA3).

TC2 destaca a importância de um estudo anterior do treinador e a importância do mesmo ao encaminhar o atleta:

[...] e até já teve casos recentes que a gente faz um estudo da idade, do gênero, porque masculino aqui no Brasil tem bons centros que dá para continuar desenvolvendo, mas feminino é outro caso. A gente busca entre as pessoas da área quais são os melhores locais para continuar desenvolvendo, porque quando a gente pensa em desenvolver, não é só questão de treino. É questão de qual o nível de competição que ele vai ter se ele sair daqui. Ele vai jogar as mesmas coisas? Então é sempre buscando o melhor para o atleta.” (TC2)

Na sequência, TC2 abre a possibilidade de o atleta ir além do mercado brasileiro, mas alerta para alguns empresários de atletas:

Se o melhor ponto for para a Europa, a gente vai tentar ver algum lugar na Europa para isso. Se for no Estados Unidos, vai ser nos Estados Unidos. Se for em São Paulo, vai ser em São Paulo. Então é sempre através do conhecimento da gente né. Sei que hoje tem muito agente que vem atrás dos atletas e oferecem o pote de ouro, mas não pensam muito no atleta, pensa mais na questão do relacionamento dele com as equipes que ele trabalha. Tem que chegar num meio-termo aí né, que seja bom para todos. (TC2)

Já TP5 encara os Estados Unidos como o melhor destino ao jovem talentoso do basquetebol paranaense, e salienta já ser um mercado acessível atualmente:

Hoje eu vejo que a gente tem um mercado aberto que é o mercado americano. A gente tem muitos meninos e meninas que com 15 anos, 16 anos estão indo para os Estados Unidos para fazer o colegial ainda né, o *college*<sup>12</sup>. Hoje eu vejo que esse seria o melhor caminho, que

---

<sup>12</sup> O “colegial” citado pelo entrevistado é conhecido nos Estados Unidos como “*high school*” e posteriormente, ao entrar na faculdade, o aluno está no “*college*”. A partir do momento em que o atleta se destaca no *high school*, diversas universidades buscam recrutá-lo (tanto meninos

além de aliar a parte do rendimento esportivo, você alia também a parte educacional né que é uma grande parte por que o atleta não vai ser atleta a vida inteira né, então ele precisa ter a parte educacional bem desenvolvida. Eu vejo que o caminho hoje seria mais esse, de caminhar para os Estados Unidos para participar do *college*, depois universitário e assim por diante. (TP5)

E expõe uma rede de contatos existente para oportunizar esses atletas:

[...] a gente ainda não tem esse contato, eu não tenho muito esse contato ainda com técnicos americanos, essas coisas, mas é um contato cada vez mais fácil de se ter. Cada vez mais os técnicos americanos tem vindo para o Brasil e tem feito contato para levar esses atletas para lá. (TP5)

Porém, TP5 corrobora com TC2 e não acredita que o mercado norte-americano seja a única opção, principalmente após a idade do *college* estadunidense: “Tem vários exemplos de atletas que foram, que terminaram o universitário e logo depois se encaixaram no mercado europeu, e algum deles até estão voltando para o mercado profissional brasileiro mais velhos né, mas acho que esse seria o principal caminho” (TP5).

Cabe ressaltar que essa acessibilidade comentada por TP5 é pelo fato da facilidade do contato dos treinadores norte-americanos com atletas brasileiros. Porém, apesar dos casos de bolsa 100% para atletas talentosos e de destaque, as bolsas com porcentagens menores acabam sendo aproveitadas apenas por atletas com uma renda alta, que possuem a possibilidade de investir em seus estudos.

Ao citar a relação entre o interesse dos norte-americanos nos atletas do estado do Paraná, TA4 relata a situação do basquetebol feminino, que em sua opinião “não tem competições entre 18 e 21 anos ainda” o que torna o *college* uma boa opção para o desenvolvimento das atletas. Ciente disso, o treinador sublinha o trabalho conjunto entre técnico e agente para a divulgação do atleta no exterior:

A gente tem feito muito isso, a gente entra em contato com alguns

---

quanto meninas) para que o mesmo faça parte da instituição de ensino. Nesse processo é proibido qualquer tentativa de pagamento, premiações ou privilégios, que só poderão ocorrer após o atleta sair da universidade. Para mais informações, acessar <http://jumperbrasil.lance.com.br/conheca-o-basquete-colegial/>

técnicos dos Estados Unidos, alguns agentes tem levado as meninas. O que a gente faz é editar os vídeos para elas, sempre tem os jogos que são filmados e transmitidos, a gente pede para eles recortarem os melhores lances e nós montamos os vídeos, enviando para esses técnicos. (TA4)

TA4 cita atletas que fizeram parte de suas equipes e também relata um canal direto com o cenário norte-americano:

A gente já tem uma menina em Tampa, dois meninos que também estão lá no Estados Unidos. Tem mais uma agora que vai jogar o Junior College<sup>13</sup> lá com o técnico Junior Pacheco, que é o brasileiro que está lá. O processo é ajudar elas com relação a edição dos vídeos e enviar para os técnicos e agentes. (TA4)

A preferência dos Estados Unidos ser o destino do atleta paranaense talentoso na modalidade também está presente no discurso de TC1, mas o treinador observa duas situações importantes:

Para mim, a trajetória ideal do atleta do basquete, obviamente isso depende de duas condições. Um se o atleta tem condição financeira um pouco melhor e outra se o atleta tem uma condição técnica e física muito boa. Para mim o atleta tem que tentar a carreira nos Estados Unidos. E tenho apoiado, tenho conseguido ajuda. (TC1)

E complementa:

4, 5 atletas aí nos últimos anos foram para os Estados Unidos e isso aí é uma vitória muito grande para gente porque lá para mim é parte do modelo ideal esportivo. É base do modelo ideal esportivo, vamos dizer assim, então eu particularmente tenho apoiado muito atletas a saírem do país para os Estados Unidos. [...] O atleta tendo condição financeira, o pai pode pagar uma escola lá, que tem bastante situação de bolsa de estudo e acaba que muitas vezes o valor fica semelhante ao que gasta no Brasil e o atleta tendo uma excelente condição técnica aí acaba ganhando bolsas integrais lá com as escolas pagando inclusive passagem, alimentação e hospedagem dos atletas. Então para mim o ideal é esse, o ideal é que ele saia para os Estados Unidos jogar basquete e obviamente para estudar. (TC1)

---

<sup>13</sup> O Junior College, também conhecidos como *Community Colleges* são opções mais curtas e baratas para alunos que terminaram o *high school* e formam profissionais que auxiliam médicos, engenheiros, enfermeiros e etc. É possível também terminar um curso no *Junior College* que tem duração de aproximadamente 2 anos e seguir em um *College*, aproveitando as disciplinas e conhecimentos adquiridos na instituição anterior. Para mais informações, acessar: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/estudar-no-externo/estados-unidos-que-community-college.htm>



uma parte educacional relevante: “além de aliar a parte do rendimento esportivo, você alia também a parte educacional né que é uma grande parte por que o atleta não vai ser atleta a vida inteira né, então ele precisa ter a parte educacional bem desenvolvida” (TP5) e TC1 finaliza destacando que o local escolhido para o jovem talentoso pode ser o berço do basquetebol pois “[...] o ideal é que ele saia para os Estados Unidos jogar basquete e obviamente para estudar” (TC1).

#### 5.1.6 PAPEL DAS ENTIDADES

Finalizando a análise e discussão das nossas entrevistas, entramos no papel que as entidades, pelo menos na teoria, deveriam estar presentes quando se pensa em uma Rede Nacional de Treinamento a ser concretizada em nosso país. Como pudemos ver no decorrer do nosso trabalho, instituições organizadoras e centros especializados são essenciais quando se pensa em um caminho para o jovem atleta talentoso trilhar para chegar ao profissionalismo.

Porém, no Paraná e em geral no Brasil não parece haver esse tipo de organização na opinião dos entrevistados. TA4 salienta a dificuldade dos atletas do interior do Estado em se destacar pelas instituições de suas respectivas cidades:

Não, a nível nacional não existe nenhum local para esses jovens talentos. Geralmente um menino ou menina que se destaca num clube menor, uma prefeitura do interior do Estado que não tem um basquete tão forte né, geralmente esses técnicos encaminham para a outros centros né, para clubes maiores que participam de competições maiores. (TA4)

TC2 também é incisivo sobre a ausência desses espaços: “Não. No Brasil, no basquete não tem nada. Pela confederação não tem”. TP5 observa que existiu um programa anteriormente, mas o mesmo não obteve continuidade:

Uma época [...] lá em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, que era onde eles concentravam os treinos das categorias de base principalmente. Sub-15, sub-17, sub-19, então os treinamentos eram sempre lá em São Sebastião do Paraíso, mas ultimamente não tem acontecido isso, tem acontecido em várias cidades os treinamentos né. Mais ou menos da mesma forma que é o treinamento de desenvolvimento do Paraná, acontece mais ou menos dessa maneira, uma cidade que acaba querendo e leva para lá, paga os custos desse treinamento né e acaba tendo esse treinamento nessa cidade, então



Isto posto, notamos que essa falha estrutural ao se pensar em uma rede nacional acaba sendo, mesmo que de maneira parcial, compensada pela ação da CBC aos clubes, que acabam fazendo esse papel. Porém é importante ressaltar que os clubes, enquanto instituições privadas, possuem seus objetivos, sua rede de contatos (como notamos nos discursos através dos agentes/empresários) e que acabam por não contemplar a função de maneira satisfatória. Afirmamos isso pois nas próprias entrevistas foi citado o problema do jovem talentoso fora dos grandes centros e sem visibilidade como também o caminho que o jovem talentoso paranaense tem percorrido (ou deve percorrer) na opinião dos treinadores entrevistados em sua maioria, que prioriza que o talento continue seu desenvolvimento fora do país, em relação a destiná-los aos centros clubísticos do basquetebol brasileiro.

Não havendo um caminho solidificado e comum para o jovem talento paranaense percorrer da base até o profissional nem no âmbito nacional tampouco estadual, questionamos nossos entrevistados sobre qual foi o destino dos talentos que passaram por eles no passado, através da subcategoria “Histórico de atletas encaminhados para fora do Estado”.

TA3 relembra as atletas desenvolvidas por ele de anos atrás:

Nós tivemos a Vera Lúcia Gritz, ela foi, na época era Campinas, Piracicaba [...] ela atuou na época, acho que ela era nível de categoria juvenil (na seleção brasileira). Nós tivemos Ana Paula Monteiro, que ela foi encaminhada ao Bauru, era Luso na época, depois passou a ser o Santo André e foi daí seleção paulista, seleção brasileira juvenil, seleção brasileira adulto principal. Disputou campeonato mundial na Malásia, disputou Gold Games na época que era uma competição feita na Inglaterra e Estados Unidos, enfim. Nós tivemos também Lucimara Andreia da Silva. Ela foi para Campinas na época com o Paulinho e ela foi seleção Paulista nas categorias de base, além de ter vários resultados aqui no Paraná comigo. Ela saiu mais ou menos com 14 anos daqui, foi a mais nova que saiu. E ela teve uma projeção a nível de seleção brasileira também até o juvenil e depois foi atuar no basquete universitário americano. Ana Paula Monteiro a mesma trajetória, depois da seleção brasileira, foi para os Estados Unidos e atuou no basquete universitário até como eles dizem, aposentar camisa, que a camisa fica aposentada no clube e exposta. E nós tivemos a Samanta Fernandes Ludwig que foi primeiro para Jundiaí, foi seleção paulista, seleção brasileira juvenil, depois se encaminhou também para o basquete universitário americano e permaneceu até o ano passado. Esse ano ela está de volta a Toledo, não sei por quanto tempo. Acredito que deva voltar também, continua praticando o basquete. Tivemos Daniele Velio, ela se encaminhou daqui quando foi seleção paranaense, depois ela se encaminhou para São Paulo,

Jundiaí também na época do Divino. [...] Aí ela foi seleção brasileira juvenil e depois disso ficou um tempo lá e houve um retorno para Toledo e hoje ela reside em Cascavel. (TA3)

Iremos notar que os exemplos de TA3 acabam sendo menos recentes pelo fato de primeiramente ele estar a mais tempo atuando como treinador e também que no atual momento ele está focado em treinar a categoria de base, dos mais jovens até os 15 anos da cidade de Toledo. Mesmo com exemplos mais antigos, datados das décadas de 80/90 e anos 2000, observamos o mesmo padrão de sucesso que é a seleção brasileira, o ápice do atleta nacional e em alguns casos os grandes clubes de São Paulo e os Estados Unidos. Assim, entendemos um pouco de sua fala ao defender e indicar o Estado Paulista para seus respectivos atletas, e a partir daí deixá-los escolher o próximo passo de suas carreiras.

TP5 reforça: “Eu encaminharia hoje para fora do país, se possível para os Estados Unidos, acho que hoje seria o melhor caminho para o atleta se desenvolver”. Sobre seus atletas:

Com relação aos atletas que eu tive, que saíram daqui: os primeiros dois atletas que saíram daqui foram duas meninas que foram para o Bradesco em São Paulo na cidade de Osasco. Um bom centro de treinamento né. No feminino é referência e na época não foi a gente que indicou, foi o pessoal que veio atrás das meninas e lógico, os pais acabam consultando e tal e na época a gente achou que realmente seria uma boa elas irem para lá. Uma delas depois de ir para lá acabou se lesionando e seguidamente repetindo a lesão e acabou abandonando o esporte, a Ana Jéssica Pinto. E a outra menina foi a Natália (Saar) que também foi na mesma leva né e a Natália depois do Bradesco ela migrou, ela foi para Jundiaí onde ela passou acho que um ou dois anos em Jundiaí. Depois disso ela conseguiu ir para os Estados Unidos. Terminou a universidade nos Estados Unidos e acabou voltando, ficou algum tempo aqui em São José com a gente e agora também tá parada, desistiu. (TP5)

Além das duas atletas que foram pra Osasco e seguiram suas carreiras, TP5 relembra do seu atleta que foi para a Europa, passando antes pelo Minas Tênis Clube:

O outro menino que saiu foi o Vithor Juliatto<sup>14</sup> que saiu pro Minas Tênis né que também foi o clube que veio atrás dele né e só teve essa consulta dos pais com a gente, também é um excelente clube e tal, um

---

<sup>14</sup> Em conversa pessoal o atleta Vithor relatou que atualmente está jogando pelo Costone Siena, clube da série C do basquetebol italiano.

lugar bacana que ele foi. Ficou lá por quatro, cinco anos e hoje ele tá num clube da terceira divisão da Espanha. Jogou ano passado lá e esse ano retornou para lá, tá jogando lá na Espanha. (TP5)

TC2 avalia os atletas encaminhados citando que as estruturas do clube destino, não só na parte de treinamento, mas também de acomodação, acabam sendo ponto importante para a decisão do treinador e do atleta:

A maioria dos atletas que a gente encaminhou foi para os Estados Unidos. Até pela questão econômica que os atletas tinham na época que facilitava, a gente conseguiu encaminhar para lá. Teve atletas que foram para Bauru, que na época tinha uma estrutura melhor na base do que atualmente, então eu acredito que faria a mesma coisa, mesmo direcionamento que passei na época, hoje. Então foi um pouco pela atenção da amizade né, Bauru que tinha conhecimento lá, mas se não fosse Bauru, seria alguma equipe de São Paulo, que tivesse uma estrutura não só de treinamento, mas para ele conseguir ter uma vida digna. Hoje a gente vê muitos atletas que vão para fora que tem vida difícil, que dormem em locais que não são muito adequados. Alimentação também não é muito adequada para a vida do atleta, então a gente pensa muito nisso aí também.” (TC2)

Aqui notamos algumas similaridades nos discursos dos treinadores, TC2, assim como TC1 trabalha em um clube, e comentou que a parte financeira dos atletas facilitou a entrada deles para o basquetebol norte-americano. Além disso, outros itens devem ser citados: a influência dos contatos da cidade de Bauru, e a preferência dos atletas com os clubes do estado de São Paulo. Não menos importante é o relato da ausência de condições básicas para o atleta em alguns clubes, que reforça a importância de centros para as jovens promessas e investimentos nessas instituições.

TC1 comenta sobre o maior sucesso da base do Círculo Militar de Curitiba atualmente, que é Leonardo Demétrio, além de seu irmão que também se profissionalizou:

[...] o destaque maior é o Léo Demétrio né que saiu e acabou jogando na Espanha e agora voltou atualmente para o Flamengo né que é o time com maior estrutura profissional do Brasil, aí tem o irmão dele, o Vitor Demétrio que também foi para os EUA e hoje joga na Itália, acabou até sendo convocado para seleção italiana universitária para disputar o Universiade. (TC1)

Na sequência, TC1 cita outros exemplos:

Posso falar do Fernando Sanches, do Salsa Mendes que joga em nível

universitário nos Estados Unidos. Um outro atleta que passou por mim também que não foi criado na base do Círculo, mas jogou por um determinado tempo lá no Círculo é o Diego que hoje joga no Paraguai com diversas convocações para a seleção adulta paraguaia. Mais recentemente saiu outros atletas agora mais novos, os dois últimos a saírem foi o Cauê que foi para escola em Miami e o Matheus que foi para uma universidade na Flórida, mas eu não vou saber dizer o nome da Universidade. São só alguns exemplos aí em todos os níveis. O Cauê tem 15 anos, o Matheus tem 18, o Vitor e o Léo Demétrio e o Diego já são profissionais. Acho que esses aí são bons exemplos. O Léo com certeza é o melhor exemplo e os outros são bons exemplos.

É possível notar que houve uma mudança de pensamento por parte dos treinadores paranaenses com relação ao futuro dos jovens atletas talentosos de suas equipes. Antes indicados para clubes de São Paulo, Rio de Janeiro ou o Minas Tênis Clube, agora a preferência passa a ser equipes dos Estados Unidos. Acreditamos que essa mudança de opção possa ser foco de estudo no futuro, mas desde já temos a hipótese de que essa troca se iniciou a partir do momento que se notou que os prodígios tinham os clubes maiores apenas como uma etapa antes de chegar ao nível internacional e que com o tempo e os atletas se destacando fora do país, as instituições paranaenses ficaram mais reconhecidas e obtiveram um capital maior e notado pelas instituições estadunidenses.

Podemos afirmar assim que nossos clubes, prefeituras e respectivos treinadores pouco a pouco ingressam no campo esportivo do basquetebol internacional. Apesar de ser um campo grande demais para obter uma análise mais detalhada, o contato entre essas organizações, o destaque dos próprios entrevistados nos dá indícios que a ausência de uma RNT no Brasil forçou um contato direto com os grandes centros mundiais.

Por fim, TA4 enumera os atletas oriundos de Foz do Iguaçu e também cita outros jovens de cidades que não constam em nossa pesquisa, mas que também seguiram carreira fora do Estado:

No nosso projeto aqui, os meninos, tem o Guilherme Serrano que está jogando no Palmeiras, tem o Paulo Antonio também que está com 16 anos que está jogando no Pinheiros, jogou na Seleção Brasileira também de base. Aqui do Paraná tem a Maria Paula Albiero (Medianeira) que era uma atleta jovem jogou na seleção paranaense está jogando na universidade BYU na primeira divisão do basquete Universitário Americano. Temos a Janaína Aparecida Gonçalves que está jogando *high school* lá nos EUA em Sarasota, numa academia de basquete que se chama Impact. Nós temos dois meninos que foram também agora em agosto iniciar o ano letivo lá e está jogando em Nova York no *high school*. Esses então são os maiores expoentes nossa assim nos últimos tempos. Tem vários outros meninos também que



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve, como objetivo geral, **diagnosticar a Rede de Treinamento de Basquetebol do estado do Paraná a partir da perspectiva dos técnicos.**

A partir dos discursos dos treinadores não foi identificado um sistema nacional organizado para a seleção e detecção de atletas, nem a nível estadual e tampouco nacional, ficando sob responsabilidade dos treinadores e das instituições que desenvolvem o basquetebol. Todos os entrevistados afirmaram que possuem maneiras para a captação de atletas – peneiras para os clubes, escolinhas para as prefeituras/associações – mas que não existe um passo adiante, onde os atletas talentosos possam dar sequência em sua tentativa de profissionalização na modalidade.

É possível notar que ao não ter o retorno das instituições organizadoras do basquetebol no país e no Estado (FPrB e CBB) que em tese seriam responsáveis pela captação de atletas, os agentes desse campo tomaram para si a responsabilidade, juntamente com suas respectivas instituições em que trabalham, de encontrar os jovens talentos pelo Paraná.

Ademais, podemos confirmar – com base nos depoimentos – que não há um modelo de trabalho a ser seguido pelos técnicos formadores, apesar de haver uma tentativa de progresso nesse aspecto para os treinadores da seleção paranaense, mas que não é o suficiente considerando que a porcentagem atingida por essa padronização é mínima. Como os atletas de seleção também não podem ser considerados uma parcela significativa dos jovens que praticam basquetebol no Paraná e que quando os mesmos são convocados uma importante época do desenvolvimento dentro da modalidade já ocorreu, nos parece claro que faz-se necessária uma atenção especial das entidades organizadoras do basquetebol paranaense e nacional para que essa padronização seja de qualidade, no início da trajetória do atleta e para todos, podendo assim oportunizar outras regiões do Estado e qualificar nossas seleções e atletas que seguem na modalidade profissionalmente. Com isso, refutamos nossa hipótese A e confirmamos nossa hipótese B sobre a RNT no Paraná, com um *modus operandi* de certa forma consolidado pela maioria dos entrevistados porém sem algo que os oriente oficialmente para pensar sobre a

evolução de seus atletas na carreira.

Há de se notar a disputa de poder entre os agentes do subcampo do basquetebol paranaense. Todos dotados de um *habitus* adquirido pelo tempo de trabalho na modalidade, há agentes que concordam e outros que discordam do conteúdo disponibilizado pelas seleções paranaenses aos atletas. Os que já detêm esse direito e capital, acreditam ser uma boa iniciativa, já quem está alheio a essas escolhas, sem participar da seleção, questiona a queima de etapas.

Foi identificado que as principais instituições envolvidas com basquetebol no estado do Paraná possuem realidades diferentes no que diz respeito à estrutura física e humana, apesar de todas apresentarem resultados consistentes (como estar sempre presente entre os 3 primeiros em várias categorias) nos últimos 8 anos. Apesar de não nos aprofundarmos no assunto, notamos que os clubes, 2 das 5 instituições presentes em nosso estudo, não só possuíam melhor estrutura, contando inclusive com academia para atletas como também as melhorou com os repasses advindos da CBC. Das outras 3 instituições pesquisadas, uma – São José dos Pinhais – não possui associação e seus recursos partem ou da própria cidade ou de participações/sede de eventos e as outras duas com uma gestão mais independente fazem parceria com seus respectivos municípios mas possuem autonomia para captação de recursos, onde Foz do Iguaçu possui uma captação minimamente rentável voltada a projetos e empresas e a cidade de Toledo, que possui colaboração de uma escola particular e 2 municipais. Em relação ao apoio especializado, apenas o ex-treinador Círculo Militar relatou profissionais a disposição de suas equipes e o técnico de São José dos Pinhais mencionou a parceria da prefeitura com uma clínica de fisioterapia.

Cabe aqui ressaltar, apesar de não constar nas entrevistas, que empiricamente no meio do basquetebol paranaense é sabido que os agentes que procuram a constituição de uma associação buscam o poder para dialogar com outras instituições passíveis de investimentos no basquetebol local, tentando se desvincular exclusivamente das prefeituras que acabam criando limites nesse aspecto, como patrocínios e demais parcerias.

Outro problema apontado nos depoimentos coletados em nossa entrevista foi sobre a formação continuada dos treinadores da modalidade, o que impacta diretamente no desenvolvimento do jovem talento. Foi constatada a

escassez de cursos voltados à área de basquetebol e a omissão da Federação Paranaense de Basketball e da Confederação Brasileira de Basquete – ainda que a segunda possuindo um programa de cursos que caiu no ostracismo e não mais é ofertado – que não atraem novos profissionais para a área e acomoda os que nela estão, restando aos interessados cursos online ou longe do seu local de trabalho, geralmente ofertados em outras línguas por outras confederações, o que limita seu alcance. Uma modalidade que está em constante evolução, tática, técnica e de regras, torna-se necessário uma oferta constante de atualizações dentro do esporte para seguir em dia com as tendências que o profissionalismo da modalidade exige do atleta e do próprio treinador, caso o mesmo almeje esse cenário.

Destacamos também as críticas perante a FPrB e seus agentes responsáveis, que variam de acordo com a posição do agente no campo. Quanto mais próximo dessa instituição, mais brandas são as críticas, quanto mais afastado, mais duras as mesmas se mostram. Tentamos analisar essas críticas notando o viés da posição do agente no campo, pois o local de fala dos agentes impacta diretamente em sua opinião sobre a instituição.

Acerca do incentivo financeiro, não consta nos relatos dos treinadores nenhum acréscimo em relação a formação continuada e aos atletas dentro das instituições, apenas a verba do Comitê Brasileiro de Clubes que se mostrou importante para as instituições beneficiadas, porém altamente restrita a essas localidades. As demais, seja por meio de parcerias ou com apoio da prefeitura se mantêm, mas não conseguem elevar seu patamar como ocorreu com os clubes pesquisados. Diante disso, podemos afirmar a necessidade de uma intervenção não só aos locais pesquisados, mas aos centros sem grandes resultados como um todo por parte da Federação afim de oportunizar que mais jovens tenham as condições básicas para um bom desenvolvimento dentro do basquetebol. Leis que abranjam todo tipo de instituição, desde facilitando parcerias, incentivando prefeituras ou repassando verbas são essenciais para o progresso da modalidade.

Segundo os treinadores, não há qualquer estrutura ou equipe técnica disponibilizada pela CBB para o desenvolvimento dos talentos do Estado, surgindo inclusive críticas sobre a polarização Rio de Janeiro/São Paulo nos últimos anos devido a redução de gastos por parte da Confederação. No âmbito

estadual nos parece que o que está construído parte de ações dos próprios treinadores e que conta com um certo apoio da FPrB. Encontros, participação de campeonatos extraoficiais, criação de seleções mais jovens afim de minimamente padronizar potenciais talentos são iniciativas que buscam preencher a lacuna que a ausência de apoio traz na formação desses jovens. Apesar de pouco em número, é um esforço viável para moldar os talentos conhecidos.

Ao término desse trabalho, podemos dizer que a Rede Nacional de Treinamento está presente no papel, consta na Lei mas não se efetiva na prática. Porém, há o que podemos chamar de “Rede informal”, não totalmente desenvolvida e muito menos oficializada, mas que acaba por cumprir com o objetivo de trilhar um caminho ideal para o atleta paranaense. Claro que por esse caminho estar presente nos conceitos dos entrevistados, há diferenças e similaridades entre o que foi feito e o que está sendo feito com os talentos da modalidade. De concordância, notamos que é feita a captação de atletas através de projetos, escolinhas, oportunizando bairros mais afastados nos casos das prefeituras/associações e escolinhas e peneiras nos clubes para que o jovem conheça a modalidade. No seu desenvolvimento, os que se destacam precisam de uma base suficiente, que é trabalhada nos encontros da seleção paranaense, mesmo que contestada em alguns depoimentos. As competições em alto nível também aparecem nos depoimentos como algo necessário e que está sendo feito no Estado. Porém, foi apontado a inevitabilidade da saída do Estado após (ou até antes) dos 17 anos para o desenvolvimento total do atleta, o que compreendemos pelo fato de termos apenas uma equipe profissional no cenário brasileiro de ponta no basquete. Nossa pesquisa revelou alguns destinos historicamente apontados, como o estado de São Paulo, mas evidenciou uma realidade pouco conhecida que é a intenção, procura e até um canal mais solidificado com o mercado norte-americano. Talvez “mercado” não seja a maneira ideal de nominar essa relação, já que não há um pagamento em dinheiro para tais atletas, mas sem dúvidas que bolsas, oportunidades, alojamentos, alimentação que passam a ser oferecidas em território norte-americano são um passo importante para o desenvolvimento e a profissionalização desses indivíduos. Salientamos também a palavra “mercado” por um agente também pouco comum no subcampo do basquetebol paranaense, mas que parece

acumular capital que é a figura do empresário, este, porém ainda com intencionalidades voltadas a clubes brasileiros, segundo as entrevistas.

Sabemos das limitações do nosso trabalho e entendemos a importância de novos estudos para dar luz a outros agentes desse campo, como atletas, dirigentes e empresários. Todavia, acreditamos ter demonstrado essa rede informal de maneira satisfatória através do treinador, mostrando a importância do mesmo na construção desse caminho.

As aspas do título exemplificam essa situação: Essa rede estadual não está no papel, mas sim na cabeça dos principais treinadores do Estado. Por não ser algo “oficial”, optamos pelas aspas para destacar que existe um processo, e que o mesmo caso seja apoiado pode vir a render bons frutos para o esporte paranaense. Esperamos que caso a Rede Nacional de Treinamento se efetive na prática e ganhe força no Estado, nossa pesquisa possa orientar um investimento ideal e com retorno considerável em locais e pontos necessários para o bom desenvolvimento do basquetebol paranaense como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Vítor Evangelista. **Capacidade de implementação e estimativa de valores para a Bolsa-Atleta do Governo Federal**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento) – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2016.

ALMADA, Vítor Evangelista; NETO, Pílade Baiocchi; FURTADO, Bernardo Alves. Desafios da Governança Esportiva Brasileira: O Caso da Rede Nacional de Treinamento. **Revista do Serviço Público**, n° 68, pp. 863-888, Brasília, out/dez 2017.

ALMEIDA, Lenildes Ribeiro da Silva. Pierre Bourdieu: A Transformação Social no Contexto de “A Reprodução”. **Revista da Faculdade de Educação da UFG**, v.30, n.1, jan/jun 2005.

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). **Sociologia da educação: pesquisa e realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANTONELLI, Mariana. DIAGNÓSTICO DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO BRASIL CUJAS MODALIDADES ATENDIDAS TÊM EXPECTATIVA DE CONQUISTA DE MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ARAÚJO, F.M. de B.; ALVES, E.M.; CRUZ, M.P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia** v.1, n.1, jan-jun 2009.

ATBB. Site Oficial da Associação dos Técnicos de Basquete do Brasil, 2019. Disponível em: <[http://atbb.com.br/2/index.php?route=information/information&information\\_id=7](http://atbb.com.br/2/index.php?route=information/information&information_id=7)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BADENHAUSEN, Kurt. **Os 10 times mais valiosos da NBA**. Forbes Brasil, 2018. Disponível em: <<http://forbes.uol.com.br/listas/2018/02/os-10-times-mais-valiosos-da-nba/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BASKETBALL – OLYMPICS WEBSITE. **Basketball is a relatively new sport, invented in 1891. It has now grown one of most popular sports in the United States**. Disponível em <<https://www.olympic.org/basketball>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

BELLO, Byra. **Blog Lance Livre**. Canal SporTv, 2011. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/platb/lancelivre/category/escola-nacional-de-treinadores/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompil](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompil)

ado.htm>. Acesso em 01 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001**. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o desporto. Disponível:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10264.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10264.htm)>. Acesso em 13 de julho de 2019. 2001.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm)>. Acesso em: 01 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em 14 julho de 2019

BRASIL. II Conferência Nacional do Esporte: Documento Final. Brasília: Ministério do Esporte, 2007.

BRASIL. III Conferência Nacional do Esporte: texto básico. Brasília: Ministério do Esporte, 2010a.

BRASIL. III Conferência Nacional do Esporte: Carta de Brasília. Brasília: Ministério do Esporte, 2010b.

BRASIL. **Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011**. Rede Nacional de Treinamento. 2011. Disponível em <[http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02\\_09\\_2016\\_lei\\_12\\_395\\_marco\\_2011.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02_09_2016_lei_12_395_marco_2011.pdf)> Acesso em 12 de novembro de 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm)>. Acesso em 01 de julho de 2019.

BOHME, M. T. S.; BASTOS, F. da C.. **Esporte de alto rendimento: Fatores críticos de sucesso, gestão e identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, n. 32, pp. 01-49, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica no campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/SP: Editora Zouk, 2006.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas/SP: Papyrus, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.
- CAMARGO, Philippe Rocha de. **O desenvolvimento do handebol brasileiro a partir das políticas públicas do Governo Federal: da iniciação ao alto rendimento**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- COSTA, I. T.; CARDOSO, F. S. L.; GARGANTA, J. O índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de Futebol ao alto nível de rendimento? **Revista Motriz**, v. 19, n. 1, p. 34-45, 2013.
- CÔTÉ, J.; GILBERT W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, 2009.
- CAREGNATO, André Felipe. **O atletismo brasileiro a partir do entendimento de agentes: gestores, treinadores, atletas e ex-atletas**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- CASTELAN, Lia Polegato. **As conferências nacionais do esporte na configuração na política esportiva e de lazer no governo Lula (2003 – 2010)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- CASTRO, Daniel E. de. Nova crise política faz basquete brasileiro reviver fantasmas recentes. **Jornal Folha de São Paulo**, 21 dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/nova-crise-politica-faz-basquete-brasileiro-reviver-fantasmas-recentes.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- CBB. O Esporte no Brasil. **Site Oficial da Confederação Brasileira de Basketball**, 2018. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/a-cbb/o-basquete/o-esporte-no-brasil>>. Acesso em: 10 de set. 2018.

CBB. CBB e ATBB se unem em torno de um só objetivo: a Escola Nacional de Treinadores. **Site Oficial da Confederação Brasileira de Basketball**, 2018b. Disponível em: < <http://www.cbb.com.br/noticias/2018/07/cbb-e-atbb-se-unem-em-torno-de-um-so-objetivo-a-escola-nacional-de-treinadores>>. Acesso em: 23 nov. 2019

CONDE, Paulo Roberto. Em crise, basquete brasileiro vê dívida crescer 1.350% em seis anos. **Jornal Folha de São Paulo**, 03 nov. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/11/1828853-em-crise-basquete-brasileiro-ve-divida-crescer-1350-em-seis-anos.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1987.

De BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBRUG, S; SHIBLI, S. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European Sport Management Quarterly**, 6(2), pp.185-215, 2006.

DE BOSSCHER, V.; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. **The global sporting arms race**: na international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2008.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBRUG, S.; BINGHAM, J. **Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries**. Sport Management Review, v. 12, p.113-36, 2009.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Ano CLIII N° 139 - Brasília - DF, quinta-feira, 21 de julho de 2016.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Ano CLIII N° 147 - Brasília - DF, terça-feira, 2 de agosto de 2016.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Ano CLVI, N° 94, - Brasília - DF, sexta-feira, 17 de maio de 2019.

DIGEL, H. The context of talent identification and promotion: a comparison of nations. **New Studies in Athletics**, v. 17, n. 3,4, p. 13-26, 2002.

ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE BASKETBALL. **Site Oficial**. Disponível em: < <http://www.basqueteparana.com.br/selecoes/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

FERREIRA, R. **Estudo comparativo de alguns Sistemas Esportivos Nacionais visando um contributo para o Brasil**. Políticas para o Esporte de Alto Rendimento. São Paulo, 2007.

FIBA. History. **Site Oficial da Federação Internacional de Basquete**, 2018. Disponível em: <<http://www.fiba.basketball/history>>. Acesso em: 11 set. 2018.

FLAUSINO, Michelle da Silva. **Plano Decenal: As Políticas Públicas de**

**Esporte e Lazer em Jogo.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GALLATI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; MACHADO, Gisele Viola; GONÇALVES, Carlos Eduardo de Barros; SEOANE, Antonio Monteiro. **Determinantes de Excelência no Basquetebol Feminino: As Conquistas da Seleção Brasileira na Perspectiva das Atletas.** Revista de Educação Física/UEM, v. 26, nº 4, p. 621-632, 4º trimestre de 2015.

GANTUS, Mario Cardoso; ASSUMPÇÃO, Jurandyr D'Ávila. **Epidemiologia das lesões do sistema locomotor em atletas de basquetebol.** Acta Fisiátrica 9(2): 77-84, 2002.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O Campo das Produções Simbólicas e o Campo Científico em Bourdieu. **Cadernos de Pesquisa**, n. 97, pp. 64-72. São Paulo, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. Editora Atlas S.A, 2008.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Volume 1. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite Sport Development system and playng to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisurie Studies.** v.20, n.4, p. 247-2267, 2001.

GODOY, L. **O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: Revelações e possíveis delineamentos.** (Tese). Universidade Federal do Paraná. Educação Física. Curitiba. 2013.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. The changing status of school sport and physical education: explaining policy change. **Sport, Education and Society.** v. 11, n. 1, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª ed. 5ª reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LNB (Liga Nacional de Basquete). **Site Oficial.** Linha do tempo. Disponível em: <<http://lnb.com.br/institucional/linha-do-tempo/#ano2008>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

LNB (Liga Nacional de Basquete). **Site Oficial.** Classificação. Disponível em: <<https://lnb.com.br/nbb>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MACHADO, Heriberto Ivan. **O Basquetebol no Paraná.** Editora Clinihauer, 2004.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Sacando o Voleibol.** São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MARQUES, Wlamir. Jogo das Estrelas do NBB, um mercado de ilusões. **Blogs ESPN**, 04 mar. 2013. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/blogs/wlamirmarques/313775\\_jogo-das-estrelas-do-nbb-um-mercado-de-ilusoes](http://www.espn.com.br/blogs/wlamirmarques/313775_jogo-das-estrelas-do-nbb-um-mercado-de-ilusoes)>. Acesso em: 25 jul. 2019.

MAZZEI, L. C. Judô de alto rendimento: **Fatores organizacionais que influenciam o sucesso esportivo internacional**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 149p, 2015.

MENESES, Lucas Rodriguez; GOIS JUNIOR, Luis Eduardo Mello; ALMEIDA, Marcos Bezerra de. **Análise do desempenho do basquetebol brasileiro ao longo de três temporadas do Novo Basquete Brasil**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V. 38(1) pp. 93-100, 2016.

MEIRA, T.B; BASTOS, F.C. & BÖHME, M.T.S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.251-62, abr./jun. 2012.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: Da formação dos Clubes Esportivos às atuais Políticas governamentais**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2000.

MEZZADRI, F. M.; MORAES E SILVA, M.; CAVICHIOLLI, F. R. Brazil. In: Kristiansen E, Parent MM, Houlihan B. **Elite youth sports policy and management: a comparative analysis**. Abingdon: Routledge; 2016.

MIRANDA, Carlos Fabre; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. **As Estruturas Elementares das Políticas Públicas na Rede Nacional de Treinamento**. Congresso Brasileiro de História do Lazer, Esporte e Educação Física. Unicamp. Campinas, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Pesquisa Social, 2009.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. Secretaria Especial do Esporte. **Rede Nacional de Treinamento**. Site Oficial do Ministério da Cidadania, 2019. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/rede-nacional-de-treinamento>>. Acesso em 21 dez. 2019.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Centro de Iniciação ao Esporte CIE**. Site Oficial do Ministério do Esporte 2014a. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/cie>>. Acesso em 12 set. 2018.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Escola Nacional de Treinadores de Basquete terá pela primeira vez curso autossustentável**. Site Oficial do Ministério do Esporte, 2014b. Disponível em: <<http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/47171-escola-nacional-de-treinadores-de-basquete-tera-pela-primeira-vez-curso-autossustentavel>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Centros de Iniciação ao Esporte**. Site Oficial do Ministério do Esporte, 2016. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/54711-centros-de-iniciacao-ao-esporte>>. Acesso em 08 de set. 2018.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Rede Nacional de Treinamento**. Site Oficial do Ministério do Esporte, 2017. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/rede-nacional-de-treinamento>>. Acesso em 21 ago. 2017.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas**. Ciência & Saúde Coletiva. Scielo, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2006.v11n2/515-526/pt/>>. Acesso em 18 fev. 2019.

MORALES, Juan Carlos Pérez; Greco, Pablo Juan. **A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual**. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 21(4), 291-299, 2007.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2004. Disponível em: [inf.ufes.br](http://inf.ufes.br). Acesso em: 15 set. 2016.

MURILO, Paulo. **Blog Basquete Brasil**, 2010. Disponível em: <<http://blog.paulomurilo.com/2010/06/22/certificacaoou-provisionamento/>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

NAISMITH, J. **Basketball: its origin and development**. Nebraska: Bison Books, 1996. O BASQUETE NO BRASIL. **Site Oficial da Confederação Brasileira de Basquetebol**. Disponível em <<http://cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/BasqueteBrasil>>. Acesso em 15 ago. 2017.

OKAZAKI, Victor Hugo Alves; RODACKI, André Luiz Félix; SARRAF, Thiago Augusto; DEZAN, Valério Henrique; OKAZAKI, Fabio Heitor Alves. **Diagnóstico da especificidade técnica dos jogadores de basquetebol**. R. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 12 n. 4 p. 19-24 dezembro, 2004.

OLIVEIRA, Petronilo. Em Curitiba, quatro clubes do Paraná recebem recursos da CBC. **Site do Ministério do Esporte**, 2015. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/50261-em-curitiba-quatro-clubes-do-parana-recebem-recursos-da-cbc>>. Acesso em: 05 de mai. de 2018.

PASTRE, Thais. **O basquetebol veterano no Paraná: a formação de grupos e instituições sociais**. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

PELLANDA, Fabio Antonio. **O processo de formação do atleta de basquetebol masculino em Curitiba**. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2010.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá. v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PLANO BRASIL MEDALHAS. **Site oficial do Ministério do Esporte**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas>>. Acesso em 21 ago. 2017.

RAMOS, Valmor; GRAÇA, Amândio Braga dos Santos; NASCIMENTO, Juevez Vieira do. **A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.1, p.37-49, jan./mar, 2006.

RODRIGUES, A. D. A emergência dos campos sociais. In: REVAN, R. S. (org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: UFPI, 2000.

ROSE JUNIOR, Dante de; DESCHAMPS, Sílvia; KORSAKAS, Paula. **Situações Causadoras de “Stress” no Basquetebol de Alto Rendimento: Fatores Competitivos**. Rev. paul. Educ. Fis., São Paulo, 13(2): 217-29. jul./dez. 1999.

RUBIO, Katia. **Memória e Imaginário de Atletas Medalhistas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo, 2004. Tese [Livre Docência]. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2004a.

RUBIO, Katia. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004b.

SANFELICE, Gustavo Roese. Campo Midiático e Campo Esportivo: **Suas relações e construções simbólicas**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, nº 2, p. 137-153, janeiro 2010.

SARMENTO, Daniel. **Direitos fundamentais e relações privadas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Informare - **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v.1, n.2, pp.24-36, 1995.

SILVA FILHO, Florio Joaquim. **Estrutura organizacional e qualidade da detecção seleção e promoção de talentos do judô de alto rendimento no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUZA, Juliano de. A reflexividade metodológica de Pierre Bourdieu como modelo heurístico para a leitura do esporte no Brasil – potencialidade e contribuições. In: MARCHI JÚNIOR, Wanderley (org). **Ensaio em Sociologia do Esporte**. São Paulo: Factash, 2011.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas S.A., 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Política Nacional do Esporte**. 1999.

VAEYENS, R., et al. Talent identification and development programmes in Talent Identification and Specialization sport: current models and future directions. **Sports Med**. v.38. p.703–714. 2008.

WACQUANT, L. Esclarecer o Habitus. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. v. 14 p. 35-41, 2009.

## ANEXOS

### Roteiro de Entrevista:

#### Informações Gerais

Instituição:

Nome completo:

Período que exerce a função de treinador:

Idade: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de formatura: \_\_\_\_\_

Possui curso de atualização? ( ) sim ( ) não Ano do último curso? \_\_\_\_\_

Possui curso de pós-graduação? ( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado  
( ) não possuo.

Pós Graduação em:

### Roteiro de Entrevistas

1) Qual é sua trajetória dentro do Basquetebol? (CATEGORIA: Trajetória)

2) Quais são suas principais conquistas? (CATEGORIA: Trajetória)

3) Existe algum programa para capacitação do técnico disponível? Com que frequência vocês se atualizam? Existem níveis para qualificar os treinadores? (CATEGORIA: Formação/qualificação dos treinadores)

4) Ainda sobre uma possível capacitação: Quem tem acesso a esses cursos? Há um nível de qualificação especial para os treinadores de iniciação, ou de alto rendimento? Isso é pré-requisito para atuar? (CATEGORIA: Formação/qualificação dos treinadores)

5) Existe um modelo de desenvolvimento de jovens talentos no basquetebol do Paraná ou no Brasil? (CATEGORIA: Sistema de formação de atletas)

6) Como deve ser desenvolvido, na sua opinião, a forma de trabalho com jovens atletas? Qual o principal problema do treinador do jovem atleta? (CATEGORIA: Sistema de formação de atletas // Papel das entidades)

7) Existe algum programa da FPrB ou da CBB para a identificação, seleção ou detecção de jovens talentos? Existe acompanhamento do jovem talentoso? O local que você trabalha participa desse processo de seleção, detecção e formação de atletas? (CATEGORIA: Sistema de formação de atletas // Papel das entidades)

8) Houve alguma melhora de estrutura recentemente no local onde você trabalha? Você sabe de onde veio o recurso para tais melhorias? (CATEGORIA: Estrutura física)

9) Existe auxílio na implantação de estruturas ou material esportivo onde você trabalha? Qual o número aproximado de atletas sua instituição possui? Há pessoal de apoio especializado? (CATEGORIA: Estrutura física)

10) Vocês organizam reuniões de treinadores? Existe um trabalho em conjunto? (CATEGORIA: RNT)

11) O Brasil está tentando formar uma Rede Nacional de Treinamento (RNT). Você já ouviu falar dessa lei? (CATEGORIA: RNT)

12) Qual a trajetória sugerida por você a um jovem talento que tem grande destaque na sua equipe? Qual a sua participação nesse processo? (CATEGORIA: RNT // Papel das entidades)

13) Existem centros nacionais via confederação? Ou locais? regionais? Qual a quantidade? Como funciona? Onde se localizam os principais do país para diferentes níveis? (CATEGORIA: RNT // Papel das entidades)

14) Quais atletas que passaram por você que tiveram sucesso (foram para fora do Estado jogar)? Onde eles estão atualmente? Você encaminhou eles para algum clube na época? Qual? Se fosse hoje, para onde encaminharia eles?